



CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens

Isabela Bertho Campolina

**Desenvolvimento de competência intercultural por aprendizes de Português língua
adicional: estudo multicaso em um curso preparatório para o PEC-G oferecido pelo
CEFET-MG**

**Belo Horizonte (MG)
2024**

ISABELA BERTHO CAMPOLINA

**Desenvolvimento de competência intercultural por aprendizes de Português como
Língua adicional: estudo multicaso em um curso preparatório para o PEC-G oferecido
pelo CEFET-MG**

Dissertação submetida ao Colegiado de Curso de Mestrado em Estudos de Linguagens, do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais - CEFET-MG, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre.

Área de concentração: Tecnologia e Processos Discursivos

Linha de Pesquisa: Linguagem, Ensino, Aprendizagem e Tecnologia

Orientadora: Profa. Dra. Maria Raquel Bambirra

**Belo Horizonte (MG)
2024**

Campolina, Isabela Bertho.
C198d Desenvolvimento de competência intercultural por aprendizes de português como língua adicional : estudo multicaso em um curso preparatório para o PEC-G oferecido pelo CEFET-MG / Isabela Bertho Campolina. – 2024.
120 f. : il.
Orientadora: Maria Raquel Bambirra.
Dissertação (mestrado) – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, Belo Horizonte, 2024.
Bibliografia.
1. Competência cultural. 2. Interculturalidade. 3. Língua portuguesa - Estudo e ensino - Falantes estrangeiros. 4. Aquisição de segunda língua. 5. Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros. 6. Programa de Estudantes-Convênio de Graduação. I. Bambirra, Maria Raquel. II. Título.
CDD: 469.824



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS
GERAIS
COORDENAÇÃO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
ESTUDOS DE LINGUAGENS - NS



ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO Nº 29 / 2024 - POSLING (11.52.09)

Nº do Protocolo: 23062.045674/2024-90

Belo Horizonte-MG, 26 de setembro de 2024.

**ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE APRESENTAÇÃO E DEFESA DE DISSERTAÇÃO
PARA OBTENÇÃO DO TÍTULO DE MESTRA EM ESTUDOS DE LINGUAGENS**

No dia 18 de setembro de 2024, às 9h00, em ambiente virtual, reuniu-se a Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens do CEFET-MG, constituída pelos membros: Prof.^a Dr.^a Maria Raquel de Andrade Bambirra (Orientadora) (CEFET-MG), Prof.^a Dr.^a Liliane de Oliveira Neves (CEFET-MG), Prof.^a Dr.^a Alcione Gonçalves (CEFET-MG) e Prof.^a Dr.^a Patrícia Rodrigues Tanuri Baptista (CEFET-MG), para examinar o trabalho da mestranda **ISABELA BERTHO CAMPOLINA**, sob o título: "DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIA INTERCULTURAL POR APRENDIZES DE PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ADICIONAL: estudo multicaso em um curso preparatório para o PEC-G oferecido pelo CEFET-MG". A Prof.^a Dr.^a Maria Raquel de Andrade Bambirra, Presidente da sessão pública de apresentação e defesa de dissertação de mestrado, declarou aberta a sessão, passando a palavra à mestranda **ISABELA BERTHO CAMPOLINA**, para que expusesse sua dissertação. Terminada a exposição, a Presidente passou a palavra para a Banca Examinadora, que iniciou a arguição. Em seguida, reuniu-se a Banca Examinadora para deliberação. Ao retornar, a Presidente deu conhecimento à candidata de que sua dissertação foi aprovada e que, no prazo de 60 dias, deverá incluir as sugestões da Banca. Nada mais havendo a tratar, a Presidente declarou encerrada a sessão. Para constar, foi lavrada esta ata, que será assinada pela Presidente e pelos demais membros da Banca Examinadora.

(Assinado digitalmente em 26/09/2024 19:10)
ALCIONE GONCALVES
PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO
DELTEC (11.55.08)
Matrícula: 2097955

(Assinado digitalmente em 26/09/2024 15:11)
LILIANE DE OLIVEIRA NEVES
SECRETARIO EXECUTIVO
CCI (11.49.01)
Matrícula: 1591079

(Assinado digitalmente em 01/10/2024 16:42)
MARIA RAQUEL DE ANDRADE BAMBIRRA
PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO
DELTEC (11.55.08)
Matrícula: 2322048

(Assinado digitalmente em 26/09/2024 15:52)
PATRICIA RODRIGUES TANURI BAPTISTA
PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO
DELTEC (11.55.08)
Matrícula: 2165214

Visualize o documento original em <https://sig.cefetmg.br/public/documentos/index.jsp>
informando seu número: 29, ano: 2024, tipo: ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO, data de
emissão: 26/09/2024 e o código de verificação: 31533fa615

AGRADECIMENTOS

Agradeço a D'us e ao Universo, por me darem esperança mesmo diante das minhas falhas.

Agradeço ao meu marido Adriano Guimarães, meu grande amor e que foi, é e sempre será o meu porto seguro.

Agradeço aos meus gatos, Jane e Panda, que trazem amor e alegria à minha vida diária.

Agradeço aos meus pais, Ângelo Campolina e Beatriz Campolina, pela minha criação repleta de amor, por me ensinarem o valor do estudo e por sempre me incentivarem a buscar meus objetivos.

Agradeço aos meus irmãos, Raphael e André, que contribuíram para quem eu sou hoje.

Agradeço a minha orientadora, Raquel Bambirra, por não ter desistido de mim. Sua contribuição para a realização deste trabalho e sua riqueza em conhecimento sempre serão motivos para admirá-la.

Agradeço à Profa. Dra. Alcione Gonçalves pelos áudios, escuta e apoio emocional.

Agradeço ao Prof. Dr. Henrique Leroy, à Profa. Dra. Patrícia Tanuri e à Profa. Dra. Marília Scaff por terem participado da Banca Examinadora de Qualificação do Projeto de Pesquisa e contribuído com considerações significativas.

Agradeço à Dra. Liliane de Oliveira Neves, à Profa. Dra. Patrícia Rodrigues Tanuri Baptista e à Profa. Dra. Alcione Gonçalves, por terem aceitado participar da Banca Examinadora de defesa. Sua leitura é muito importante para mim!

À Carolina Campolina, Stella Maria e Camila Dornelas – sem a amizade de vocês eu nada seria. Obrigada por tanto!

Agradeço imensamente às minhas amigas (e madrinhas) Rafaela Pascoal e Mônica Baeta (Monicat) por não me deixarem desistir.

Agradeço a minha psicóloga Valéria Pena, por me trazer luz na escuridão.

Agradeço aos psiquiatras que passaram durante minha trajetória do mestrado. Sem eles eu não teria acesso aos remédios que me ajudaram a continuar existindo.

Aos meus brazgringos, Gérard, Brice e Arcade, pelo apoio e carinho.

Agradeço aos meus amigos que me deram força.

A todos que de alguma forma me ajudaram: muito obrigada!

*“A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos,
ela se afasta dois passos. Caminho dez passos
e o horizonte corre dez passos.
Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei.
Para que serve a utopia?
Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar.”*
Eduardo Galeano

“Minha pátria é a língua Portuguesa.”
Fernando Pessoa

*“Digo: o real não está na saída nem na chegada: ele se
dispõe para a gente é no meio da travessia.”*
João Guimarães Rosa

RESUMO

Esta dissertação examina o desenvolvimento da competência intercultural por estudantes estrangeiros que aprendiam Português como Língua Adicional no Brasil, com foco no curso preparatório para o exame Celpe-Bras, oferecido pelo CEFET-MG. Investigou-se como esses alunos, oriundos de diferentes países, enfrentaram desafios culturais e linguísticos ao se inserirem em um novo contexto acadêmico e social, ou seja, buscou-se compreender como estava ocorrendo o desenvolvimento da competência intercultural por esses alunos. Foi feita uma pesquisa aplicada, de orientação exploratória em formato de estudo multicaso. Oito estudantes voluntariaram-se para participar e responderam a um questionário e a uma entrevista semiestruturada. Os dados foram abordados qualitativamente à luz do modelo de competência intercultural de Michael Byram (2021), que aborda dimensões como conhecimentos, habilidades, atitudes e consciência crítica cultural. Os resultados indicam que a imersão cultural no curso preparatório não só facilita a aquisição do Português, mas também promove a habilidade de lidar com diferenças culturais, incentivando uma reflexão crítica sobre as relações sociais e culturais. Conclui-se que o desenvolvimento da competência intercultural é vital para a adaptação acadêmica dos estudantes estrangeiros e contribui para sua formação como cidadãos globais capazes de enfrentar os desafios de um mundo multicultural.

Palavras-chave: competência intercultural, interculturalidade, Celpe-Bras, PEC-G, Português como Língua Adicional.

ABSTRACT

This thesis examines the development of intercultural competence by foreign students learning Portuguese as an Additional Language in Brazil, focusing on the preparatory course for the Celpe-Bras exam, offered by CEFET-MG. The study investigated how these students, from different countries, faced cultural and linguistic challenges when entering a new academic and social context, that is, the study sought to understand how the development of intercultural competence by these students was occurring. An applied, exploratory research was conducted in a multi-case study format. Eight students volunteered to participate and answered a questionnaire and a semi-structured interview. The data were approached qualitatively in light of Michael Byram's (2021) intercultural competence model, which addresses dimensions such as knowledge, skills, attitudes, and critical cultural awareness. The results indicate that cultural immersion in the preparatory course not only facilitates the acquisition of Portuguese, but also promotes the ability to deal with cultural differences, encouraging critical reflection on social and cultural relations. It is concluded that the development of intercultural competence is vital for the academic adaptation of foreign students and contributes to their formation as global citizens capable of facing the challenges of a multicultural world.

Keywords: intercultural competence, interculturality, Celpe-Bras, PEC-G, Portuguese as an Additional Language.

LISTA DE FIGURAS E QUADROS

FIGURA 1	- Modelo da competência intercultural / competência comunicativa intercultural	22
QUADRO 1	- Participantes da pesquisa	29

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACIN	-	Abordagem Comunicativa Intercultural
AI	-	Abordagem Intercultural
CAPES	-	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa de Nível Superior
CEFET-MG	-	Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais
CELPE-BRAS	-	Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros
C1	-	Cultura Nativa
C2	-	Cultura Estrangeira
C3	-	Terceira Cultura
CEP	-	Comitê de Ética em Pesquisa
CI	-	Competência Intercultural
CCI	-	Competência Comunicativa Intercultural
IES	-	Instituições de Ensino Superior
MEC	-	Ministério da Educação
PEC-G	-	Programa de Estudantes-Convênio de Graduação
PEC-PG	-	Programa de Estudantes-Convênio de Pós-Graduação
PFOL	-	Português para Falantes de Outras Línguas
PLA	-	Português como Língua Adicional
PLE	-	Português como Língua Estrangeira
POSLING	-	Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens
TCLE	-	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TCC	-	Trabalho de Conclusão de Curso
UFSCar	-	Universidade Federal de São Carlos

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
1.1	Contextualização	12
1.2	Justificativa	15
1.3	Problema	16
1.4	Objetivos	17
1.5	Organização da dissertação	18
2	REVISÃO DA LITERATURA	19
2.1	Língua-cultura	19
2.2	Competência intercultural	22
3	METODOLOGIA	27
3.1	Classificação da pesquisa	27
3.2	Contexto e participantes da pesquisa	28
3.3	Procedimentos metodológicos e instrumentos para geração de registros	29
3.4	Crítérios para análise dos registros gerados	30
3,5	Considerações éticas	31
4	APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	33
4.1	Visões e opiniões dos participantes em relação à sua cultura e à cultura do outro	33
4.1.1	Em relação à alimentação	33
4.1.2	Em relação ao lazer	34
4.1.3	Em relação ao estudo	37
4.1.4	Em relação aos aspectos sociais	39
4.2	Saberes da competência intercultural de cada participante	41
4.2.1	Participante 1	42
4.2.2	Participante 2	46
4.2.3	Participante 3	51

4.2.4	Participante 4	56
4.2.5	Participante 5	61
4.2.6	Participante 6	65
4.2.7	Participante 7	70
4.2.8	Participante 8	73
4.3	Conclusão	79
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
5.1	Retomada das Perguntas de Pesquisa	80
5.2	Implicações sociais	82
5.3	Principais contribuições deste trabalho	83
5.4	Sugestões para futuras pesquisas	83
6	REFERÊNCIAS	85
	APÊNDICES	87
	ANEXOS	107

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa foca na Competência Intercultural (CI) dos estudantes estrangeiros, matriculados no curso preparatório para o exame que concede o Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros (Celpe-Bras). O curso é oferecido aos alunos selecionados pelo Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G). Neste capítulo, situo a pesquisa na área da Linguística Aplicada ao ensino de Português como Língua Adicional (PLA), justifico sua relevância, defino o problema de pesquisa, delimito seu escopo com objetivos gerais e específicos, transformo esses objetivos em perguntas de pesquisa e explico a organização da dissertação.

1.1 Contextualização

Durante as últimas décadas, a globalização influenciou o fluxo de estrangeiros que buscam por oportunidades de estudo e/ou no mercado de trabalho internacional. Esse cenário que ocorre mundialmente tem proporcionado o encontro de pessoas oriundas de outros países e de suas culturas. A respeito do Brasil, nos últimos anos, as instituições de ensino recebem cada vez mais alunos estrangeiros que optam por estudar aqui. Coelho e Campolina (2019) apontam que algumas iniciativas governamentais facilitam o acesso desses alunos aos cursos de graduação e pós-graduação, como é o caso do Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G) e o Programa de Estudantes-Convênio de Pós-Graduação (PEC-PG).

Diante desse panorama que possibilita interações multiculturais, tanto no Brasil quanto ao redor do globo, novos contextos de comunicação vêm sendo viabilizados e, por isso, mais questões sobre ensino e aprendizagem de língua estrangeira têm sido discutidas. Uma delas, que pretende justamente dialogar com este novo cenário, é o da perspectiva de ensino intercultural (Mendes, 2011). Essa abordagem de ensino e de aprendizagem, baseada na interculturalidade, traz consigo uma nova visão de língua – uma visão de língua como cultura, ou língua-cultura, pois atualmente, além dos aspectos formais da língua, outros são considerados nos contextos de ensino, como: econômicos, políticos e sociais.

Segundo Mendes (2011), a língua é mais do que um objeto de ensino, pois é a ponte mediadora entre sujeito/mundos culturais. Seu enfoque, então, dar-se-á nas relações de diálogo. Consequentemente, a língua portuguesa “é aquela que representa a nossa língua-cultura brasileira, a qual deve ser capaz de atuar como ponto de partida para a construção de ambientes

de mediação culturais, de lugares de negociação e de partilha” (MENDES, 2011, p.140). Nesse sentido, Paraquett (2005) afirma que

a aula de língua estrangeira é um espaço privilegiado que possibilita o exercício da inserção sociocultural de nossos aprendizes em seu universo, ou melhor, no mundo contemporâneo. Ela é um laboratório para o amadurecimento, o reconhecimento e a aceitação do eu e do outro. Mas ela pode ser muito perigosa quando se restringe a marcar as diferenças. É na aprendizagem de uma língua estrangeira que rompemos barreira com o estrangeiro. Mas é preciso que essa seja uma viagem feita com ida e volta. O perigoso é levar o eu ao outro e deixá-lo lá, sem trazê-lo de volta. Ensinar e aprender uma língua estrangeira é ensinar e aprender a ser o eu e não o outro (p. 306).

A fim de contribuir, portanto, para o desenvolvimento de falantes críticos e reflexivos, ensinar língua portuguesa requer uma abordagem intercultural, pois esta visa a contribuir para que as percepções culturais sobre o outro sejam amenizadas. Ter a consciência de que a língua possui uma natureza multicultural, constituída por culturas e identidades, faz-se conveniente, uma vez que o conhecimento estrutural da língua não se revela suficiente para estabelecer relações com outros falantes, sujeitos/mundos culturais específicos.

Ademais, Mendes (2004) explica que o sentido que devemos atribuir à palavra intercultural é o de uma ação/esforço integrador, capaz de suscitar atitudes e comportamentos comprometidos com princípios orientados para o respeito às diferenças, à diversidade cultural e ao outro; princípios esses que devem estar presentes em todo processo de ensino e de aprendizagem, seja de qualquer conteúdo escolar. É o esforço para a promoção da integração, da cooperação e da interação entre os indivíduos de diferentes mundos culturais, de modo a construir novos significados.

Portanto, os aspectos interculturais do ensino e da aprendizagem de uma língua estrangeira – conscientização e sensibilização do aluno diante da língua-cultura alvo – são importantes para o ensino de Português como Língua Adicional (PLA)¹, uma vez que eles criam um espaço intermediário por meio do qual o aluno refletirá sobre sua língua-cultura própria e a língua-cultura alvo: a competência intercultural (CI). Tal competência pode contribuir para o estabelecimento de uma ponte entre as culturas, pois o falante conseguirá reconhecer e interpretar aquilo que faz sentido para o grupo da língua-alvo, principalmente no caso de estrangeiros em contexto de imersão.

¹ Nesta pesquisa, foi adotada a sigla PLA, mas outras denominações são amplamente utilizadas em contextos diversos como Português como Língua Estrangeira (PLE), Português para Falantes de Outras Línguas (PFOL), Português como Língua de Acolhimento (PLAc), entre outros.

As reflexões que levaram à escolha da competência intercultural como tema deste trabalho surgiram do encontro da minha trajetória acadêmica como pesquisadora em PLA e do desejo de responder aos meus questionamentos sobre o estabelecimento de um relacionamento mais humano com pessoas de outras línguas e culturas. Durante a minha graduação em Letras – Tecnologias de Edição, no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), ao estudar sobre diversos assuntos, foi na interculturalidade que encontrei meios de solucionar os meus questionamentos e (re) configurar o meu método de ensino de PLA.

Em vista disso, o meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) foi sobre a competência intercultural dos examinandos da parte oral do Celpe-Bras (Campolina, 2017). A fim de me voltar mais para o processo de ensino e de aprendizagem de língua estrangeira e da abordagem intercultural em sala de aula, decidi que a minha dissertação teria o enfoque dos alunos do curso preparatório para o exame Celpe-Bras, oferecido aos candidatos ao PEC-G, conhecido no CEFET-MG como Pré-PEC-G.

O Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G)² oferece a cidadãos de países³ em desenvolvimento com os quais o Brasil mantém acordo educacional ou cultural oportunidades de formação superior em Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras. Criado oficialmente em 1965, é administrado pelos Ministérios das Relações Exteriores e da Educação. Reconhecido pelo Decreto nº 55.613 e, atualmente, regulamentado pelo Decreto nº 7.948, o programa seleciona estrangeiros, entre 18 e preferencialmente até 23 anos, em sua maioria advindos de países africanos e sul-americanos.

Diversos cursos são ofertados em parceria com universidades públicas - federais e estaduais - e particulares. O aluno estrangeiro selecionado cursa gratuitamente a graduação, mas deve atender a alguns critérios; como: ter certificado de conclusão de ensino médio ou curso equivalente, provar que é capaz de custear suas despesas no Brasil e comprovar proficiência em língua portuguesa que, segundo Coura-Sobrinho *et al.*:

se dá por meio da apresentação do Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros (Celpe-Bras). O referido exame acontece em duas edições anuais em Postos Aplicadores no Brasil (28 postos, entre eles o CEFET-MG) e no exterior (58 postos). No caso de alunos oriundos de países que não contam com um posto aplicador, o Programa prevê a oferta de um curso preparatório para o Celpe-Bras. Os alunos têm a oportunidade de vir para o Brasil e cursar, por aproximadamente um ano letivo, um curso preparatório para o exame em uma instituição de ensino parceira, não

² Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/pec-g>>.

³ Atualmente, 74 países participam do PEC-G, sendo 28 das Américas, 29 da África, 10 da Ásia e 7 da Europa.

necessariamente a que o aluno escolheu para cursar a graduação (Coura-Sobrinho *et al.*, 2017, p.3).

O presente trabalho se insere justamente neste contexto: no curso preparatório para o Celpe-Bras, no CEFET-MG, oferecido a alunos que foram previamente selecionados para o PEC-G, mas não contam com o posto aplicador em seus países de origem. Esse curso é de extrema importância, pois o aluno pode se submeter apenas uma vez ao exame. Como a certificação de proficiência em língua portuguesa é condição fundamental para o ingresso na Instituição de Ensino Superior e no PEC-G, caso o aluno não obtenha certificação, não poderá participar do programa, devendo, assim, retornar a seu país.

1.2 Justificativa

Trazer questões interculturais ao âmbito do ensino e da aprendizagem de língua estrangeira significa adotar uma perspectiva que busca o diálogo entre pessoas de culturas diferentes. Essas discussões são pertinentes, pois objetivam promover a inserção dos aprendizes da língua portuguesa na cultura brasileira, no mercado de trabalho e na comunidade acadêmica; o desenvolvimento de um falante intercultural e a (re) negociação entre os sujeitos na interação – portanto, a competência intercultural.

Nesse sentido, essa competência intercultural é válida para o aprendiz da língua portuguesa, uma vez que ele poderá reconfigurar a sua concepção do Brasil e da cultura brasileira e se adequar às situações comunicativas do cotidiano brasileiro. A competência intercultural não apenas permite o conhecimento sobre a língua-alvo, como também o desenvolvimento de relações mais positivas entre os sujeitos-falantes. Tal competência possibilita aos falantes a construção de espaços que não são nem nativos, nem estrangeiros, mas interculturais.

Por se tratar de uma política pública, o PEC-G apresenta-se como um instrumento intercultural diferenciado e, ao refletirmos profundamente acerca de aspectos ligados à interculturalidade e à competência intercultural, pretendemos possibilitar a esses alunos ambientes culturalmente sensíveis para a construção de novos significados e contribuir para as discussões científicas sobre o tema.

No banco de teses e dissertações da CAPES, ao procurar os termos “competência intercultural” ou “competência comunicativa intercultural”, foram encontradas apenas 161 publicações, mas parte delas não se insere na área da Linguística ou no contexto de ensino de

línguas estrangeiras. As pesquisas que contemplavam as palavras-chave devidamente investigadas, filtradas para as áreas da Linguística e Letras, em sua maioria foram realizadas na área do ensino de línguas estrangeiras, mas sem foco no português. Os trabalhos que focam no desenvolvimento da competência intercultural transitam principalmente na formação da competência dos docentes de línguas estrangeiras, especialmente a partir de 2018.

Ao pesquisar no Google Acadêmico, muitos artigos foram encontrados relacionados à competência intercultural e ao ensino de línguas estrangeiras, com destaque para os trabalhos de pesquisadores já reconhecidos na área, como Viana (2017), principalmente pela orientação e participação de bancas de diversos trabalhos pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

No CEFET-MG, pelo POSLING – Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens –, alguns trabalhos envolvendo os temas “interculturalidade”, “cultura” e “língua-cultura” já foram defendidos, por exemplo os escritos por Michelle Campos (2023), Fernanda Antônio (2017) e Brice Agossa (2017), em nível de mestrado e o de Mônica Diniz (2023), em nível de doutorado.

Merece destaque o trabalho realizado por Leroy (2011) no mestrado em Estudos de Linguagens da instituição. Em seu trabalho, feito em 2011, o pesquisador já demonstrava a importância da análise dos aspectos interculturais no ensino de língua estrangeira. Seu trabalho, inclusive, contribuiu significativamente para o meu TCC.

Com o levantamento das pesquisas pelas palavras-chave, pude concluir que são escassas as pesquisas a respeito do desenvolvimento da competência intercultural de alunos de PLA, principalmente no contexto do curso preparatório para o exame Celpe-Bras, foco deste trabalho. Com esta pesquisa, procurei não somente investigar como se dá o desenvolvimento dessa competência, mas também contribuir para reflexões sobre o tema.

1.3 Problema

O aluno que vem estudar no Brasil durante quase um ano no Pré-PEC-G transita em diferentes ambientes que fazem parte do cotidiano brasileiro e nos quais é primordial o uso da língua portuguesa. Esse mesmo aluno tem contato com a comunidade do CEFET, com pessoas que vivem em Belo Horizonte, com a cultura local e de outros lugares que visitarem enquanto morarem em solo brasileiro. Assim, vivem diversas situações sociocomunicativas envolvendo diferentes sujeitos/mundos culturais. Conforme Brasil (2013):

Além de cooperar para a formação de profissionais de países em desenvolvimento, o PEC-G contribui para a internacionalização e diversificação do cenário acadêmico brasileiro. Durante sua estada no Brasil, procure se envolver em eventos de divulgação da cultura e realidade de seu país. Dessa forma, você estará enriquecendo sua vida acadêmica e contribuindo para a ampliação dos horizontes de seus colegas. Represente ativamente seu país no Brasil! (p.5)

Esse trecho, retirado do Manual do Estudante-Convênio (Brasil, 2013), incentiva o aluno estrangeiro a contribuir para a ampliação dos horizontes dos seus colegas e a representar ativamente o seu país. Assim, entendemos que, no processo de aprendizagem de PLA, o aprendiz pode (re) configurar percepções que tem de si e do outro. Com base nisso, propomos os objetivos da pesquisa.

1.4 Objetivos

O objetivo geral deste trabalho é analisar o desenvolvimento da competência intercultural de oito estudantes do curso preparatório para o exame Celpe-Bras – turma única, ofertado pelo CEFET- MG para candidatos ao PEC-G em 2019. Para isso, estabeleci dois objetivos específicos:

- a) levantar as visões/opiniões dos participantes em relação à sua cultura e à cultura do outro;
- b) discutir, à luz de Byram (2021), as atitudes interculturais, o conhecimento sobre a própria cultura e a cultura brasileira, a habilidade de interpretar e de relacionar informações, a habilidade de descobrir e de interagir com novos significados e a consciência cultural crítica dos participantes da pesquisa.

Esses objetivos específicos foram desdobrados em perguntas de pesquisa que nortearam as análises e que foram retomadas no capítulo de considerações finais. São elas:

- 1) Quais as visões/opiniões dos participantes em relação à sua cultura e à cultura do outro?
- 2) Como a competência intercultural dos alunos do curso Pré-PEC-G é coconstruída pelas culturas em interação?

Dessa forma, as perguntas de pesquisa permitiram melhor compreensão das experiências dos participantes e de como as culturas em contato moldaram suas percepções e atitudes.

1.5 Organização da dissertação

Após estabelecer as perguntas de pesquisa, encerro este capítulo apresentando a estrutura retórica da dissertação, composta por cinco capítulos. No primeiro capítulo, introduzi o tema da pesquisa. No segundo, baseando-me em Byram (2021), explorei a definição da competência intercultural. No terceiro, detalhei a metodologia aplicada para alcançar os objetivos específicos. No quarto capítulo, analisei o desenvolvimento da CI dos participantes. Finalmente, nas considerações finais, respondi às perguntas de pesquisa, refleti sobre implicações pedagógicas, destaquei as contribuições e sugeri direções para futuras pesquisas.

2 REVISÃO DA LITERATURA

Neste capítulo, apresento a teoria que embasa esta dissertação. Serão caracterizadas as principais dimensões da competência intercultural e suas implicações no ensino, considerando os diferentes contextos em que ocorre. Além disso, serão discutidos os desafios e as possibilidades de seu desenvolvimento em ambientes educacionais, levando em conta a complexidade das interações culturais e as necessidades dos aprendizes.

2.1 Língua-cultura

Reflexões acerca de como ensinar e aprender uma língua, seja materna, seja estrangeira *etc.*, têm sido feitas com empenho por professores e pesquisadores da área de Linguística Aplicada nas últimas décadas. Atualmente, há uma abordagem de ensino e aprendizagem de língua estrangeira que propõe um ensino que não seja uma aprendizagem meramente técnica de um sistema de regras léxico-gramaticais, mas que considere os aspectos culturais relacionados às sociedades nas quais a língua alvo é falada. Essa abordagem trouxe consigo um novo conceito de língua: enquanto um produto histórico-social constituído por indivíduos e indissociável da cultura, uma língua-cultura. Nas palavras de Mendes (2004), temos que língua-cultura é

um fenômeno social e simbólico de construção da realidade que nos cerca, é o modo de construirmos os nossos pensamentos e estruturarmos as nossas ações e experiências e as partilharmos com os outros. Esse sistema complexo, quando em movimento e em fluxo de trocas simbólicas, envolve diferentes níveis de estruturas formais, como os aspectos fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos, as unidades de sons e suas representações gráficas, assim como um sistema de normas e regras de organização e combinação dessas estruturas. [...] Uma língua-cultura é, em última instância, um conjunto potencial de estruturas, forças e símbolos que assume posições, formas e cores diferentes, a depender dos matizes impressos pelo mundo à sua volta e de sua interpretação por aqueles que interagem através dela (p.171).

Corroborando o pensamento de Mendes (2004), Coelho e Campolina (2019) entendem que adotar essa perspectiva de vivenciar uma língua como cultura é, primordialmente, pensar o processo de ensino e de aprendizagem de maneira mais ampla, não se resumindo à percepção de elementos estruturais da língua, mas também ao contato com um outro sistema: o de “leitura de mundo” e de “valores”, no qual se insere essa nova língua. Essa noção de língua-cultura alinha-se às contribuições de Kramsch (1993), ao afirmar que a cultura faz parte da vida das

peças e, por isso, é impossível um ensino e uma aprendizagem de língua estrangeira neutros a ela nas salas de aula.

Ao pensar a dimensão cultural em situações formais de ensino, Mendes (2004) propõe uma abordagem que busca o diálogo entre os falantes e suas culturas. A abordagem comunicativa intercultural (ACIN), nomenclatura que foi aprimorada pela autora em 2008 para abordagem intercultural (AI), tem o processo de ensino e o de aprendizagem de línguas “como conjunto de ações engajadas social, cultural e politicamente, e no indivíduo como sujeito atuante e crítico, o qual está imerso em ambientes sociais, históricos e políticos específicos” (Mendes, 2004, p. 91).

Essa abordagem pauta-se na reconfiguração e na troca entre os sujeitos em interação, na construção das zonas de negociações, os chamados entrelugares, que têm na língua uma ferramenta de mediação intercultural. Kramsch (1993) também discute sobre a ideia de um espaço intermediário entre a cultura materna (C1) e a cultura da língua-alvo (C2), que seria o conceito de terceira cultura (C3). A terceira cultura, ou terceiro lugar, tem como característica o diálogo entre a C1 e a C2 através do contato intercultural, no qual o falante intercultural desenvolverá uma visão ao mesmo tempo de “dentro” e de “fora”.

Os estudos desenvolvidos por Kramsch (1993) referem-se a quatro percepções que derivam das percepções de cultura nativa e de cultura estrangeira: C1: cultura nativa⁴; C1’: percepção do falante nativo sobre si e sua própria cultura; C1’’: percepção do falante nativo sobre a cultura estrangeira; C2: cultura estrangeira; C2’: percepção do falante estrangeiro sobre a sua própria cultura; e C2’’: percepção do falante estrangeiro sobre a cultura nativa do outro.

Os conceitos de Kramsch (1993) são importantes para este trabalho, pois organizaram as percepções dos informantes a respeito de sua própria cultura e da cultura brasileira. De acordo com Kramsch (1993), a maneira de se construir uma terceira perspectiva, ou seja, um entendimento mais completo sobre si e sobre o outro, é justamente o considerar tanto a C1 quanto a C2, estabelecendo um terceiro lugar em que esse falante intercultural se insere.

⁴ As categorias mudam de perspectiva em razão da mudança de contexto, uma vez que os alunos estarão imersos na cultura brasileira. Consequentemente, entende-se que C1 é a cultura brasileira, C1’ é a percepção que o brasileiro tem sobre sua própria cultura, C1’’ é a percepção que o brasileiro apresenta sobre as culturas estrangeiras. Por sua vez, C2 representa as culturas estrangeiras, C2’ são as percepções que os informantes têm de suas próprias culturas, enquanto C2’’ são as percepções que apresentam sobre a cultura brasileira e sobre outras culturas estrangeiras, exceto as suas próprias culturas nativas.

O terceiro espaço, então, pode contribuir para a construção de um entendimento mais significativo sobre si mesmo e sobre o outro. De acordo com Mendes (2011), esse espaço, porém, não é livre de conflitos ou tensões; pelo contrário, reestrutura-se e sofre constantemente sua própria tensão-negociação-troca. Assim, Kramsch (1993) aponta que "[...] a cultura que emerge através do diálogo intercultural é de um diferente tipo da C1 ou C2. Ela não oferece qualquer certeza, nem tampouco resolve qualquer conflito" (p. 231). Esse "espaço"⁵ intermediário, no qual ocorrem renegociações entre a língua-cultura própria e a língua-cultura alvo, também é chamado de competência intercultural.

2.2 Competência intercultural

Em 1997, Michael Byram fez uma contribuição fundamental para a definição de competência intercultural com o lançamento de seu livro *Teaching and Assessing Intercultural Communicative Competence*. Nele, Byram apresentou definições e delimitações importantes, além de discutir o conceito de falante intercultural e questões relacionadas à interculturalidade no âmbito do ensino de línguas. Nas décadas seguintes, seu trabalho se tornou referência em inúmeras pesquisas na área, consolidando sua posição como um dos pioneiros no campo da linguística aplicada. Em 2021, Byram revisitou seu trabalho com o lançamento de uma segunda edição⁶, revisando-o à luz de pesquisas mais recentes, críticas e comentários, mantendo os modelos centrais, mas acrescentando novas reflexões e adaptações para enfrentar as complexidades do contexto global contemporâneo.

Portanto, as citações inseridas nesta pesquisa foram retiradas do seu trabalho mais recente, no qual ele define a competência intercultural como a capacidade de um indivíduo de interagir de maneira eficaz com pessoas de diferentes culturas, utilizando conhecimentos sobre essas culturas, habilidades de interpretação e mediação, e atitudes de curiosidade e abertura para lidar com diferenças culturais e promover o entendimento mútuo. Aqui se faz necessário diferenciar os conceitos de competência intercultural e competência comunicativa intercultural (CCI).

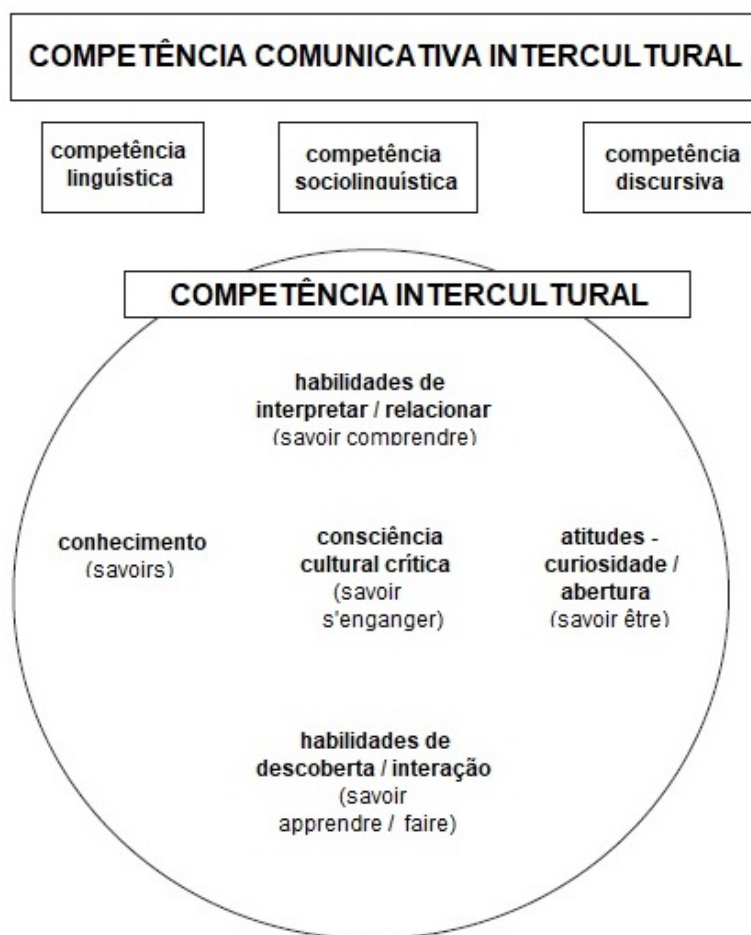
De acordo com Byram (2021), a competência intercultural e a competência comunicativa intercultural diferem em seus enfoques e escopos, como se vê na Figura 1. A

⁵ Na Literatura da área, alguns teóricos usam o termo 'entrelugar' para falar desse espaço intermediário entre cultura 1 e cultura 2. Outros usam 'terceira cultura'.

⁶ *Teaching and Assessing Intercultural Communicative Competence: Revisited*.

competência comunicativa intercultural⁷ envolve a habilidade de usar uma língua estrangeira de forma eficaz em interações com pessoas de outras culturas, levando em conta não apenas os aspectos linguísticos, mas também os sociolinguísticos e pragmáticos, como o uso apropriado da linguagem em diferentes contextos culturais. A competência intercultural vai além da competência comunicativa, pois abrange não apenas o uso da língua, mas também a capacidade de mediar entre culturas, interpretando e relacionando diferentes práticas e crenças culturais para promover uma compreensão mais profunda e mútua. A Figura 1 traz o modelo proposto por Byram (2021).

FIGURA 1 – Modelo da competência intercultural / competência comunicativa intercultural



Fonte: Byram (2021, p. 62).

⁷ Apesar de Byram utilizar o termo competência comunicativa intercultural para diferenciar este contexto de ensino de língua estrangeira, a maioria dos estudos sobre interculturalidade utiliza o termo competência intercultural, adotado também para este trabalho.

Dessa forma, pode-se usar o termo competência intercultural em um cenário em que todos falam a mesma língua, mas possuem diferenças culturais em outros aspectos. No que se refere à competência intercultural, o modelo de Byram (2021) propõe cinco componentes, chamados também de saberes:

- a) ter atitudes (saber ser - *savoir être*) interculturais: inclui a curiosidade e a abertura, bem como prontidão para suspender descrença sobre outras culturas estrangeiras e a própria cultura. Relaciona-se à disposição do indivíduo de suspender julgamentos sobre outras culturas e de valorizar a alteridade, mostrando curiosidade e abertura para novas perspectivas.
- b) ter conhecimento (saber - *savoir*) sobre si mesmo e sobre o outro: conhecimento de como funcionam os grupos/identidades sociais e seus produtos/práticas culturais, tanto no seu país quanto no do outro; e sobre o que está envolvido na interação intercultural. Refere-se ao conhecimento sobre as próprias normas culturais e as de outras culturas. Esse conhecimento engloba aspectos sociais, históricos, e das práticas culturais tanto no contexto individual quanto no societal. É a base para qualquer interação intercultural.
- c) ter habilidade de interpretar e relacionar informações (saber compreender - *savoir comprendre*): capacidade de interpretar um documento, evento ou prática de outra cultura, para explicá-lo e relacioná-lo a documentos ou eventos de sua própria cultura. Essa habilidade permite que o indivíduo interprete documentos ou eventos culturais de outra sociedade e consiga relacioná-los a elementos de sua própria cultura, sendo crucial para a mediação intercultural.
- d) ter habilidade de descobrir e interagir com novos significados (saber aprender e fazer - *savoir apprendre/faire*): capacidade de adquirir novos conhecimentos de uma cultura e de práticas culturais, assim como a capacidade de gerar conhecimentos, atitudes e competências sob as restrições e os constrangimentos da comunicação e interação em tempo real. Diz respeito à capacidade de adquirir novos conhecimentos culturais e linguísticos por meio da interação, descobrindo e utilizando novas informações durante os processos comunicativos em tempo real.
- e) ter consciência cultural crítica (saber comprometer-se - *savoir s'engager*): capacidade de avaliar criticamente, com base em critérios explícitos, perspectivas, práticas e produtos da sua cultura e das culturas dos outros países. Refere-se à

capacidade de avaliar criticamente valores e práticas culturais, tanto da própria sociedade quanto de outras, com base em um processo sistemático de raciocínio. É um componente importante para a educação política e o engajamento intercultural.

A competência intercultural, conforme o modelo desenvolvido por Byram (2021), é composta por uma série de saberes que visam a preparar o indivíduo para atuar de maneira eficaz em contextos culturais diversos. Nesse sentido, a consciência cultural crítica é central no modelo de Byram, pois permite que os indivíduos avaliem reflexivamente as práticas culturais de sua própria sociedade e de outras, com base em princípios éticos como justiça e direitos humanos. Leroy (2014), com embasamento em Byram (1997), define alguns aspectos presentes nessa consciência cultural crítica, sendo eles:

a atitude em descobrir informações culturais, o conhecimento de si mesmos e do outro, a relação e interpretação dos significados, a relativização de sua própria cultura, valorizando e respeitando a cultura do outro, sobretudo na sobreposição do etnorrelativismo ao etnocentrismo, quando as culturas nativas e estrangeiras são vistas como diferentes e não como superiores ou inferiores às outras culturas que estão em contato e, por fim, o desenvolvimento do senso crítico, quando há a tentativa de (des)(re)construção-configuração de possíveis estereótipos e lugares-comuns (p. 66).

Esse conceito está intimamente ligado à ideia de cidadania intercultural, que encoraja o engajamento dos indivíduos em questões globais e a participação ativa em processos democráticos, transcendendo as fronteiras culturais e nacionais. Ao lado disso, a educação política, conforme defendida por Byram (2021), também é introduzida, sugerindo que a competência intercultural deve incentivar os aprendizes a refletirem criticamente sobre as estruturas sociais e políticas de suas culturas, promovendo uma participação cidadã consciente e informada em questões globais e locais.

Byram (2021) também propõe uma mudança significativa na forma como a aprendizagem de línguas é concebida, substituindo o falante nativo como referência ideal pelo conceito de falante intercultural. Em vez de focar na mera imitação da fluência e das normas de um falante nativo, o falante intercultural é visto como um mediador cultural, cuja principal habilidade não é a reprodução exata dos padrões de um nativo, mas a capacidade de navegar entre culturas. Para Byram (2021), a tentativa de aproximar-se do falante nativo é ilusória e impraticável, pois cada indivíduo traz consigo seu próprio repertório cultural e social, o que torna impossível replicar completamente a experiência de um nativo.

Assim, o falante intercultural, por outro lado, reconhece e valoriza as diferenças, utilizando a língua como uma ferramenta para mediar e negociar significados entre diferentes contextos culturais. Em vez de ser uma figura passiva que tenta se aproximar da norma linguística de outra cultura, o falante intercultural age de forma ativa e crítica, interpretando e lidando com as nuances culturais, resolvendo mal-entendidos e criando novos significados. Assim, o aprendizado de línguas não é mais visto como uma simples aproximação da competência do falante nativo, mas como uma forma de engajamento intercultural e de construção de novas formas de compreensão.

Ao relacionar essas ideias à competência simbólica proposta por Kramsch (2011), percebe-se que ambas as abordagens compartilham a ênfase em uma visão mais complexa da interação cultural. Kramsch (2011) sugere que essa competência não é apenas mais um componente da competência comunicativa, mas, sim, uma "mentalidade" que pode criar "relações de possibilidade" ou recursos dentro da interação intercultural. Ela destaca que a competência simbólica envolve a capacidade de produzir complexidade, tolerar ambiguidade e apreciar a forma como o significado é construído e negociado em contextos interculturais.

Byram (2021) reconhece que a competência simbólica, como concebida por Kramsch, pode complementar e fortalecer seu próprio modelo de Competência Comunicativa Intercultural (CCI). Ele sugere que a competência simbólica poderia ser integrada ao componente de "saberes" do seu modelo, que se concentra no conhecimento dos processos de interação social e individual. Isso ampliaria a força do modelo ao adicionar uma dimensão que enfatiza a importância de compreender e navegar pelas complexidades simbólicas nas interações interculturais.

Byram (2021) também discute sobre as práticas de ensino para responder às necessidades de um mundo multicultural e politicamente complexo, destacando o papel essencial dos educadores nesse processo. Para os professores, o modelo de Byram oferece orientações claras sobre como construir um currículo que desenvolva essas competências interculturais. Ele sugere que os professores criem atividades em sala de aula que permitam aos alunos explorarem outras culturas de maneira crítica, comparando-as às suas próprias experiências. Byram (2021) também incentiva os educadores a adaptarem o conteúdo curricular levando em consideração as realidades e as necessidades dos alunos. Isso pode incluir o uso de materiais didáticos que promovam a consciência cultural crítica e a educação política,

permitindo que os estudantes desenvolvam não apenas habilidades linguísticas, mas também um entendimento mais profundo das dinâmicas sociais e culturais em um mundo globalizado.

Ademais, Byram (2021) destaca que o desenvolvimento da competência intercultural deve ser um processo colaborativo entre professores e alunos, no qual ambos têm a responsabilidade de estabelecer prioridades e adaptar o currículo conforme necessário. Esse processo garante que o aprendizado seja mais significativo e relevante, preparando os alunos para enfrentar os desafios interculturais no ambiente global e nas questões sociais mais amplas, como a participação democrática e a resolução de problemas globais.

Sendo assim, o desenvolvimento da competência intercultural em aprendizes de PLA não apenas permite o conhecimento sobre esta língua-cultura alvo, como também pode proporcionar a reconstrução do olhar sobre si, sobre o Brasil e o que é ser brasileiro. Sendo um falante intercultural, o aprendiz de PLA utilizará a língua portuguesa como mediadora de espaços interculturais e engajamento social.

3 METODOLOGIA

Com o propósito de apresentar os pressupostos metodológicos adotados para o desenvolvimento deste trabalho, este capítulo foi subdividido em cinco seções. Nelas serão feitas minhas considerações sobre a natureza, o contexto e os participantes da pesquisa; a descrição dos procedimentos e instrumentos para geração dos registros, bem como os critérios para análise e as questões éticas envolvidas.

3.1 Classificação da pesquisa

Esta pesquisa é de abordagem qualitativa, pois investiga um fenômeno presente no ambiente de ensino e de aprendizagem de línguas estrangeiras, a competência intercultural, por meio do acompanhamento individual de cada participante da pesquisa. Buscou-se, assim, a interpretação e a compreensão do tema de forma mais aprofundada.

As análises dos registros, gerados durante a realização deste trabalho, foram feitas no intuito de contribuir para as discussões relacionadas à interculturalidade e à competência intercultural, não se limitando a apenas uma reflexão teórica. Desse modo, no que diz respeito à natureza, esta pesquisa é aplicada.

No que se refere ao seu formato, esta pesquisa adota o estudo de casos múltiplos. Gil (2002) afirma que o propósito do estudo de caso é o de prover uma visão global do problema, a identificação dos possíveis fatores que influenciam ou por ele são influenciados. Nesse sentido, com a escolha desse formato para esta pesquisa, foi possível que cada participante ilustrasse um caso ímpar de desenvolvimento de competência intercultural, permitindo subsídios com os quais a pesquisadora realizou a investigação do objeto de forma mais completa.

Diante de todos os aspectos supracitados, constata-se que esta pesquisa tem cunho exploratório. Para Gil (2002), as pesquisas exploratórias têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema e o aprimoramento de ideias. Foi o que fizemos com a proposta deste trabalho, pois, durante todo o processo de investigação, buscou-se construir saberes acerca do problema da pesquisa.

3.2 Contexto e participantes da pesquisa

Em 2019, o CEFET-MG ofertou uma turma do Curso Preparatório para o Exame Celpe-Bras, conhecida também como Pré-PEC-G, que contava com 12 estudantes com idades entre 19 e 24 anos, oriundos do Benim (7), do Congo (2), do Gabão (1), de Gana (1) e da Jamaica (1). O curso de língua portuguesa e cultura brasileira era voltado para preparação dos estudantes que prestariam o exame, uma vez que a certificação de proficiência em língua portuguesa é um dos requisitos para garantir o seu vínculo com o programa e uma vaga em um curso de graduação.

A escolha desses estudantes para participantes da pesquisa se deu pelo fato de serem estudantes do CEFET-MG e se encontrarem em contexto de imersão, ou seja, estarem aprendendo português em um país lusófono. Uma vez que o programa PEC-G foi criado para unificar as condições do intercâmbio estudantil e garantir tratamento semelhante aos demais estudantes por parte das universidades (BRASIL, 2013), este cenário pareceu-me ideal para investigar como o estudante estrangeiro desenvolve a competência intercultural ao negociar identidades e culturas com os brasileiros.

Todos os 12 alunos da turma ano 2019 foram convidados para colaborar com a investigação. A princípio, 11 alunos aceitaram a proposta, firmaram o Termo de Compromisso Livre e Esclarecido (TCLE) e participaram da primeira etapa da parte empírica da pesquisa, que consistiu na aplicação de um questionário. Com a continuidade do trabalho, apesar das diversas tentativas de contato, apenas 8 deles se disponibilizaram a participar da segunda etapa, uma entrevista semiestruturada. Uma vez que a presente investigação se deu em dois momentos de geração de registros, considerei apenas os que participaram das duas etapas, totalizando, ao final, 8 participantes. São eles:

QUADRO 1 – Participantes da pesquisa

Dados dos participantes		
Nome	Sexo	País de Origem
Participante 01	Masculino	Benim
Participante 02	Feminino	Benim
Participante 03	Feminino	Benim
Participante 04	Masculino	Benim
Participante 05	Masculino	Congo-Brazaville
Participante 06	Masculino	Gabão
Participante 07	Feminino	Gana
Participante 08	Feminino	Jamaica

Fonte: elaborado pela autora

Portanto, os participantes da pesquisa são quatro estudantes do sexo masculino, sendo dois do Benim, um do Congo-Brazaville e um do Gabão; e quatro estudantes do sexo feminino, sendo duas do Benim, uma de Gana e uma da Jamaica.

3.3 Procedimentos metodológicos e instrumentos para geração de registros

Os participantes foram convidados a fornecer dados para esta pesquisa dentro de três temas: alimentação, lazer e estudo. Para identificar os traços do desenvolvimento de competência intercultural por parte dos participantes, a investigação envolveu, nesta ordem, os seguintes procedimentos:

- a) elaboração de um questionário semiestruturado bilíngue – em Português/Inglês (APÊNDICE A) e em Português/Francês (APÊNDICE B), a ser utilizado na primeira etapa de geração de registros. As perguntas buscaram suscitar opiniões e visões dos estudantes sobre o Brasil e sua própria cultura, para fins de diagnóstico e ponto de partida para o planejamento da segunda etapa da pesquisa – aplicação de entrevista;
- b) submissão do projeto definitivo ao Comitê de Ética do CEFET-MG, por meio de cadastro na Plataforma Brasil. A pesquisa foi devidamente autorizada, segundo Parecer CAAE 15171319.4.0000.8507;

- c) aplicação do questionário aos participantes da pesquisa, conduzida pela pesquisadora, que se deu presencialmente, na própria instituição, utilizando a mesma sala em que os participantes estudavam, porém fora do horário de aula;
- d) elaboração de um roteiro (APÊNDICE C), com base no questionário inicial, para a realização de uma entrevista semiestruturada com cada participante;
- e) realização da entrevista, agendada de acordo com a disponibilidade de cada um. Das oito entrevistas, seis ocorreram presencialmente e duas *online*, uma vez que dois dos participantes não se encontravam em Minas Gerais. As entrevistas foram gravadas em arquivo de áudio e tiveram a duração média de uma hora cada. Os registros serviram para fins de comparação com os registros gerados na primeira etapa.

Dada a complexidade do processo de submissão e diálogo com o CEP, e devido ao pouco tempo hábil para a realização da pesquisa após a aprovação pelo Comitê, optou-se por realizar uma única entrevista semiestruturada, com vistas a não comprometer os prazos definidos pelo Programa e pela dificuldade de conduzir etapas seguintes, uma vez que o curso preparatório já havia acabado e grande parte dos participantes já não frequentava o CEFET-MG e/ou não estavam em Belo Horizonte.

3.4 Critérios para análise dos registros gerados

Para analisar os registros resultantes dos instrumentos – questionário e entrevista semiestruturada com cada participante, usei os conceitos de percepções de cultura nativa (C1) e de cultura estrangeira (C2) de Kramsch (1993) e do modelo de CCI de Byram (2021). A contribuição teórica de Kramsch foi essencial para levantar as visões e as opiniões dos participantes, enquanto o modelo proposto por Byram favoreceu o reconhecimento dos saberes presentes na competência, sendo ambos primordiais para o cumprimento dos objetivos desta pesquisa.

Os dados coletados a partir do questionário foram analisados principalmente com base nos conceitos de Kramsch (1993), mas também considerei as respostas que indicavam algum dos saberes do modelo de CCI de Byram (2021). Os registros obtidos, através do questionário inicial, foram categorizados, o que me permitiu obter um perfil parcial e situado dos participantes e, ainda, funcionaram como um “ponto de partida” para o planejamento do roteiro da entrevista, sendo uma referência, também, para a análise posterior dos dados coletados nesta.

Os registros provenientes da entrevista foram analisados, em um primeiro momento, com base nos conceitos de Kramsch (1993) para captar as percepções culturais dos participantes, de forma a cumprir o primeiro objetivo específico deste trabalho. Em um segundo momento, a análise se deu com foco nos cinco saberes propostos pelo modelo de Byram (2021), procurando evidenciar o desenvolvimento da competência intercultural de cada um dos participantes, considerando, nessa etapa, também os dados levantados no questionário inicial para reforçar a análise.

3.5 Considerações éticas

Como esta pesquisa envolveu a participação direta de seres humanos, os cuidados com as questões éticas foram redobrados. Primeiramente, o projeto definitivo de pesquisa foi submetido à Plataforma Brasil, por meio do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)⁸ do CEFET-MG, para aprovação da metodologia ora proposta (CAAE 15171319.4.0000.8507).

Todos os participantes são maiores de idade, o que os habilitou a assinarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, constante dos Anexos I, II e III, formalizando a sua vontade em participar da pesquisa e o aceite dos termos de geração dos registros. Assim, por meio desse Termo, foram amplamente informados do propósito da pesquisa e dos procedimentos e instrumentos de geração dos registros. Além disso, foram informados dos possíveis usos acadêmicos dos registros por eles fornecidos à pesquisadora, além dos seus direitos básicos como participantes da pesquisa.

Nesse sentido, os participantes foram assegurados de que: a) teriam seu anonimato totalmente preservado, guardando a pesquisadora somente para si os nomes reais dos participantes, que nunca serão publicados, ainda que informal e não oficialmente, a qualquer outra pessoa, incluída aqui a orientadora do trabalho; b) poderiam deixar de participar da pesquisa a qualquer momento; c) disporiam do direito de acompanhar o trabalho da pesquisadora por meio do acesso às análises parciais ou completas dos registros por eles fornecidos sempre que assim o desejarem; e d) poderiam decidir sobre a utilização desses registros no todo ou em parte, conforme sua conveniência, sempre que quiserem, mas, em especial, antes da defesa e subsequente publicação do trabalho pela pesquisadoras.

⁸ Página eletrônica com endereço: <<http://www.cep.cefetmg.br/>>.

Ressalto que esta pesquisa não ofereceu quaisquer riscos aos participantes, pois a geração de registros foi feita em ambientes comuns aos participantes, com estrutura visando ao bem-estar deles. Além disso, a marcação das atividades foi feita respeitando a disponibilidade de todos, de modo que não houve prejuízo quanto aos estudos. No que tange à gravação da entrevista com gravadores de áudio da SRI, os participantes concordaram e autorizaram a gravação.

Por fim, pensando na devolutiva que esta pesquisa pôde dar aos participantes, foi formalizada uma seção de conversa informal guiada pelas análises finais dos registros com aqueles participantes que assim o desejassem, para que pudessem conhecer e compreender em detalhes o próprio processo de desenvolvimento de competência intercultural, tanto em função de suas experiências em sala de aula ou fora dela, durante a realização da pesquisa, quanto em função da intervenção da pesquisa propriamente dita. Acredito que, ao refletirmos sobre as nossas próprias experiências, temos a oportunidade de ressignificar sentimentos, concepções e ações, tornando-nos pessoas mais conscientes de quem somos e de como nos relacionamos com os diversos aspectos do contexto (Miccoli; Bambirra; Vianini, 2020).

Apesar da seção de conversa informal ter sido disponibilizada como parte do processo de devolutiva, até o momento da defesa deste trabalho, nenhum participante manifestou interesse em integrar a iniciativa.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo apresento a análise e o resultado dos registros gerados por meio dos procedimentos e instrumentos descritos anteriormente. O capítulo foi organizado em duas partes: na primeira, atendo ao primeiro objetivo específico desta pesquisa, que é levantar as visões e as opiniões dos participantes com relação à sua cultura e à cultura do outro, conforme Kramsch (1993); na segunda parte, discuto, à luz de Byram (2021), os saberes da competência intercultural de cada participante – atendendo ao segundo objetivo específico.

Ressalto que a ordem dos registros expostos aqui foi feita por temas. Logo, não seguirá, necessariamente, a sequência feita no questionário, nem no roteiro da entrevista. Ademais, em razão do desenvolvimento de uma linha de discussão mais fluida, preferi fazer a exposição dos registros da primeira seção de forma geral, ou seja, de todos os participantes juntos; e a segunda seção de forma individualizada.

4.1 Visões e opiniões dos participantes em relação à sua cultura e à cultura do outro

Os participantes, durante o processo da pesquisa, expressaram diversas visões e opiniões em relação à sua cultura e à cultura do outro. Pôde-se perceber diversos temas nos registros gerados, como comportamentos, problemas sociais, trabalho e estudo. Nessa seção, fiz o levantamento dos dados emergentes nos temas elencados abaixo.

4.1.1 Em relação à alimentação

Em se tratando da culinária brasileira, a maioria dos participantes acreditam que não há muita diversidade na alimentação diária dos brasileiros, pois preferem comer arroz e feijão diariamente, repetindo assim o mesmo prato.

P2: É, acostumou. Eu acostumou ((riso)), mais ou menos, porque é sempre arroz com feijão.

P4: É... eu notei que os brasileiros têm costume de comer quase todos os dias arroz e feijão. E isso é uma coisa que eu ((ênfase)) pessoalmente não tenho costume de fazer.

P5: Não, é legal... pra cultura brasileira, pela cultura brasileira, mas pra mim não, porque lá no Congo temos muitas comidas, cada dia eu... uma outra comida. Aqui no Brasil não sei como funciona lá nas casas das pessoas, mas lá no bandeirão do... do CEFET é arroz-feijão, arroz-feijão, arroz-feijão. Às vezes... cansa, sabe? ((riso)). Às vezes cansa. Mas eu gostei, por exemplo, da comida feijão tropeiro, gostosa.

Em contrapartida, a Participante 8 acredita que há bastante diversidade na culinária brasileira, porque é possível encontrar diferentes pratos nas diversas regiões do Brasil, inclusive com influência de outros países na origem destes:

P8: Tem muitas diversidade, muito ((ênfatisou)) pelo Norte. Tipo, o Norte que tem comida da África, São Paulo que tem comida do Japão, do... do todo o mundo, e Sul que tem influências do alemão, coisas assim. Do fato que cada lugar que você visitaria vai ter alguma comida... alguma comida diferente dentro do... aquela lugar... aquele lugar.

Em relação à culinária dos próprios países, a maioria dos participantes ressaltou a diversidade dos pratos no contexto diário, em comparação ao que viram no Brasil. Alguns também indicaram diferença no modo de preparo dos alimentos, principalmente em relação aos ingredientes e temperos.

P2: A culinária do Benim, as comidas são bem temperadas..., Mas aqui não é.

P3: [...] aqui não tem mui... muitos molhos. Mas no meu país nós gostamos de comer com molho.

P4: É, porque lá no meu país eu gosto de... de ve... variar as comidas pra não comer todo... mesma coisa em todos dia, a todo momento.

P7: Todos dias? É porque a minha cultura, no meu país, não é assim. Todos dias tem outra comida que você tem que pra comer.

Por outro lado, a Participante 8, novamente, trouxe uma constatação diferente em relação à culinária do seu país, neste caso dizendo que não há muita variedade, contrastando com que os outros participantes falaram.

P8: (...) muita diversidade no Brasil, porque é muito grande. E o clima e a cultura de cada... cado grupo criam pratos diferentes. Na Jamaica todo mundo come a mesma coisa, porque é pequeno, você não tem clima diferente, não tem...

De forma geral, as opiniões sobre a culinária demonstram como os hábitos são percebidos de maneiras diversas pelos participantes conforme suas experiências pessoais e contextos culturais.

4.1.2 Em relação ao lazer

A maioria dos participantes expressou a importância dos momentos que passavam com os amigos estrangeiros, destacando que a interação entre eles contribuiu significativamente para

a aprendizagem da língua portuguesa. Essas relações ocorreram em diferentes contextos, como festas, passeios, encontros e viagens.

P1: Alguns estudam no CEFET, algumas... alguns são as pessoas que eu conheci por meio das minhas viagens. Algumas são as pessoas que eu encontro no centro ou na rua, as pessoas que querem ajuda e você ajuda, eles querem ter mais contato com você. Eu fiz amigo a cada dia mais que eu sair da casa.

P3: Eu prestei mais atenção no formal do português. Mas indo no processo eu percebi que não tem como viver sem o português informal mesmo. E com isso eu comecei saindo, ir nas festas com brasileiros, visitar pessoas idosas, pessoas que eu conheço, amigos e com elas eu falava o português informal.

P8: Então as amizades me... me deu, amizades... me deu? Me deram mais oportunidade para sair e conhecer as pessoas e Brasil e a cultura. Então as amizades fica mais destacadas.

Enquanto alguns participantes expressaram experiências positivas, o Participante 6 indicou que saía apenas com o propósito de aprender a língua, mas sem grande entusiasmo por essas atividades. Contudo, reconhecia a importância desses momentos.

P6: Bom, normalmente aqui eu vi que aqui no Brasil as pessoas gostam de sair aos... os fins de semanas, mas eu não tenho... eu não tenho esse... esse hábito, porque não gosto de sair [...]. Eu saía, mas eu não gostava. Eu fazia isso por... aprender a língua, pra interagir, né?

As interações interculturais, ocorridas no tempo que passaram no Brasil, além de contribuírem para a aprendizagem da língua, também proporcionaram novos conhecimentos de outras culturas, não apenas a brasileira. O lazer, dessa forma, serviu como uma importante ferramenta de aprendizado intercultural.

P7: Culturas, isso. Eu aprendi muitas coisas do Benim, do Congo e outras coisas. A dança do Congo agora, eu posso mostrar alguma dança do Congo. E é... eu já posso cantar um pouco, uma música do Benim. É isso, então eu aprendi muitas coisas além do português e Brasil, eu aprendi muitas coisas.

Grande parte dos participantes indicou que suas experiências ao viajar para outros lugares foram muito favoráveis, contribuindo principalmente para o conhecimento sobre as diferentes cidades brasileiras e outras culturas. Ainda houve, durante as viagens, a interação com pessoas diferentes, oferecendo oportunidades de estabelecer novas amizades e conexões sociais.

P1: Foi uma experiência muito legal, porque eu tive a possibi... a oportunidade de conhecer um parque, em Cordisburgo eu conheci o Parque Cordisburgo. Em Ouro Preto eu conheci muitas, é... coisas que tinham relação com as culturas do meu continente, principalmente do meu país, onde as pessoas do meu país trabalhavam aqui no Brasil. Lá no Ouro Preto eu vi

muitas coisas muito legais. Também foi a oportunidade de ter novos amigos brasileiros que vão me ajudar para uma coisa ou outra no futuro.

P2: Eu gostaria da... Bahia. Bahia, é... Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília. Brasília, porque você não pode é... visitar um país sem conhecer o capital, né? Rio do Sul... Rio de Janeiro para conhecer o Cristo Redentor. São Paulo para poder visitar as praias. E Bahia para poder visitar, é... para poder... hum... visitar praias com... e conhecer os ingredientes da África.

P8: Foi muito bom, porque o museu do Inhotim tem uma... uma mistura de natureza com arte, eu gostei muito disso. E Curvelo é música, eu amo música. Então gostei muito disso também.

Além disso, a maioria dos participantes demonstrou que considera as celebrações festivas uma forma de aprender mais sobre a cultura brasileira, indicando o valor dessas experiências para o aprendizado cultural e a apreciação da diversidade do Brasil.

P5: É... vou dizer as festas, porque eu não sabia que os brasileiros... os brasileiros gostam de celebrar as festas nos datas comemora... não sabia isso. Então encontrei isso aqui no Brasil. E também na... culinária do Brasil [....]. Sim, a festa junina, porque uma festa que é muito legal, que tem as comidas gostosas, sabe? Durante essa festa os brasileiros tenta pouco de... expõem essa diversidade cultural que eles têm. Então essa festa aqui... que... que tirou muito a minha atenção.

P6: ((riso)) Mesmo se... mesmo se a pessoa for nua, mas é o... mas ela vai vestir alguma coisa, como se fosse uma pintura no corpo. Ela valoriza a cultura. A cultura dela. Ai eu acho que o carnaval é uma das festas culturais mais famosas do mundo, eu acho.

Em relação à própria cultura, alguns participantes tiveram a oportunidade de refletir mais profundamente sobre as tradições culturais de suas origens, assim como as de outras nacionalidades com as quais interagiram. As práticas de lazer, especialmente em um ambiente multicultural, permitiram que os participantes explorassem não apenas suas culturas, mas também as diversas culturas presentes no Brasil.

P4: E... mas o que eu notei não é fácil pra poder jogar aqui como lá no meu país. Porque lá no país eu posso... vai ser sobretudo aos sábados, vai ser sempre algum lugar (escuro), eu posso ir pra jogar, sem... sem formar... preencher uma papel, os formulários (inint) [00:13:17]. Mas aqui é muito... é muito protocolo pra fazer só pra jogar. Então foi complicado jogar, é por isso que não estava... não tô jogando mesmo agora.

P5: Sim, pra mim foi difícil, sabe? Porque... a minha cultura, os congolenses gostam de beber, fazer as festas, gostam de... de ser livre. Mas tem outras culturas que não são assim, sabe? Como a cultura beninense. E isso, vou falar sobre o... o Benim, porque... os beninenses, porque foi com eles que eu teve pouco essa... essa discussão, essa... porque a cultura deles é muito tradicional. Minha cultura mudei hoje com a globalização, meu país tentou de misturar as coisas. E o Benim até hoje eles são dentro dessa tradição, e foi muito... esse choque foi muito...

P6: Aqui eu estou fazendo o que eu quero fazer. Eu fazendo... tudo pra me divertir melhor. Por exemplo, eu esqueci, eu tô jogando bola, porque lá eu não podia jogar bola. Meu sonho é ser jogador de futebol, mas lá no meu pai não quis, meu pai falou, “para isso. Se você quer jogar bola, você sai da minha casa, você vai jogar pra fora”. Então aqui, né? Eu tenho oportunidade. P6: Porque eu vi que, né? Isso, né, é um aspecto que eu vejo semelhante à do meu país. O povo aqui gosta muito de beber, eles vão (inint) [00:56:14] as festas, por exemplo, aqui, eu... eu não sei se é verdade, porque não concordo, eu ouvi falar na internet que Belo Horizonte é no maior número de bares, a cidade que tem o maior número de bares no mundo. Eu não concordo, porque meu país... iss... as pessoas que fizeram... que fizeram essa pesqui... essa pesquisa, acho que eles não foram no meu país, porque meu país tem muito mais bares.

Ademais, a Participante 8 notou diferenças significativas no comportamento social e na abertura das pessoas no Brasil, especialmente em comparação à sua própria cultura. Ela observou que os brasileiros tendem a ser mais abertos e amigáveis, enquanto na Jamaica, as pessoas são mais reservadas nas interações sociais.

P8: Porque... algumas coisas do... algumas maneiras do Brasil não aconteceria na Jamaica. Pessoas não encon... pessoas não encontram alguém e (inint) [00:28:45] que vamos fazer uma amizade só porque eu gosta ali o que você fala. Então pessoas são mais fechadas, comparadas com brasileiras.

Assim, de modo geral, os participantes compartilharam uma variedade de opiniões e experiências relacionadas ao lazer, tanto no Brasil quanto em comparação às próprias culturas.

4.1.3 Em relação ao estudo

Os participantes apresentaram diferentes motivos que os levaram a escolher o Brasil como destino de estudo. Entre as razões mencionadas, destacam-se o programa PEC-G, a língua portuguesa e a qualidade do ensino brasileiro como fatores determinantes.

P2: As vantagens? Eu posso dizer que é... primeiramente foi um programa do Estado, do Brasil. Uma bolsa para poder viajar pelo Brasil para estudar. Então é uma grande vantagem para poder estudar gratuitamente, né? Por exemplo, eu vou estudar letras, português e inglês na PUC-Minas. Eu... eu ouvi, falam que PUC é as pessoas que vão lá são as pessoas ricas, sabe? Também, hum... que a escolaridade também é cara. Então eu posso dizer que é uma grande oportunidade, é uma grande vantagem para mim, para poder estudar gratuitamente.

P3: Porque tudo mundo hoje em dia fala francês e inglês. E eu queria fazer outra coisa, ter uma coisa a mais, então é por isso que eu escolhi.

P6: Além dos seus pais também. Essa (inint) [00:02:19] ele falou que tem um programa no Brasil, PEC-G. Eu falei, “o Brasil não fala francês. E aí?”, ele falou, “vai lá, português, (inint) francês, você não vai ter problemas pra

aprender a língua”. Aí eu vim. Eu percebi que tinha também mecatrônica lá, porque eu quis fazer mecatrônica no Marrocos. Eu vi que o Brasil é mesmo melhor, porque quando eu pesquisei as universidades daqui, as universidades federais, eu percebi que eram melhores.

P7: Eu venho aqui porque aqui é mais desenvolvido do que meu país. O meu país é mais ou menos, mas aqui no Brasil é muito desenvolvido do que meu país. Por exemplo, quando você vai estudar computação, você precisa de computador pra estudar, para saber mais, né? Mas, no meu país, por exemplo, quando a sala tem 25 estudantes, provavelmente vai ter 10 computadores, que não vai ser suficiente pra os estudantes. Então, aqui, eu acho que aqui tem tudo. Então, vai ser melhor pra o meu curso.

Por outro lado, os Participantes 1 e 5 afirmaram que, se pudessem, teriam escolhido outro lugar para seus estudos, pois acreditam que outros países oferecem mais oportunidades de desenvolvimento profissional.

P1: O Brasil foi o único país em que eu tive a oportunidade de mudar de continente, de cultura, de tudo. Mas se eu tivesse a possibilidade de escolher outro país com mais variedades, que vão mais me... que vão mais me ajudar, eu teria escolhido aquele país.

P5: Sim, porque lá, eu acredito que a vida lá é melhor que aqui. E também as oportunidades que eu estou falando, aqui é muito fechado, com esse programa Pré-PEC-G os alunos estudantes não têm muitas... oportunidades pra trabalhar, por exemplo, pra...

Em relação aos professores do CEFET, a maioria dos participantes afirmou que no Brasil há uma abertura maior por parte dos docentes, permitindo um relacionamento mais próximo e direto com os alunos, além de facilitar a comunicação e a criação de laços.

P3: Uhum. Vou fazer uma comparação com o Benim. No Benim em geral você não tem contato direto com os professores. Não... nas escolas que eu fiz não dá para fazer, até você não pode ter o número do seu professor. Mas aqui é diferente, você pode conversar, discutir com o seu professor fora da sala de aula, perguntar. Eu acho que foi muito interessante esse aspecto da educação, do sistema educativo do Brasil.

P4: E também nós temos, é... a oportunidade de ir mesmo na casa da... de... algumas professoras pra poder aprender e também se divertir. E foi muito legal. Nós não temos só um professores... as professoras, nós... achamos também as amigas também, como as mães, é muito fam... familiar.

P8: A interação com as professoras foi... foi muito bom, elas foram abertas. Se você precisa de ajuda ou qualquer coisa, elas criaram tempo para ajudar e falar com você. Se você tem alguma área que você tem uma fraqueza, elas criam uma hora específica para ajudar você. Coisas assim. Ou se você só quer falar, elas escutavam.

Em contraste, os participantes também compararam o relacionamento com os professores em seus países de origem, enfatizando que, em geral, os docentes são mais distantes e formais.

P4: Eu acho... eu acho que... as... os professores daqui são mais abertos, né? Mais é... eles podem falar, você pode falar qualquer coisa que você quiser com eles. É que o máximo... um pouco diferente no meu país, porque tem algum professor... professores, você não pode mesmo... tem o jeito... o língua... a língua... O jeito que você vai falar com eles é diferente do que você estão... tem costume de falar com seus amigos. Então... O respeito... os professores são... do meu país são... de jeito... são... é como um outro mundo, outras... outro nível. Então, os dois não pode se misturar.

P7: Minha professoras, porque em Gana, né? Você não pode fazer nenhuma amizade com a sua professora ou o seu professor, é muito difícil pra comer com sua professora ou seu professor, é muito, muito difícil pra encontrar algum (inint) [00:20:46]. Mas, aqui no Brasil, eu comia com a minha professora, eu viajava com ela, eu faz tudo com ela. Tipo, como ela é meu amigo, minha amiga, nossa, muito diferente em Gana. Então, eu fiz muito amizade com elas.

Por fim, alguns participantes destacaram as vantagens de estudar em um contexto de imersão, principalmente no que diz respeito ao aprendizado da língua e à adaptação cultural.

P1: Então, a primeira vantagem é que eu tinha... eu tive a possibilidade de praticar a língua com as pessoas que falam ela... ela. No meu país eu não vou.... eu não teria essa oportunidade porque ninguém fala português lá no meu país. Então ficaria mais difícil. A segunda vantagem é que eu conheci outras culturas totalmente diferentes das minhas. A terceira é que eu tinha... novos amigos. E a quarta é que eu conheci outras cidade pelas... viagens que a gente fez com a turma toda. Isso faz com que eu descobri outras cidades, outras culturas e até hoje novos amigos que eu conheci por meio dessas viagens.

P8: Mais fácil, juro que... ((acha graça)) se estudasse fora do Brasil, até agora não falaria ((riso)). Mas no Brasil, porque eu tinha que usar a cada dia para assistir filmes ou comprar comida ou falar com amigos que têm francês como língua nativa ajuda muito, porque não tem mais para esconder, tem que falar. Então isso me ajudou.

Os participantes expressaram diversas opiniões sobre suas experiências acadêmicas no Brasil, com ênfase nas oportunidades oferecidas e na dinâmica do relacionamento com os professores.

4.1.4 Em relação aos aspectos sociais

Durante a análise, emergiram diversos aspectos sociais mencionados pelos participantes. A maioria destacou a questão do racismo presente no Brasil, tanto de forma explícita quanto em

atitudes sutis, com alguns expressando experiências pessoais e outros relatando casos que ouviram de conhecidos em interações cotidianas.

P1: Algumas pessoas têm uma questão de... racismo, preconceito com a nossa cola... a nossa cor de pele, a cor preta. E isso faz com que o Brasil se torna um país preconce... preconceituoso... preconceituoso, sim, com alguns estrangeiros.

P3: ... com pessoas. Você vai na rua, pessoas te falam, “você é angolana?” ((riso)), “De onde você é?”. Você fala, “sou do Benim, um país da África”, mas até agora pessoas acham que a África é um país. E foi esse problema que eu tive com o racismo. Ou às vezes você vai em umas lojas, as pessoas não acham que você poderia pagar, então te olham como... não sei como explicar ((silêncio)). Como um ladrão, você é negro, um negro é um ladrão. Mas agora ((gesticulou)) não me importo mesmo essas coisas.

P5: A cor de pele, estou falando sobre isso, porque eu ainda não... ainda não vivi isso, mas tenho outras pessoas que estavam... que estão vivendo isso, que quando elas contam isso e... faz muito mal, sabe? Porque os brasileiros são... praticamente como os africanos, porque tem essa mistura, migi... misti... ah, esqueci.

Por outro lado, a Participante 7 interpreta de maneira diferente certos comportamentos que, para outros, poderiam ser interpretados como racismo. Ela entende o desconhecimento dos brasileiros sobre seu país como uma oportunidade de educar e não como forma de preconceito.

P7: Minha opinião sobre isso é tranquilo. Porque eu também, tem algumas pessoas em Gana também que não conhece o Brasil, que não conhece outras países... outras países. Então, eu vejo que é nada, só que você... express que...? [...] Expressa, aham. E você fala mais pra essa pessoa conhece. É só isso. Mas eu tinha alguns colegas da minha sala do PEC-G. E, quando os brasileiros perguntam eles... O Benim, por exemplo: “Benim, qual país essa? Eu não conheço. Benim tem bicicleta?” Eles acham que é um racismo ou alguma coisa assim, porque você não conhece Benim ou... Mas, pra mim não. Eu não... eles me deram oportunidade para falar e praticar português. Então, eu falo mais. Sim.

Além disso, muitos participantes mencionaram estereótipos sobre a África e o desconhecimento dos brasileiros sobre os países africanos. Esses relatos indicam que, frequentemente, os brasileiros confundem o continente africano com um único país, desconsiderando sua diversidade.

P2: Sim, eu posso falar que muitos brasileiros não sabem que existe um país que se chama Benim. E também eles acham que África é um país. E eu falei que eles acham que não tem um país que se chama Benim, porque quando você vai sair, eu posso dar um exemplo, eu saí uma vez com os meus amigos, quando é... os... a primeira vez os brasileiros vão te perguntar, “você são de Haiti?”, você vai falar, “não”, eles vão te perguntar de novo se você é de Angola. Se você respondeu não, você é... vai falar agora que você é do Benim,

Benim é um país da África Central, sabe? Então, é isso [...]. Muitos brasileiros acham que África é um país.

P5: Primeira coisa é de tentar... diferenciar, saber que na África tem os países. E o continente africano... africano é dividido em muitos países. E tem os países da África do Oeste, Centro, tudo isso. E eles devam... saber um pouco a cultura de cada país, porque são essas culturas que são aqui no Brasil. Estou falando do iorubá, por exemplo, uma cultura do Benim, que aqui no Brasil tem os brasileiros que pratica isso. Então isso que eu gostaria um dia que os brasileiros... tenta de... estudar, tenta de se interessar em outros países da África.

Outro aspecto destacado pela maioria dos participantes foi a desigualdade social, especialmente no que se refere às diferenças de classe e de acesso a bens de consumo.

P2: É... eles têm é... shopping das pessoas ricas, shoppings das pessoas pobres e shoppings das pessoas menos ricas, né? Não é bom. Mas lá no meu país não é assim.

P3: Ah, hoje a minha visão mudou, o Brasil é um país de complexo e... desigualdades. Pelo menos é o que eu 'observi' na sociedade em Belo Horizonte, tem muito... muitas desigualdades aqui [...]. A solidariedade no Brasil. Bom, eu vou falar dos moradores de rua. No meu país tem moradores de rua, mas não essa... essa.... esse porção... uma porcentagem, né?

Os relatos dos participantes revelaram várias camadas de aspectos sociais que enfrentaram durante sua vivência no Brasil.

4.2 Saberes da competência intercultural de cada participante

No contexto da interculturalidade, a estrutura teórica de Michael Byram oferece uma base sólida para entender e examinar o desenvolvimento das competências necessárias para interagir de maneira eficaz em contextos multiculturais e multilíngues. O modelo de Byram (Figura 1) possibilita a análise de como os indivíduos não apenas adquirem, mas também aplicam os saberes interculturais enquanto se envolvem com diferentes culturas. A seguir, cada um dos componentes propostos por Byram (2021) – atitudes interculturais (*savoir être*), o conhecimento sobre a própria cultura e a cultura brasileira (*savoirs*), a habilidade de interpretar e de relacionar informações (*savoir comprendre*), a habilidade de descobrir e de interagir com novos significados (*savoir apprendre / faire*) e a consciência cultural crítica (*savoir s'engager*) – será explorado e exemplificado por meio de trechos retirados do questionário e da entrevista de cada participante, ilustrando como a competência intercultural se manifestou em suas vivências.

4.2.1 Participante 1

O Participante 1, do sexo masculino e oriundo do Benim, compartilha suas percepções e experiências no Brasil.

As **atitudes interculturais** (*savoir être*) do Participante 1 foram moldadas por suas expectativas iniciais e suas vivências diárias no Brasil. No início, ele carregava visões preconcebidas sobre o país, acreditando que o Brasil se definia principalmente pelo futebol e pela diversidade culinária.

Questionário: Antes de vir aqui no Brasil acreditava que tem variedades de comidas, que o povo brasileiro gosta de futebol mas aqui constatei que os brasileiros gostam só de arroz e feijão e são poucas as pessoas que gostam de futebol.

Esse posicionamento inicial revela expectativas generalizadas que foram desafiadas ao longo do tempo. Durante a entrevista, o Participante 1 reflete sobre o quanto sua compreensão do Brasil se expandiu, percebendo que país é muito mais complexo do que ele imaginava.

Entrevista: Eu tinha pensado que o Brasil era um país de muito esporte, que só... a gente joga só o futebol aqui, porque eu só tinha costume ver os jogos do... da equipe do Brasil. Eu nunca tinha pensado que tem... tinha mais variedade, mais culturas, mais diversidades. Eu não sabia que era um tão... eu sabia que era mais grande do que... era maior do que o meu país, mas não sabia que era tão... um grande país. E eu digo cada dia que Brasil é um continente, porque tem um espaço maior que eu nunca tinha imaginado. E eu acho que vou conhecer várias outras coisas, porque eu estou só no início.

Essa mudança de perspectiva evidencia uma abertura crescente para entender melhor a diversidade cultural do Brasil, algo que Byram (2021) destaca como fundamental para o desenvolvimento da competência intercultural. O Participante 1 começou com uma visão limitada, mas se mostrou mais disposto a explorar as diversas facetas culturais que ainda não conhecia.

Outro aspecto que inicialmente causou estranhamento foi a alimentação. No questionário, o Participante 1 expressa surpresa com o hábito brasileiro de comer arroz e feijão diariamente, mas, na entrevista, ele adota uma postura mais respeitosa perante a diferença cultural.

Entrevista: Como eu falei no início, o fato que os brasileiros gostam de comer o arroz e feijão todos os dias, é uma coisa que chamou muito a minha atenção [...]. O fato também que os brasileiros misturam, hum... os legumes com

tomate, cebola, cenoura... cenoura também, né? Sim, alface, tudo isso junto para comer. Chamou muita minha atenção.

Ao ser perguntado sobre como percebia esse hábito, ele respondeu.

Entrevista: É, mais positiva porque cada país tem sua, é... eu diria, personalidade, né? Sua maneira de fazer as coisa. Eu respeito isso, mesmo se eu não gosto muito eu tenho que respeitar, porque é a cultura do país, é o que os brasileiros gostam. E tem que respeitar isso.

Essa mudança de atitude reflete maior aceitação e respeito pelas práticas culturais brasileiras, alinhando-se ao que Byram (2021) sugere sobre a necessidade de renunciar a preconceitos e adotar uma postura mais aberta e receptiva. Embora o Participante 1 ainda mantenha suas preferências pessoais e possua observações sobre a culinária brasileira, ele compreende que cada cultura tem suas particularidades.

O **conhecimento** (*savoirs*) adquirido pelo Participante 1 no Brasil foi expandido por meio de suas interações sociais, culturais e pelo estudo da língua portuguesa. Ele percebe que, para alcançar seus objetivos no Brasil, o domínio do português era essencial, conforme destacado no questionário.

Questionário: É minha vontade de estudar de uma forma melhor que me levou para me interessar pela língua portuguesa. É muito importante falar essa língua para poder alcançar os objetivos aqui no Brasil.

A necessidade de aprender a língua aparece em sua fala durante a entrevista, na qual ele relata que os primeiros meses no país foram desafiadores por conta da barreira linguística. Aqui, o Participante 1 relata o desafio da barreira linguística e como precisou se dedicar intensamente para superar essa dificuldade, o que reforça a importância do aprendizado da língua como meio de integração cultural. Ao estudar português, ele também ampliou seu entendimento sobre a cultura local, uma vez que, segundo Byram (2021), o domínio da língua facilita o conhecimento das práticas culturais e sociais.

Entrevista : No início minha vida aqui foi muito difícil, sobretudo quando eu cheguei aqui, pois é... no início não tava entendendo nada da língua portuguesa. Então era muito complicado entender o que os brasileiros tinham é... estavam falando. Então foi um... uma tarefa muito difícil. Quando eu comecei o curso da língua eu tinha que me dedicar muito para poder entender o mais rápido, mais rapidamente que for possível. Porque se você está num país e não tá entendendo nada, é... isso não vai te ajudar... ajudar, vai te prejudicar a cada dia mais. Então você tem que se acostumar o mais rápido que possível. Mas agora eu já tô acostumando mais ou menos com as culturas brasileiras. Mesma... mesmo se elas são totalmente diferentes das minhas,

porque tem várias coisas aqui em que eu não tinha costume. Por exemplo, a comida, a cultura, a maneira com que os brasileiros tratam... alguns brasileiros tratam os estrangeiros, é... a maneira de se vestir, e... o clima. Tudo isso. Mas eu acho que com os cinco anos que estão faltando para meus estudos aqui, eu vou me acostumar totalmente. Mesmo se nunca eu... eu não vou esquecer as minhas, ter as minhas culturas próprias.

Com o tempo, o Participante 1 relata ter se acostumado parcialmente ao Brasil, mas reconhece que ainda há diferenças culturais significativas, como as relacionadas à alimentação e à maneira como os brasileiros tratam os estrangeiros. Ele também demonstra que, embora tenha aprendido a conviver com essas diferenças, mantém um forte vínculo com sua própria cultura, reafirmando sua identidade.

Esse conhecimento das diferenças culturais e a capacidade de navegar entre elas são elementos essenciais da competência intercultural, segundo Byram (2021). O Participante 1 integra o aprendizado da língua como uma reflexão sobre as práticas culturais, o que facilita sua adaptação, sem deixar sua identidade.

O Participante 1 desenvolve, ao longo de sua experiência no Brasil, a **habilidade de comparar e de interpretar culturas** (*savoir comprendre*). Inicialmente, ele tinha uma visão idealizada do país, acreditando que o Brasil ofereceria mais oportunidades de trabalho e uma vida mais acessível em comparação ao Benim. No entanto, ele percebe que o sucesso no Brasil demanda muito estudo e esforço.

Questionário: Achava que o Brasil é um país que tem muitas oportunidades de trabalho, que a vida é mais barato que lá no meu país mas devemos estudar 'muito' para ter sucesso na vida.

À medida que se aprofunda em suas experiências, o Participante 1 começa a refletir de maneira mais crítica, comparando as culturas e percebendo que há particularidades tanto no Brasil quanto no Benim.

Entrevista: E... e quando os brasileiros me falam sobre as culturas delas, eu tenho o costume de pegar as minhas e comparar com as culturas do Brasil, para mostrar a eles que não é... não é só as culturas daqui que têm uma particularidade, né?

Essa habilidade de comparar e de interpretar as diferenças culturais demonstra um aspecto essencial descrito por Byram (2021), pois o Participante 1 utiliza essas comparações não apenas para seu próprio entendimento, como também para enriquecer o diálogo com os brasileiros, promovendo uma troca intercultural mais significativa.

O Participante 1 revela certa capacidade **de descobrir e de interagir com novos significados** (*savoir apprendre/faire*). Ele menciona como o estudo da língua portuguesa no Brasil proporcionou diferentes encontros interculturais, algo que não teria vivenciado no Benim.

Questionário: É uma experiência boa de estudar a língua portuguesa aqui no Brasil porque com esse curso eu conheci várias outras culturas fora das minhas. A vantagem de estar imerso em um país de língua portuguesa é que você aprende outra língua que sua, outra cultura que sua e outra maneira de falar que sua. A desvantagem é que é muito complicado se acostumar em outra cultura.

Entrevista : Eu conheci outras culturas totalmente diferentes das minhas... da África, dos outros países da África como: Congo, Gabão e Gana também, e da América também, como: a Jamaica, que eu nunca conhecia, porque se ninguém me conta eu não posso saber. Na escola também não se ensina tudo. Então tem que ter as pessoas que vivem no país para saber como que é a vida lá. Então essas coisas me fazem refletir sobre, é... de um... do outro lado, porque a cada dia mais que... a cada vez mais que você tem um conhecimento novo sobre outras culturas, isso vai te ajudar a pensar de outra forma, refletir sobre o mundo de outro jeito.

Essas interações diretas com pessoas de diferentes origens permitiram ao participante refletir sobre sua própria maneira de ver o mundo, algo que Byram (2021) considera primordial nesse saber. O Participante 1 também percebe que suas experiências ampliam seu horizonte e o fazem “pensar de outra forma” e “refletir sobre o mundo de outro jeito. Esse ponto é crucial, pois evidencia que ele está não apenas adquirindo informações novas, mas, sim, integrando essas novas experiências em suas práticas cotidianas e em suas interações com pessoas de diferentes origens culturais.

Além disso, o Participante 1 reconhece a dificuldade inicial de se adaptar à nova cultura, mas valoriza as vantagens de estar imerso em um ambiente de língua e cultura diferentes, o que facilita seu aprendizado linguístico e o entendimento mais profundo das nuances culturais que o cercam.

O Participante 1 expressou sua frustração com a percepção equivocada de alguns brasileiros que acreditam que a África é um país, ao invés de um continente com diversos países. Ele relatou que, ao mencionar que é africano, muitos brasileiros não demonstram interesse em saber de qual país específico ele vem, reforçando a visão simplista do continente africano. Embora essa situação o incomode, o Participante 1 enfatiza que não se irrita com as pessoas, pois reconhece que essa falta de conhecimento é fruto da desinformação. Ele acredita que, com

o aumento da presença de africanos no Brasil, os brasileiros poderão adquirir mais conhecimento sobre a diversidade cultural e as riquezas do continente africano.

O Participante 1 expressa uma **consciência crítica** (*savoir s'engager*) ao refletir sobre a percepção limitada de alguns brasileiros sobre a África. Ele relata que muitos acreditam que a África é um único país, em vez de um continente com diversas nações.

Entrevista: Sim. Alguns brasileiros não sabem que a África é um continente, muitos acham que é um país. E quando você fala, “eu vim... da África”, eles não têm a menor preocupação de saber de qual Áfri... de qual país da África você vem. Eles já acham que a África é um país, a África toda é uma país. Vão te dizer, “e qual é a sua cidade lá na África?”. Isso é uma coisa que já magoa nós africanos, mas eu não ligo com essas pessoas, porque eu me disse que ele só... elas só faltam de alguns conhecimentos, de algumas instruções para saber que além... deste país, além desse continente tem outros também que precisam ser conhecidos no mundo inteiro.

Essa reflexão revela sua habilidade de questionar visões simplistas e de agir como mediador cultural, educando as pessoas sobre a diversidade africana. Byram (2021) sugere que a consciência crítica cultural envolve a capacidade de reconhecer injustiças e estereótipos e buscar transformá-los. O Participante 1 adota uma postura reflexiva, considerando a falta de conhecimento como fruto de desinformação, e acredita que o aumento da presença de africanos no Brasil pode mudar essa percepção.

Entrevista: Mas eu acho que com vinda a cada dia, a cada vez mais dos africanos, o povo brasileiro vai ficar sabendo de toda a diversidade de... de quanto é valioso todas as riquezas, todas as coisas que nós temos lá no nosso continente África.

Ao propor que o contato intercultural é uma solução para a desinformação, o Participante 1 demonstra seu pensamento sobre a mudança social por meio da educação e da conscientização, algo central na competência descrita por Byram (2021). Ademais, o Participante 1 reflete sobre o valor e a riqueza cultural do continente africano, enfatizando a importância de sua própria cultura e identidade.

4.2.2 Participante 2

A Participante 2 é do sexo feminino e oriunda do Benim.

O *savoir être* refere-se à curiosidade, abertura e disposição para lidar com a diferença cultural, sem perder de vista a própria identidade cultural (**atitudes interculturais**). A Participante apresenta atitudes que refletem tanto a curiosidade quanto o respeito pela cultura brasileira, ao

mesmo tempo em que enfrenta o desafio emocional de sentir saudades de sua terra natal e de sua família, algo comum em processos de adaptação intercultural.

Questionário: Minha vida aqui no Brasil é simple, calma mas tenho também saudade do meu país. E da minha família.

No questionário, a participante expressa que, apesar de viver uma vida tranquila no Brasil, ela mantém um forte vínculo emocional com sua cultura de origem. A saudade da família e de sua terra demonstra que, mesmo em meio a uma nova cultura, o apego à identidade cultural anterior permanece. Esse contraste reflete um desafio emocional comum no processo de adaptação intercultural, no qual o indivíduo precisa equilibrar a assimilação de novos hábitos e costumes com a manutenção de sua identidade cultural.

Questionário: A vantagem de estar imerso em um outro país é de descobrir outra cultura. A desvantagem é de ter saudade do seu país.

Ademais, a Participante destaca a curiosidade e o desejo de aprender sobre a nova cultura, embora também ressalte o impacto emocional de estar afastada de sua terra natal. Ela equilibra a abertura para novas experiências com a necessidade de manter sua conexão com o país de origem.

Essas falas refletem o que Byram (2021) sugere sobre a capacidade de manter a própria identidade cultural enquanto se lida com a diversidade. A participante está aberta à descoberta de novas culturas, mas não perde de vista sua própria identidade, uma habilidade essencial no processo de integração intercultural. Ao expressar curiosidade pela cultura brasileira e ao mesmo tempo destacar a saudade de sua terra natal, demonstra uma dualidade comum na experiência intercultural. Byram (2021) sugere que essa capacidade de equilibrar abertura e apego à própria cultura é central no desenvolvimento das atitudes interculturais.

Entrevista: "Hum... é sempre bom de não julgar, é... com os sentimentos das pessoas, né? Então, se eu tivesse a oportunidade de falar sobre a minha cultura, vou ter valorizado... teria falado sobre minha cultura, valorizando os tecidos da África e as comidas e a dança, ensinar para as pessoas, é... como se chama? Sobre a cultura, sobre o continente África."

Ademais, essa fala reflete o desejo da participante de compartilhar e de valorizar sua própria cultura, mantendo uma atitude de respeito em relação à cultura brasileira. Ela demonstra a importância de preservar sua identidade cultural, ao mesmo tempo em que busca se conectar e respeitar outras culturas. Essas falas ilustram que a participante mantém uma postura aberta, curiosa e respeitosa, essencial para o desenvolvimento de uma atitude intercultural positiva. A saudade do

país de origem e a vontade de compartilhar sua cultura revelam um equilíbrio entre a manutenção de sua identidade e a disposição para interagir com o novo.

O *savoirs* se refere ao **conhecimento** factual e cultural sobre as diferentes culturas no processo de interação intercultural. A participante demonstra um entendimento crítico sobre as diferenças culturais e sociais entre o Brasil e seu país de origem, reconhecendo questões econômicas e sociais, como o racismo, conforme indicou na entrevista. A Participante 2 demonstra uma percepção crítica tanto sobre o Brasil quanto sobre o Benim, mostrando uma compreensão mais ampla das nuances culturais e sociais de ambos os países.

Entrevista: "Minha visão sobre... sabe? A gente sempre fica, como dizem? É... Hum... como falar? A gente fica sempre tranquilo no seu país, né? Então, eu posso falar que Benim é um... bom país, não é racista como aqui. As coisas são baratas e os meios de transporte também são baratos."

A participante faz uma comparação direta entre o Brasil e o Benim, destacando que, em sua visão, o Brasil apresenta problemas sociais que ela não enfrentava em seu país, como o racismo. Além disso, ela destaca diferenças econômicas, mostrando uma percepção crítica sobre ambos os contextos, conforme Byram (2021) argumenta. Dessa forma, o conhecimento é uma base necessária para a interação intercultural, mas deve ser acompanhado por uma compreensão profunda das dinâmicas culturais subjacentes.

Entrevista: Eu constatei que alguns brasileiros estão... como se chama? É... não sei, eu esqueci a palavra, mas as... os brasileiros, alguns brasileiros eles vão rir com você agora e quando você vai embora eles vão falar mal de você [...]. Sim. Sim, algumas pessoas são falsas.

Entrevista: Sobre a cultura brasileira? Eu posso fala... eu posso dizer que na cultura brasileira as pessoas são acolhadores e tem também ingredientes da África aqui. Tem... é... como que se fala? As... hum... o país também é bonito. Eu posso falar dos estados, é... é isso.

Nesta fala, a participante reflete sobre o comportamento social que observou no Brasil, indicando um entendimento das dinâmicas sociais locais.

Entrevista: Eu também constatei que alguns brasileiros são racistas.

Aqui, a participante expõe uma percepção crítica sobre o racismo que experimentou no Brasil, demonstrando um conhecimento mais profundo das questões sociais do país. Essas reflexões mostram que a participante é capaz de comparar aspectos das duas culturas, reconhecendo tanto os

pontos positivos quanto os desafios encontrados. Ela demonstra um conhecimento sólido sobre as complexidades culturais e sociais do Brasil, contrastando-as com as da sua própria cultura.

A fala da participante demonstra que ela tem um conhecimento claro sobre sua própria cultura e é capaz de compará-la à realidade brasileira, destacando tanto as vantagens de seu país de origem quanto as dificuldades que percebe no Brasil, revelando assim uma compreensão crítica sobre ambos os contextos. Segundo Byram (2021), esse tipo de conhecimento crítico, que vai além de simples observações culturais, é crucial para evitar estereótipos e mal-entendidos interculturais, permitindo um engajamento mais profundo com a nova cultura.

O *savoir comprendre* se refere à **habilidade de interpretar e relacionar** eventos culturais distintos de maneira a compreender melhor as diferenças interculturais. A participante demonstra essa habilidade ao refletir sobre as diferenças entre algumas culturas com as quais teve contato durante suas experiências.

Entrevista: Sim, eu posso refletir sobre outra cultura, porque nós fomos é... 12... 12 pessoas de diferente cultura. Então, teve sete beninenses... é... uma gan... uma pessoa de Gana, uma pessoa de Gabão e duas pessoas de Congo. Então eu tinha a oportunidade de... como se fala? De saber mais ou menos algumas coisas sobre outras culturas.

Entrevista: Reflete do jeito que... é... mais ou menos agora eu posso falar de uma coisa sobre cada cultura.

Na entrevista, a Participante revela sua habilidade ao refletir sobre suas interações com pessoas de várias nacionalidades e culturas, tanto dentro quanto fora da escola. Ela reflete sobre as diferenças culturais e parece reconhecer as interações multiculturais como uma oportunidade para aprender e entender mais profundamente as experiências dos outros.

Entrevista: Hum... minhas formas de pensar? É... sim, só um pouco mudou minha forma pensar, porque também com... baseado sobre os meus sentimentos, porque aqui... eu constatei que aqui no Brasil as pessoas são muitas... como se chamam? Emotivas, né? [...] é tipo, lá no Benim para poder chorar vai ser quando... uma... você perdeu uma pessoa... quando uma pessoa morreu, ou seja, quando uma pessoa vai viajar, é nesse caso. Mas aqui no Brasil é diferente, sabe? Então eu também quando eu vejo uma pessoa chorando eu começo também a chorar, mas lá no Benim não é... não era isso. Então é diferente. Também eu constatei que alguns brasileiros estão... como se chama? É... não sei, eu esqueci a palavra, mas as...os brasileiros, alguns brasileiros eles vão rir com você agora e quando você vai embora eles vão falar mal de você.

Entrevista: Eu... as diferenças, eu constatei que aqui em Recife, o acesso daqui... de... de... dos (inint) [00:08:17] não sei como dizer. Por exemplo, para... em BH as pessoas falam, por exemplo, meu Deus do céu. Aqui é meu

Deus... é tipo, as pessoas o sotaque é diferente. Então é... é isso. É o sotaque de Recife é parecido com o sotaque dos... das pessoas que falam espanhol.

A participante demonstra uma habilidade clara de relacionar as diferenças e as semelhanças entre as diversas culturas com as quais teve contato, tanto africanas quanto brasileiras. A participante tem a capacidade de refletir sobre sua experiência intercultural, reconhecendo a importância da convivência com diferentes culturas. Ela consegue interpretar esses eventos de forma significativa, o que é crucial para a construção de uma compreensão intercultural mais profunda.

Essa fala evidencia que a participante possui a habilidade de interpretar e de refletir sobre sua própria experiência cultural, relacionando-a às experiências de outras pessoas de diferentes culturas. Para Byram (2021), essa capacidade de comparação e reflexão é essencial para uma compreensão mais profunda dos contextos interculturais.

O *savoir apprendre/faire* diz respeito à capacidade de **adquirir novos conhecimentos culturais e habilidades culturais, e interagir de maneira eficaz** em novos contextos culturais. A participante demonstra essa habilidade ao aprender a língua e a cultura brasileira por meio de interações sociais.

Entrevista: Sim... No início eu tinha problema por causa da língua, sabe? Foi um dia eu fui num supermercado para comprar carne moída para poder cozinhar. E eu fui comprado, é... uma comida de cachorro ((acha graça)).

A participante compartilha uma experiência de mal-entendido linguístico e cultural, mas demonstra uma atitude positiva ao resolver a situação e achar graça do ocorrido. Isso evidencia sua habilidade de aprender e se adaptar ao novo contexto.

Entrevista: Não, eles não têm costume de me ensinar. Só escuto e eu gosto. Por exemplo, quando eles vão te dar alguma coisa, você... você... você vai falar obrigada, por exemplo. Tem pessoas que falam, é... 'imagina'. Então, eu gosto dessa gíria.

A participante demonstra sua capacidade de adquirir conhecimento linguístico informal ao interagir com brasileiros, utilizando as experiências cotidianas como uma ferramenta de aprendizado, aprendendo gírias e expressões típicas. Ela não apenas descobre novas nuances da língua, mas também se diverte com os mal-entendidos, o que reflete uma atitude positiva em relação à adaptação intercultural.

O **savoir s'engager** refere-se à capacidade de **avaliar criticamente** as práticas culturais, tanto da cultura de origem quanto da cultura de acolhimento. A participante demonstra essa habilidade ao fazer comparações críticas entre as culturas e refletir sobre suas observações em relação ao racismo no Brasil.

Questionário: Alguns brasileiros são hipócritas.

Esta fala reflete um julgamento direto sobre o comportamento de algumas pessoas que conheceu no Brasil, demonstrando sua capacidade de avaliar as práticas sociais com base em suas interações.

Entrevista: A visão? É... como eu já falei, não... eu não tenho uma visão assim, é só agora... é agora que eu sei que Brasil é um país (inint) [...]. Um país racista, mas... mas tem também as pessoas que são acolhedores.

A participante demonstra uma análise crítica ao reconhecer tanto os aspectos positivos quanto os desafios que enfrentou no Brasil, como o racismo e a hospitalidade. Ela consegue reconhecer as complexidades da cultura local, equilibrando tanto os aspectos positivos quanto os negativos, o que reflete uma competência intercultural mais desenvolvida. Para Byram (2021), o **savoir s'engager** envolve a capacidade de questionar e de avaliar criticamente as normas e as práticas culturais, o que é essencial para uma compreensão mais profunda das dinâmicas sociais de uma nova cultura.

4.2.3 Participante 3

A Participante 3 é do sexo feminino e oriunda do Benim.

O saber **Savoir être** envolve a curiosidade, a abertura e a disposição para lidar com as diferenças culturais, sem perder a identidade própria. A Participante 3 demonstra essas atitudes ao relatar sua experiência no Brasil. Desde o início, ela mostrou uma clara motivação para viver uma diversidade cultural e sair de sua zona de conforto, o que reflete uma abertura para novas experiências.

Questionário: O sistema de globalização do mundo. Eu acho que quem fala e entende muitas línguas tem poder.

Entrevista: Eu acho que eu escolhi o Brasil pra estudar, eu escolhi o Brasil pra... por três razões, né? Pra aprender o português, fazer uma graduação e viver uma diversidade cultural fora da minha zona de conforto. Só isso.

Aqui, a Participante 3 revela uma atitude de curiosidade em relação ao aprendizado do português, além de um desejo consciente de ampliar sua compreensão do mundo, o que reflete uma

abertura para novas experiências culturais. Byram (2021) salienta que o desenvolvimento de uma atitude intercultural envolve abrir-se para o questionamento das próprias crenças e suposições, enquanto se mantém disponível para aprender com outras culturas. Além disso, a escolha consciente de sair da “zona de conforto” sugere que a Participante 3 está disposta a enfrentar desafios culturais e pessoais, algo que Byram (2021) identifica como um componente essencial da disposição intercultural, uma vez que durante o processo podem surgir dificuldades e incertezas. A Participante 3 também descreve sua adaptação aos costumes alimentares brasileiros, o que demonstra sua disposição para lidar com novos desafios culturais.

Entrevista: A comida foi um problema enorme no início, porque eu não tinha costume comer arroz, feijão ou comer sem molho todos os dias. Mas agora estou me acostumando, tá tudo bem comigo.

Nesse ponto, a Participante 3 reconhece uma diferença cultural significativa que impacta diretamente sua vida diária. A comida é um aspecto muito importante das práticas culturais e a disposição da Participante 3 para se adaptar ao novo padrão alimentar, mesmo com as dificuldades iniciais, demonstra certa flexibilidade cultural. Essa capacidade de adaptação, mesmo diante de estranhamentos iniciais, reflete uma atitude aberta e receptiva. Byram (2021) defende que a competência intercultural inclui a disposição de “suspender” julgamentos e lidar com as diferenças culturais sem julgamentos.

O *savoirs* refere-se ao **conhecimento cultural e social** que facilita a interação intercultural. A Participante 3 demonstra esse saber ao refletir sobre o contexto cultural brasileiro e ao comparar com sua própria realidade. Ela reconhece a desigualdade social no Brasil, algo que não havia sido devidamente retratado antes de sua chegada, e mudou a sua concepção a respeito do Benim.

Questionário: Antes, eu pensava que meu país estava ruim, mas agora minha visão mudou. Meu país é um dos mais tranquilos do mundo.

Entrevista: Antes de chegar pro... no Brasil, eu conversei muito com um funcionário da embaixada do Brasil no meu país, mas infelizmente ele... ele não me mostrou... a rea... o contra... todas as realidades do Brasil. Ele só me mostrou o lado bom, positivo do Brasil. “O Brasil é um bom país que você vai gostar”. Mas nunca ele falou do racismo, ele falou de desigualdades. Antes de chegar aqui eu sabia que tinha racismo, mas não esse nível de racismo aqui.

Para aprofundar a reflexão sobre o conhecimento que a Participante 3 adquiriu sobre o Brasil, podemos incluir a seguinte fala, que destaca seu conhecimento sobre a desigualdade social e como isso a surpreendeu.

Entrevista: Ah, os negros... todos os negros não têm acesso à educação, por exemplo. Crianças trabalhando, vendendo na rua. Eu não achava que tinha essas... essa realidade aqui, então eu falo de complexidade nesse contexto, especificamente.

Essa fala revela como a Participante 3 se confrontou com camadas mais complexas da sociedade brasileira, percebendo um abismo entre a imagem idealizada e a realidade vivida, especialmente no que diz respeito à desigualdade racial. Byram (2021) aponta que o conhecimento intercultural não se resume a informações superficiais, mas envolve a compreensão crítica das dinâmicas sociais e políticas que moldam as interações culturais. Nesse caso, a Participante 3 passa a entender as desigualdades como parte do contexto cultural do Brasil e o reconhecimento das complexidades sociais existentes, que não eram aparentes para ela antes de sua chegada.

A capacidade de **interpretar e relacionar** elementos de diferentes culturas (*savoir comprendre*) permite uma compreensão mais ampla das diferenças interculturais. A Participante 3 demonstra essa habilidade ao refletir sobre as diferentes realidades que observou no Brasil e nas interações com pessoas de diversas nacionalidades.

Entrevista: Hum, na minha sala na turma tinha quatro ou cinco nacionalidades: Benim, Gana, Congo, Gabão, Jamaica. Então não é a mesma... não são as mesmas culturas, mesmas formas de pensar, de refletir, de discutir. E mesmo nos gestos, não são as mesmas coisas. E no início foi difícil, muito difícil, porque o que os gesto... eu, para mim... pra conversar eu faço muitos gestos, mas pessoas não entendem. Fazem uma... outra interpretação do que eu faço, do meu jeito de olhar pras pessoas. Então... foi difícil no início, mas com o tempo cada pessoa se acostumou. Eu acho. Então começou a aceitar as outras pessoas com as diferenças delas.

Ao falar das diversas nacionalidades presentes em sua sala de aula, a Participante 3 revela que seu processo de adaptação envolve lidar com múltiplas culturas, o que aumenta sua capacidade de compreender diferentes formas de comunicação. Os gestos, que são interpretados de formas distintas, evidenciam como as culturas podem ter diferentes códigos de conduta, e o fato de a Participante 3 ajustar seu comportamento reflete a habilidade de relacionar esses diferentes códigos para facilitar a interação.

Para reforçar ainda mais sua habilidade de interpretar e de relacionar, podemos incluir a seguinte fala, que aborda como ela se engajou em compreender as diferenças culturais e refletiu sobre elas.

Entrevista: No início... vou falar que meus pais me educaram a aceitar as outras pessoas com o jeito delas. Então não foi muito, muito difícil pra mim. Exceto esse problema de compreensão, de interpretação das maneiras de

fazer. Só isso. Eu aceitava pessoas com pensamentos delas, maneira de fazer delas. Tudo. Pra mim tudo é normal. Se uma pessoa fala de um jeito, pra mim é normal. Se ela faz essa coisa, pra mim é normal. É a educação dela, é a cultura dela. Não julgo ninguém... é a minha educação, então não foi um problema esse pra mim.

Essa fala destaca como a participante desenvolveu a capacidade de interpretar e de aceitar as diferenças culturais com as quais interage, refletindo uma abertura e uma aceitação que, segundo Byram (2021), é crucial para envolver a compreensão dos significados por trás das ações e expressões de cada cultura, o que exige um olhar crítico e reflexivo.

O *savoir apprendre/faire* refere-se à **habilidade de aprender continuamente** sobre novas culturas e utilizar essas descobertas para **interagir de forma eficaz**. A Participante 3 exemplifica essa habilidade ao descrever como suas interações diárias com brasileiros e as aulas de português no CEFET a ajudaram a se familiarizar com a língua e com a cultura brasileira.

Entrevista: Nós tínhamos aula sobre a cultura brasileira, sobre os aspectos do... os diversos aspectos da vida no Brasil, as festas, perdão, típicas do Brasil. Os... os dias nacionais, os eventos, tudo isso. Então eu acho que as aulas de português aqui no CEFET me ajudaram muito. Porque eu tive a oportunidade de aprender não só gramática, não só conjugação, mas além disso eu aprendi sobre o Brasil, a cultura, as cidades, os... as regiões do país, muitas coisas.

Entrevista: Informalmente conversando com os jovens brasileiros e algumas pessoas idosas, porque eu já observei que são esses... esses tipos de pessoas que falam mais o português informal. Então eu conversava com elas. Só. Sala com elas.

Nessas interações, a Participante 3 destaca que as conversas informais com brasileiros, em especial os jovens e idosos, foram essenciais para aprimorar seu conhecimento do português. Isso reflete a prática contínua de aprendizado fora do ambiente formal de sala de aula, o que, para Byram (2021), é primordial. Aprender a partir da convivência diária permite um entendimento mais profundo das nuances culturais, como as formas informais de comunicação.

Assim, a segunda fala indica como a Participante 3 utilizou suas interações cotidianas fora da sala de aula para melhorar sua compreensão da língua e das nuances culturais, especialmente por meio do aprendizado do português informal. Byram (2021) observa que a habilidade de aprender através da prática diária e das interações sociais é essencial para o desenvolvimento de uma competência intercultural mais robusta.

Além disso, a participante também reflete sobre sua adaptação às diferenças na escrita entre o Brasil e o Benim, demonstrando sua capacidade de modificar suas habilidades linguísticas e culturais para se adequar ao novo ambiente acadêmico e social.

Entrevista: ((risos)) Estou fazendo uma tradução do (inint) [00:21:35] português. De... as maneiras de escrever documentos... ((silêncio)) (inint) [00:21:46] ((voz baixa)) mas as maneiras de escrever, de fazer redações lá no meu país são um pouco diferentes do que eu aprendi aqui. Então eu... tinha que mudar um pouco o meu jeito de escrever, meu jeito de exprimir meus pensamentos na escrita. Só isso.

Essa adaptação às formas de escrita demonstra não apenas a capacidade de aprender novas regras culturais, mas também a flexibilidade cognitiva para modificar um aspecto profundamente enraizado, como a expressão escrita. Byram (2021) sugere que o *savoir apprendre/faire* implica se ajustar a novas formas de interação e comunicação, o que é evidente no relato da participante sobre como ela adaptou sua maneira de escrever no Brasil, refletindo um aprendizado contínuo que vai além da língua falada.

O *savoir s’engager* envolve a **capacidade de avaliar criticamente** as práticas culturais, tanto da própria cultura quanto da cultura de acolhimento, e agir para transformar essas percepções. A Participante 3 demonstra essa habilidade ao refletir sobre a visão estereotipada que algumas pessoas têm sobre a África e seu país, o Benim.

Entrevista: África é miséria, Benim não existe mesmo, ninguém conhece ou a maioria das pessoas não conhece o Benim. Quando você fala de África todo mundo pensa, “ai, árvore” ((riso)). Até um motorista de UBER me perguntou um dia, “vocês têm casa na África?”, eu respondi que não tínhamos casa na África, que nós moramos nos... nas árvores ((riso)). E ele me olhou...

Essa fala evidencia a percepção estereotipada que muitos brasileiros ainda têm sobre a África e como a participante precisa lidar com essas visões limitadas. O fato de ela responder de forma irônica, mas ao mesmo tempo “educando” a pessoa, revela uma abordagem crítica, que vai além do simples enfrentamento do preconceito e tenta provocar uma reflexão. Para Byram (2021), essa habilidade de desafiar estereótipos é uma parte essencial do *savoir s’engager*, que inclui a conscientização e a ação para modificar percepções culturais errôneas.

Dessa forma, ela não apenas reconhece o problema, mas também sugere uma solução para melhorar a percepção das pessoas sobre seu continente.

Entrevista: Vai começar com as mídias mostrando o lado positivo da África, o lado positivo do Benim. Não mostrar só a guerra, a fome, a pobreza, não... porque a África, o Benim não é só isso, tem muitas outras coisas bonitas lá.

Ao propor que as mídias têm um papel fundamental na mudança de percepções erradas sobre a África, a participante demonstra uma consciência crítica sobre o impacto das representações culturais. Byram (2021) destaca que o *savoir s'engager* não se limita à crítica passiva, mas envolve a busca por soluções práticas que desafiem as representações unidimensionais de uma cultura. Nesse caso, a participante sugere uma solução concreta que poderia transformar as percepções dos brasileiros sobre seu continente.

Outra fala que complementa essa reflexão crítica e propõe uma mudança na forma como as pessoas pensam vem de uma observação sobre o papel das mídias e da educação é:

Entrevista: Não, eu quero que... que isso muda, né? Hum... de qual maneira eu acho que vai depender das mídias. Já falei que é o que as mídias mostram pras pessoas, que elas guardam na cabeça. Mas pessoas também têm acesso a internet, por que não ir lá no Google e buscar? Não sei. Eu acho que essa mentalidade das pessoas que tem que mudar... do... berço mesmo até a universidade. E pras pessoas que não têm acesso à educação...

Aqui, a Participante 3 enfatiza a importância de uma mudança mais profunda e sistêmica, que parte da educação e da conscientização desde a infância. Byram (2021) observa que a consciência cultural crítica não é apenas sobre reconhecer as injustiças, mas também sobre agir para modificá-las. A Participante 3 propõe mudanças a partir das mídias e da educação, sugerindo que as percepções erradas sobre a África poderiam ser transformadas se informações mais positivas fossem amplamente disseminadas.

4.2.4 Participante 4

O Participante 4 é do sexo masculino e oriundo do Benim.

O *savoir être* refere-se à **abertura e à curiosidade** em relação a outras culturas, com disposição para lidar com as diferenças culturais **sem perder a identidade** própria. Para Byram (2021), essa atitude envolve não apenas aceitação passiva, mas uma vontade ativa de se envolver com o diferente, suspendendo julgamentos. O Participante 4 demonstra essa abertura ao refletir sobre as dificuldades iniciais no Brasil, como a língua, a comida e os costumes sociais.

Questionário: Eu não me adaptar bem ainda sobretudo a causa das comidas que estão muito diferente do meu país.

Entrevista: No início foi... foi difícil, né? Porque não fala... não falava é... portu... a língua portuguesa. Então, foi difícil pra conversar, pra fazer qualquer coisa foi difícil. Mas felizmente nós ti... nós temos algum beninenses aqui que ajudou, que no... que facilitou, que facilitaram as coisas pra... que nos ajudou muito pra fazer muitas coisas, então... apesar que foi difícil, nós tivemos a chance de ter ami... os beninenses aqui e a pessoa pra nos ajudar...

pra ajudar-nos. Então, no sentindo de... de falar, de conversar foi difícil. Depois disso... além disso, a comida também foi difícil de se acostumar pra... pra muitas coisas, com a comida também. E pra cultura também, porque aqui as pessoas têm costume de se... de se beijar, por exemplo. Isso é uma...

Aqui, o participante mostra que, apesar dos desafios iniciais, ele se manteve aberto a entender e a se adaptar à nova realidade, uma característica central do *savoir être*. A língua e a comida, fatores cotidianos e essenciais para a integração, foram obstáculos que ele enfrentou com uma atitude de abertura, sabendo que seria necessário se acostumar para prosperar na nova cultura.

Entrevista: (...) porque aqui as pessoas têm costume de se... de se beijar, por exemplo. Isso é uma... (...) Sim, qualquer lugares. É... isso... no meu país isso não pode se acontecer. Nós tem... não tem costume de fazer, de ver essas coisas. E... então, foi uma novidade pra mim também. É... mas hoje... hoje em dia eu estou... eu estou me 'acomodando'... e tudo bem agora, eu posso conversar com os... as pessoas, é... ter... fazer novas amizades e... ((fala baixo)).

Ao mencionar que o hábito de se beijar como forma de cumprimento é uma novidade para ele, o Participante 4 revela sua disposição para lidar com essas novas práticas, mesmo que elas sejam estranhas ou desconfortáveis a princípio. Byram (2021) destaca que o *savoir être* inclui a disposição de adotar temporariamente o ponto de vista de outra cultura para entender suas práticas e valores. A fala do Participante 4 demonstra que, apesar dos estranhamentos iniciais, o participante foi capaz de se adaptar gradualmente, desenvolvendo uma atitude mais aberta em relação à cultura local. Esse processo de "acomodar-se" é central para o *savoir être*, conforme descrito por Byram (2021).

O *savoir* está relacionado ao **conhecimento** das práticas culturais, históricas e sociais da cultura de acolhimento, bem como à capacidade de perceber as semelhanças e as diferenças entre essa cultura e a própria. Para Byram (2021), é essencial que esse saber seja crítico e contextual, reconhecendo as complexidades culturais.

O Participante 4 demonstra esse saber ao refletir sobre suas expectativas em relação ao Brasil e a realidade que encontrou.

Questionário: Antes de chegar aqui, as primeiras coisas que vêm na minha mente quando eu ouvisse falar do Brasil são futebol, praia e bonitas mulheres mas aqui eu percebi que mesmo se as pessoas estão amigáveis, tem alguns que são racistas.

Essas falas revelam que o participante chegou ao Brasil com uma visão estereotipada e limitada, associada aos elementos mais populares da cultura brasileira (futebol, praias e mulheres bonitas). No entanto, ao confrontar a realidade, adquiriu um conhecimento mais crítico e aprofundado sobre as desigualdades sociais e o racismo no Brasil, ajustando suas percepções de forma mais complexa e contextualizada, como sugere Byram (2021).

Entrevista: Sim, sim, sim. É... achava também que o Brasil é um grande país muito rico, mas o que eu não sabia que... é que... o Brasil... todo mundo acha que o Brasil é um país muito grande com muitas riqueza. E isso eu concordo também, mas o que eu notei é que tem mais moradores das ruas aqui do que no meu país. Isso é uma coisa que me... que me... afetou um pouco, porque muitos dizem que esse país seja um país muito rico, mas apesar disso tem essa quantidade das pessoas na rua. E além disso, é... eu não sabia que o... eu não fiz as (pesquisas) sobre isso, mas eu sei que é... o Brasil é um país racista, porque tem... tem... eu descobri tudo isso aqui com as... as questão de cota racial, todas essas coisas é.... muito difícil pra os negros de sobreviver aqui.

O participante também percebe que questões como o racismo e a pobreza não são apenas questões individuais, mas estão profundamente enraizadas nas estruturas sociais, algo que Byram (2021) considera fundamental para o desenvolvimento do *savoir*. O reconhecimento dessas dinâmicas sociais mais amplas reflete o aprofundamento do seu conhecimento intercultural.

O *savoir comprendre* refere-se à **capacidade de interpretar e relacionar elementos de diferentes culturas**, permitindo uma compreensão mais ampla das diferenças interculturais. Para Byram (2021), isso envolve a habilidade de reconhecer que cada cultura tem suas próprias normas e valores, que podem ser interpretados de forma diferente dependendo do contexto.

O Participante 4 demonstra essa habilidade ao refletir sobre suas interações com brasileiros e como ele precisou ajustar sua comunicação e comportamento para se alinhar às normas sociais brasileiras.

Entrevista: Sim, é... ((silêncio)) (diante)... um pouco tempo... esse tempo que eu... eu pass... tô passando aqui, é... eu percebi que eu mudei um pouco, no sentido que eu tenho mais, é... eu posso aceitar a... as pessoas como ele estão. Antes eu posso aceitar, mas desse je... eu tenho... tenho mais essa tolerância, né? Do que eu... eu tinha. Agora eu posso lidar com muitas coisas, como aceitar... aceitar as pessoas como ele estão... e saber conviver com as pessoas, né? É, porque somos, já falei, somos muitos beninenses aqui, e vai ser... ter sempre algum problema... problemas. Então saber lidar com isso, saber conviver com a sociedade e como... vai sempre as... as coisas, né? Mesmo na sociedade, nessa sociedade com os brasileiros também, como lidar com eles. Saber quando ir pra conversar com alguém. Quando não... saber co... ver um pouco as características, aspectos, os aspectos visuais. O jeito que eles estão fazendo as coisas, ver se ele vai... quer falar com você ou não. Todas essas coisas, né? É isso.

Essa fala mostra a capacidade do participante de interpretar e entender as normas culturais brasileiras, ajustando suas ações e comportamento para evitar mal-entendidos. Byram (2021) afirma que o *savoir comprendre* envolve a interpretação das práticas culturais de forma crítica, reconhecendo que o que é normal em uma cultura pode ser interpretado de forma diferente em outra. O participante reflete sobre essa adaptação, entendendo que, mesmo que não concorde com certos aspectos, precisa respeitá-los e ajustar-se para conviver em harmonia.

Entrevista: Foi sempre bom. É... na sala de aula as conversas são... é... foi... foram... como dizer? Foi bom. Não sei como que fala. ((silêncio)) Ter... vai ter sempre as coisas, por falar, né? Sempre são de jeito amigável, jeito... é... não magoar outra pessoas, respeitar as... as opiniões dos outros, cada pessoa tem que... que se divertir, se aprender, no mesmo tempo se divertir e sem machucar outros.

Aqui, ele demonstra a consciência de que palavras e ações podem ter significados diferentes dependendo do contexto cultural, e que é necessário adaptar-se para evitar conflitos ou mal-entendidos. Essa habilidade de “ler” o comportamento social é central para o *savoir comprendre*, conforme descrito por Byram (2021).

O *savoir apprendre/faire* envolve a **capacidade de aprender com novas experiências culturais e interagir eficazmente em novos contextos**. Para Byram (2021), isso inclui a disposição de descobrir novos aspectos culturais através da prática diária e da interação social. O Participante 4 exemplifica essa habilidade ao descrever como ele utilizou suas interações cotidianas para aprender mais sobre o Brasil.

Entrevista: Sim, sim. Eles foram receptivos mesmo porque... amigável, nós tínhamos... eles organizaram também é... algum evento pra que nós podemos se divertir, como as... os passeios e os eventos, como encontro cultural. Tudo isso pra que nós podemos se divertir e também, é... falar um pouco sobre nossa cultura. E foi importante tudo isso.

Essa fala mostra o esforço contínuo do participante em aprender através de suas interações diárias com a cultura brasileira. Ele não apenas participa de eventos culturais, mas também utiliza essas oportunidades para praticar a língua e aprender sobre os costumes locais, o que reflete o *savoir apprendre/faire* descrito por Byram, que sugere que o aprendizado intercultural é mais eficaz quando vem da prática e da experiência direta.

Questionário: Aprender essa língua está interessante, é uma experiência maravilhosa porque eu estou aprendendo no mesmo tempo a cultural deste país.
Entrevista: É, sim. Sim, porque... porque isso me ajudou. Estou aqui no Brasil, que é uma país que fala essa língua. Então, isso me ajudou muito pra falar, porque tem... tem que falar todos os dias, isso me ajudou muito para falar. E

com isso... não é só aprender a língua, mas do... no mesmo sentido aprender a cultura desse país. Conhecer um... conhecer... como outras... outro mundo, outro país, outras realidade. Então, é isso.

Além disso, o participante destaca que o aprendizado da língua e da cultura são processos interligados, algo que Byram (2021) também sugere como fundamental para o desenvolvimento do *savoir apprendre/faire*. Ao se envolver ativamente com a língua e os costumes locais, ele aprimora suas habilidades de interação cultural.

Entrevista: Sim, claro, claro que sim. Porque a cada vez que nós queremos abordar um aspecto da soci... da soci... dessas... da cultura brasileiros, nós sempre... nós temos costume de... apresentar os... de fazer uma comparação entre a cultura do Brasil e a cultura do nosso... nosso país. Porque, é... as aulas se... fazem do jeito que você vai... eles vão te fazer a pergunta “aqui no Brasil, é... você já percebeu, você já viu essa... essas coisas”, então eles vão falar, “no seu país como é que é?”. É sempre isso. Então, é sempre uma comparação entre e... aqui e no meu país. Fazer uma comparação sempre tem... isso vai te permitir fazer, (descobrir) as coisas que você não percebia, você não ‘percebi’. Então é isso.

Essa fala mostra como o participante utiliza a comparação entre culturas como uma forma de descobrir novas informações sobre ambas as culturas, algo que Byram (2021) considera essencial para o desenvolvimento do *savoir apprendre/faire*.

O *savoir s’engager* envolve a **capacidade de avaliar criticamente as práticas culturais e agir com base nessa avaliação**, desafiando estereótipos e preconceitos. Para Byram (2021), essa consciência crítica é fundamental para a competência intercultural, pois envolve não apenas a compreensão das diferenças culturais, mas também o desejo e a habilidade de as transformar em uma mudança positiva. O Participante 4 demonstra o *savoir s’engager* ao refletir sobre os estereótipos que os brasileiros têm sobre a África e como ele utiliza sua experiência para educar e desafiar essas percepções.

Entrevista: E, quando você conversar com essas pessoas, você vai perceber que eles não sabiam... sabiam as coisas de verdade, as coisas que nós temos lá na África. Tem mesmo as pessoas que acham que África é um país. E eu ti... eu tive a ‘chança’ de falar com eles, de pelo menos tra... trazer um pouco de conhecimento sobre minha cultura, sobre... pra eles, pra ver. Porque as... a ‘média’... eles es... os brasileiros têm... gostam de seguir o que as ‘médias’ estão falando. Então, isso... isso não é toda... todas as vezes... as verdadeiras, as informações... as informações são verdadeiras, então é pouco complicado nesse sentido também.

Aqui, o participante mostra sua capacidade de atuar como mediador cultural, corrigindo equívocos e estereótipos, o que é um exemplo claro do *savoir s'engager*, conforme descrito por Byram (2021). Ele não apenas entende a percepção errada que as pessoas têm, mas também age para educar e informar, promovendo uma mudança nas atitudes dos outros.

Entrevista: Sim, sim. Queria que... o povo brasileiro tem uma visão diferente do que eles acham, porque... África não é um país pra começar, e tem muitos... muitos país que são muito interessante, muito interessante... é... interessante. Tem... eles acham também que tem a guerra. Não vou falar que tem a guerra, não tem... às vezes tem... tem um... tem algum conflito, mas não é todos... todas às vezes, no todos os países. Não é sempre. É como no todos os lugares também, todos os países também têm a família... a família, né?

Essa fala destaca o desejo do participante de transformar a visão dos brasileiros sobre seu continente de origem, buscando maior compreensão da diversidade africana. Byram (2021) sugere que a consciência crítica envolve não apenas reconhecer a injustiça, mas também tentar transformá-la, como o Participante 4 demonstra aqui.

Entrevista: Na verdade eu achava que meu país era um país muito pobre e com muitos defeitos. Mas quando eu cheguei aqui eu vi que... eu percebi também a riqueza que nós temos lá no meu país... porque acho que eu também não percebi o que nós temos... temos, mas agora eu percebi, temos muitas coisas, temos... apesar que nós não estamos, nós não somos é... estamos muito rico, temos essa riqueza cultural, é... natu... natural, né?

Essa fala mostra como o Participante 4, através de sua experiência no Brasil, passou a ver seu próprio país de maneira mais crítica e complexa, reconhecendo as riquezas culturais e naturais que antes não eram tão evidentes para ele. Byram (2021) afirma que o *savoir s'engager* inclui a capacidade de refletir criticamente tanto sobre a cultura do outro quanto sobre a própria cultura, e essa fala exemplifica bem essa habilidade.

4.2.5 Participante 5

O Participante 5 é do sexo masculino e oriundo do Congo.

O Participante 5 exemplifica suas **atitudes interculturais** ao descrever sua adaptação ao Brasil, mesmo diante das dificuldades, como a barreira linguística e a distância de sua família.

Entrevista: Então... então, no começo a vida aqui no Brasil foi muito difícil, por causa da língua portuguesa que eu não estava... entendendo. E também da... o fato de estar longe da minha família impactou muito minha rotina, sabe? E no início não consegui de expressar as coisas, e às vezes eu chorei pra... pra muitas coisas. Quando a língua portuguesa estava me... não sei como falar no português. Estava me... me complicar, vou falar... me

complicar. Estava chorando porque pra mim nunca... eu ia, vivia longe da minha família.

Nessa fala, o participante reflete sobre como o processo de adaptação foi inicialmente desafiador, especialmente por conta da língua e da saudade de casa. Segundo Byram (2021), o desenvolvimento da competência intercultural envolve lidar com a incerteza e aceitar as dificuldades como parte da experiência de imersão cultural. Aqui, o participante demonstra essa abertura ao reconhecer o impacto emocional que essas mudanças causaram em sua vida. Apesar desses desafios, ele mostra uma clara adaptação e sentimento de pertencimento.

Entrevista: Então, mas agora está 'suave' ((riso)), as coisas mudaram e... agora estou... eu já falei que eu estou na minha casa, o Brasil agora é como meu país.

Essa transformação reflete uma disposição para se adaptar ao novo ambiente, o Participante 5 passa a ver o Brasil como um segundo lar, demonstrando que ele não apenas enfrentou as dificuldades iniciais, mas também se abriu para o processo de aceitação e de incorporação de novas experiências culturais.

O conhecimento sobre as nuances das diferentes culturas e suas estruturas sociais facilita a interação intercultural. O Participante 5 exemplifica esse saber ao refletir sobre a diferença entre sua percepção inicial do Brasil e a realidade que encontrou ao chegar.

Entrevista: Então, a visão que eu tinha do Brasil, Brasil pra mim, achava que o Brasil é como o meu país o Congo. A cultura é a mesma, porque sabemos que aqui no Brasil tem muitos negros que o... as pessoas brancas. Então pra mim achava que Brasil é como o Congo, tinha as... os mesmo problemas, sabe? E quando cheguei aqui, encontro uma outra coisa, sabe? Porque o que os mídias nos mostra é diferente. Encontrar aqui as coisas maravilhosas. E eu não sabia Minas Gerais, porque lá na televisão só o Rio de Janeiro, São Paulo. Então Rio de Janeiro sobre as favelas, as guerras que às vezes acontece lá. Então a visão do Brasil... não... tinha um lado positivo e também o negativo, sabe? Porque estava achando que é como só o meu país.

Essa fala revela o processo de ajuste entre o que ele pensava sobre o Brasil, antes de sua chegada, e o que ele vivenciou. Byram (2021) sugere que o conhecimento intercultural envolve uma compreensão crítica das semelhanças e diferenças culturais. O Participante 5, ao reconhecer que suas percepções iniciais eram simplificadas, passa a adquirir um entendimento mais complexo da sociedade brasileira.

Entrevista: O Brasil é um país que estava no desenvolvimento e que... ao contrário do que... os jornalistas falam na televisão, o Brasil é um país que você pode encontrar o paz se você quer...

Ao mencionar como a mídia não retrata o Brasil de maneira fiel, o participante adquire um conhecimento mais profundo sobre a realidade social e cultural do país. Byram (2021) afirma que a capacidade de interpretar informações culturais e sociais de forma crítica, reconhecendo como as representações midiáticas podem ser distorcidas, por exemplo, é encorajada no contexto intercultural.

O *savoir comprendre* envolve a **habilidade de interpretar e relacionar diferentes elementos culturais**, permitindo uma compreensão mais ampla das realidades interculturais. O Participante 5 reflete sobre a importância de entender os pontos de vista de outras pessoas e como isso impactou sua capacidade de interagir de forma mais eficaz.

Entrevista: Sim, mudou muito, bastante meu comportamento. Com essa experiência eu aprendi a lidar com as coisas, que foi umas coisas que eu não estava conseguindo fazer isso. E aprendi também a entender os outros, o ponto de vista dos outros. Porque na vida pra tentar chegar, pra tentar alcançar os objetivos você deve tentar escutar os outros, porque é isso a base de... do caminhar de uma pessoa, sabe? Então é isso que eu aprendi aqui no Brasil. Isso.

Ao refletir sobre a importância de ouvir e entender outras perspectivas, o participante demonstra sua capacidade de interpretar as nuances culturais nas interações com outras pessoas. Byram (2021) expõe a importância da capacidade de decodificar e relacionar elementos de diferentes culturas, o que o participante claramente exemplifica ao considerar o papel da escuta e da compreensão como fundamentais para o sucesso nas interações interculturais.

Entrevista: É, discussão... choque do cultura, sabe? Somos do mesmo continente, mas tem esse choque do cultura que às vezes estava atrapalhando um pouco a convivência na sala, na aula. Mas no final... agora está bom. Todo mundo... conseguir de entender um pouco... perceber pouco o comportamento do cada um de nós.

Essa fala destaca como o participante foi capaz de perceber as diferenças culturais até mesmo entre pessoas do mesmo continente, e como ele conseguiu ajustar sua compreensão para lidar com essas diferenças de forma produtiva. Além disso, demonstra saber que os choques de cultura podem atrapalhar a convivência intercultural, fenômeno que pode ocorrer em situações como esta. Mas um falante intercultural saberá agir como mediador, prezando pelo entendimento entre as partes.

A **habilidade de aprender continuamente sobre uma nova cultura e utilizar esses aprendizados para interagir de forma eficaz** é um saber da competência intercultural proposta por Byram (2021). O Participante 5, ao responder o questionário, afirmou que estar em um contexto

de imersão proporciona maior aprendizado da língua e que dominar esse aspecto linguístico, é capaz de ajudar no âmbito profissional.

Questionário : Vantagem é de aprender uma outra língua que vai te ajuda no domínio Profissional. Incoveniente não têm porque ele vai contribuir no conhecimento de você.

Durante a entrevista, o Participante 5 exemplifica esse saber ao falar sobre como suas interações diárias no Brasil ajudaram a melhorar seu domínio da língua e sua compreensão cultural.

Entrevista: Ah, vantagem é... estavam em contato com a língua, porque onde eu morava antes teve só os brasileiros. Então isso que me ajudou muito a falar o português rápido. Porque se... se fosse lá no Congo, eu não deveria me preocupar muito sobre isso, porque depois de aprender na escola, na casa ninguém fala português. Então, vou esquecer as coisas que eu aprendi lá no... na sala.

O Participante 5 reconhece que estar imerso no ambiente brasileiro, cercado por falantes nativos, foi um fator crucial para seu rápido aprendizado da língua. Byram (2021) sugere o benefício da aprendizagem decorrida das interações sociais e práticas cotidianas. O Participante 5 demonstra isso ao atribuir seu progresso no aprendizado da língua à imersão direta, e do conhecimento das diferentes culturas do Brasil.

Entrevista: Então aprender o português aqui no Brasil pra mim me favorecia... saber o jeito de falar dos brasileiros e também desenvolver minha audição a entender... e a diferenciar o sotaque do cada região ((riso)) do Brasil.

Assim, ter uma escuta ativa, com o intuito de desenvolver a audição do português, o Participante 5 indica que agora é capaz de diferenciar o sotaque das diferentes regiões do Brasil.

Um falante intercultural é um agente de mudanças. O Participante 5 demonstra essa habilidade ao refletir sobre como ele gostaria de contribuir para o desenvolvimento de seu país após sua experiência no Brasil e mudança de perspectiva sobre o Congo.

Questionário: A maneira de ver as coisas, o pensamento sobre o futuro de meu país e como eu posso fazer para contribuir o desenvolvimento dele quando eu vou voltar.

Essa fala demonstra que o participante adquiriu uma visão crítica e transformadora durante sua experiência no Brasil.

Entrevista: Agora... Não, mudei, porque com as coisas daqui, eu gostaria que eu também um dia voltar lá no Congo, ser presidente para mudar as coisas pra tentar dar uma outra visão nos outros, porque nós devemos ajudar o país pra crescer o desenvolvimento do país.

Nessa fala, o participante reflete sobre o impacto transformador de sua experiência no Brasil e como isso influenciou sua visão sobre o futuro do Congo. Byram (2021) argumenta que a consciência cultural crítica contribui para a capacidade de transformar as percepções culturais adquiridas em ações que promovam mudanças sociais. O desejo do participante de retornar ao Congo para promover o desenvolvimento reflete esse aspecto.

O Participante 5 adquiriu uma visão crítica e transformadora durante sua experiência no Brasil. Ele não apenas identifica os problemas em seu país, mas também reflete sobre como pode contribuir para melhorá-lo. Byram (2021) menciona que a consciência crítica envolve tanto o reconhecimento das injustiças quanto a ação em prol de mudanças sociais, o que o participante expressa claramente aqui.

Entrevista: Infelizmente o brasileiro... não sei, mas o brasileiro não é muito... não se interessa muito sobre as coisas, outras continentes, outros países, sabe? Porque... os brasileiros acham que a África é só um continente... é um país, um país. Então eles não falam do Congo como um país ou Gabão como um país. Então é isso. Então sobre o que os brasileiros pensam sobre o Congo não sei, para eles o Congo não existe, porque dois Congos, o grande e o pequeno. Às vezes na televisão é só outro Congo que os jornalistas mostra, mas tem o outro Congo que é muito pequeno. Então, a visão não sei se os brasileiros têm... essa visão sobre meu país (inint) [00:13:55]. Não sei.

Além disso, o Participante 5 avalia criticamente a falta de interesse dos brasileiros em aprender sobre outros países, especialmente sobre a África. Ao refletir sobre essa visão limitada dos brasileiros, o participante reconhece a necessidade de maior conscientização sobre a diversidade africana e sugere que isso é algo que deve ser transformado, para que assim os estereótipos sejam acabados e se possa promover uma compreensão mais profunda e complexa de outras culturas, como Byram (2021) menciona.

4.2.6 Participante 6

O Participante 6, natural do Gabão, compartilha suas experiências interculturais durante sua vivência no Brasil. A análise de suas falas, tanto do questionário quanto da entrevista, revela o desenvolvimento dos saberes interculturais conforme o modelo de Byram (2021).

Desde o início de sua experiência, o participante demonstrou uma **disposição para enfrentar desafios culturais e se adaptar** a um novo contexto. Ao aceitar a oportunidade de estudar no Brasil, ele se posicionou de forma aberta a novas experiências, buscando se integrar e aprender com a cultura local.

Questionário: Vim para o Brasil porque eu quis estudar aqui, tive outras bolsas, mas essa do Brasil foi a maior delas porque Brasil me propôs o CEFET-V, uma faculdade especial para engenheiros.

No entanto, ele menciona as dificuldades encontradas, sobretudo o impacto do choque cultural ao lidar com diferenças cotidianas.

Entrevista: Então tem esse... essa... esse problema financeiro. Além disso, também tem também o... a convivência, né? Com as outras pessoas, com os brasileiros, né? É... teve... às vezes... muitas vezes... um choque de cultura, um choque cultural.

Ao falar sobre as interações sociais no Brasil, o participante demonstra sua capacidade de entender que a desconfiança inicial dos brasileiros é uma reação natural à falta de familiaridade com estrangeiros.

Entrevista: A convivência? É, sim, porque eles... eles não estão acostumados a viver com as pessoas de fora. Ai tem essa diferença, né? Essa... como se...? É... a pessoa... não é prestar atenção, ela se... ela tem uma 'defiança' no início, porque você podia ser perigoso, como não. Ela tem que te estudar melhor.

Ao reconhecer a necessidade de adaptação mútua, o participante exibe as atitudes interculturais que Byram (2021) sugere serem fundamentais para a competência intercultural – a capacidade de suspender julgamentos imediatos e buscar entender o outro em seu próprio contexto.

O **conhecimento cultural** do participante foi sendo moldado à medida que ele foi experienciando a vida no Brasil, desde a correção de suas percepções prévias sobre o país até a observação das diferenças em hábitos alimentares e sociais.

Entrevista: Antes de vir pra cá eu tinha muito preconceito sobre o Brasil. Pra mim o Brasil era um país de maltratos, país de criminosos, um país que tenha... que tinha criminoso em séries, né? Como nos Estados Unidos. Porque quando eu assistia o jornal, a TV, o jornal, TV, sempre Rio de Janeiro os criminosos, os moradores das favelas matavam os policiais. Os policiais matavam os moradores de favelas. E os filmes que eu assistia também tinha essas cenas, né? De violência aos policiais e os moradores de favelas. Ai pra mim o Brasil inteiro tinha só isso. E nunca tinha ouvido falar, por exemplo, do Minas Gerais. Era só Rio de Janeiro e São Paulo. E Brasília porque é normal, é uma cidade diplomática. Ai... é... é uma cidade muito... eu não posso falar famosa, porque é normal, o presidente vive lá. Mas eu vou deixar isso. Ai... quando eu fui lá na ba... na embaixada do meu país, eu perguntei a uma senhora, “ah, o Brasil é um país de verdade violento? Perigoso?”, ela me falou, “não, por quê?”, “porque eu assisti, por exemplo, a Cidade de Deus”. Eu assisti esse filme ((acha graça)). Quando eu assisti esse filme, esse filme eu assisti esse filme há muitos anos atrás, mas... e está gravado na minha cabeça.

Sua percepção inicial foi construída com base em estereótipos e notícias, algo comum entre aqueles que nunca tiveram contato direto com a cultura. Contudo, após vivenciar a realidade do país, ele começou a desenvolver um entendimento mais complexo e realista. Além disso, ao comparar os hábitos alimentares entre Brasil e Gabão, ele aprofunda seu conhecimento cultural.

Entrevista: Agora eu tô vendo, é um país normal, são as mesmas violências, só que as... depois dos Estados Unidos é o segundo país que tem números de armas em circulação, maior número de armas em circulação. Mas além disso, é um país normal, tem pessoas que vivem, a vida é... parecida a do meu país, é a mesma coisa. Tem certos... tem problemas sociais, né? Tem problemas... quando (inint) [00:16:25] qualquer tipo de problemas tem. Eu estou vendo que é normal, é um país normal.

Entrevista: Lá eles também comem tubérculo, eu não como tubérculo, eles comem tubérculo. Mas folha de mandioca lá no meu país todo mundo come isso. Mas aqui vocês jogam fora, não sei por quê.

Essa comparação não apenas revela as diferenças, mas também ressalta o valor cultural atribuído a certos alimentos. Byram (2021) afirma que o conhecimento intercultural envolve a compreensão das normas sociais subjacentes, algo que o Participante 6 reconhece, por exemplo, ao observar como os hábitos alimentares variam entre as culturas.

O participante demonstra uma **habilidade significativa de interpretar e relacionar as diferenças culturais** ao abordar os estereótipos dos brasileiros em relação à África. Ele reflete sobre essas visões equivocadas e busca corrigi-las, agindo como mediador intercultural.

Entrevista: O brasileiro ele tem uma visão, preconceito sobre... sobre África, porque eles pensam que África é um país, né? Você tem que explicar pra eles, porque eu vi que não é culpa deles, né? É um país, porque mesmo... mesmo as pessoas como, por exemplo, os professores, né? As pessoas estudadas elas pensam isso, que África é um país. Então cê tem que esclarecer isso, porque eles não vivem lá, eles não iam saber. Por exemplo, eu não sabia que Brasil é um país federal, porque eu não sabia o que que é um país federal, o que que é um Estado Federativo. Eu não sabia. Aí eu expliquei pra eles que África não é um país, é um continente. E nesse continente tem cada estado independente. Por exemplo, como na Europa tem França, Espanha, Ucrânia, sueca, Suíça, é a mesma coisa lá da África. Aí eu fa... aí ele... que eles fazem é o seg... que eles fazem é o seguinte. Eles falam de um modo geral, né? Eles falam, porque eles não sabem para o meu pa... eles... eles nunca tinham ouvido falar, nunca tinham ouvido falar do meu país. Aí eu... eu expliquei. Mas o que eles falavam tinha uma pou... tem um pouco de verdade também. Eu também eu... eu 'tomo' pra eles, eu 'dei' tudo pra eles, "você sabe o que as pessoas pensam do Brasil fora... né? Pra gente então isso machuca também (inint) [00:22:42] machuca porque eu sempre pensei que meu país era um país, né... bonitão, porque tem muitas pessoas que querem ir lá por causa das riquezas, né? E também por causa do salário mínimo, porque a partir do salário mínimo você pode viver bem no meu país. Embora que as coisas estejam muito caras, mas cê pode viver bem. É porque que o trabalho no meu

país, porque... aqui, por exemplo, eu vi que um funcionário, por exemplo, uma pessoa que trabalha para o Ministério Público... o ministério não dá por exemplo, pra ele um carro, uma casa. Ao invés no meu país nós temos essa política, né? Favorecer o funcionário. Tem muita corrupção, mas favorecer o funcionário, dar pra ele uma casa, um carro, pra ele não atrasar, né? Pra ele ter uma... uma moradia. Porque depois ele poderia construir a casa dele, mas ele é novo, ele não tem condição pra comprar, né? Pra ter uma casa agora. Ai... eu falei pra... a gente... a gente discu... a gente... a gente discutia, né? Sobre as preconceitos. Eles fa... ele... eles falavam, “é verdade”. Eu também falei pra eles. Então, ele tinha essa... eles tinham essa visão negativa do meu país. Não do meu país, da África. Mas tinha um vínculo com meu país.

O comportamento de explicar e corrigir os mal-entendidos reflete a competência de mediar culturas, uma característica crucial no modelo de Byram (2021). Dessa forma, o Participante 6 não apenas interpreta as percepções limitadas dos brasileiros sobre a África, mas também se envolve ativamente na correção dessas concepções, promovendo um diálogo intercultural. Essa capacidade de relacionar e de interpretar as diferenças culturais se estende à maneira como ele compara o sistema social e governamental do Brasil com o de seu país.

Entrevista: Antes... entendi. Agora entendi. De vir pra cá achei que meu país era um país, é... que se preocupava o povo, né? Que se preocupava da educação da juventude. É isso que eu achava do meu país. Achava que meu país... meu país... meu país, é... cuida muito bem dos funcionários. Embora que os funcionários não estejam... atentos aos... aos perigos que eles estão fazendo lá. Mas o Estado, o país nunca despediu eles, nunca e... é isso que eu pensava, pensava também que meu país amava muito os funcionários. Porque a bagunça que tá lá, ele nunca reagiu até agora.

Aqui, ele não apenas observa as diferenças entre os dois contextos, mas também começa a questionar e a refletir criticamente sobre o que poderia ser feito de forma diferente em seu próprio país.

O processo de adaptação linguística do participante exemplifica a **habilidade de aprender continuamente com as interações** cotidianas e aplicar esse conhecimento em suas comunicações futuras.

Entrevista: Por exemplo, eu usava... eu não sabia e usava os verbos que as pessoas usam mais no... em Portugal. Por exemplo, eu chamei uma menina de rapariga, né? ((acha graça)) Porque no dicionário... rapaz, né? O feminino de rapaz é rapariga. Mas quando eu chamei a menina de rapariga ela ficou brava. Ela falou, “sabe o que quer dizer rapariga no Brasil?”, eu falei, “rapariga é o mesmo que... rapariga quer dizer menina”. Ela me xingou, ela me falou, “vai pesquisar”. Eu pesquisei, eu percebi que tinha um sentido ruim no Brasil. Desde então eu sempre prestei atenção nas minhas traduções, nas palavras que eu pesquisei e também é... como é que é? E também é isso, e o sentido também.

Entrevista: Aí eu percebi que as... fora, as pessoas fora não falam português igual ela falava. Ela disse, “tem o português coloquial e português padrão. E fora é muito mais simples falar o português padrão... coloquial”. Aí eu encontrei uma amiga, né? Ela aprende francês lá no CEFET dois. Ela me... um dia eu fiz uma... eu fiz uma formulação, né, uma frase, aí ela me disse, “não é isso, não faça isso. Porque... é certo, mas você vai ter as pessoas que não vão entender o que você quer dizer. É melhor falar...”, ela... ela me mostrou um jeito de falar que era muito simples. Ao invés de me complicar, por exemplo, com os lhes, por exemplo, lhe, ao invés de te, por exemplo, o ‘o’, ‘a’, e também os verbos. Por exemplo, eu usava...

Essa fala demonstra como o participante aprendeu com seus erros e ajustou seu uso da língua, uma competência essencial no desenvolvimento da comunicação intercultural. Além disso, ele relata como adaptou seu português ao contexto informal. Esses exemplos reforçam o que Byram (2021) argumenta sobre a importância de se aprender não apenas os elementos técnicos de uma língua, mas também as normas sociais e culturais que regem seu uso.

O participante 6 **reflete criticamente** sobre as condições sociais no Brasil e no Gabão, demonstrando uma consciência cultural crítica em desenvolvimento. Ele reconhece as questões sociais do Brasil, como o feminicídio e a violência armada, enquanto também critica o sistema de governo de seu país.

Questionário: O que mudou é a realidade aqui, vi várias coisas aqui que nunca imaginei como por exemplo a taxa de feminicídio, numeros de assaltadores que têm armas.

Entrevista: Mas quando... quando eu vim pra cá, né? Eu vi que... meu país tá se... é... (inint) [00:18:29] meu país tá de brincadeira conosco, né? Porque eu tô vendo que, por exemplo, aqui, né? Quando eu vi por exemplo... o PIB do... de Minas Gerais e PIB do meu país, o PIB do meu país é muito maior do que o PIB de Minas Gerais. Não entendo por que um país de 1 milhão e 500 mil habitantes tem só apenas 30 por cento da população aproveita da... das riquezas. (inint) [00:18:55] por Minas Gerais, enquanto Minas Gerais tem muito... tem muito mais pessoas. Além disso, como eu tô vendo só... como eu tô vendo só Belo Horizonte, as infraestruturas, por exemplo, as... as universidades, por exemplo.

Entrevista: Bom, eu acho que o que poderia ser feito é... incentivar isso a pesquisar, ao invés de adi... ao invés de... adiantar. É adiantar? Ao invés de começar a falar sem ter conhecimentos da coisa, é melhor pesquisar antes. Porque eu também... eu tava errado, né? Qualquer pessoa no Brasil, essa que... tem uma violência aqui, mas... não é isso, isso é só sobre uma pequena parte do Brasil. Porque só Rio de Janeiro é muito pequeno compatível com o estado de Minas Gerais. Aí... é melhor pesquisar...

Essas reflexões críticas sobre os dois países indicam sua capacidade de analisar e comparar diferentes contextos sociais e políticos. Byram (2021) sugere que a consciência cultural crítica

envolve não apenas a avaliação das práticas culturais, mas também a busca por soluções e transformações. O Participante 6 parece estar desenvolvendo essa competência ao questionar as realidades políticas de ambos os países. Ele também propõe a educação como uma solução para a falta de conhecimento sobre a África, reforçando seu papel como um agente de transformação intercultural.

4.2.7 Participante 7

A Participante 7, oriunda de Gana, oferece uma perspectiva interessante sobre o desenvolvimento de sua competência intercultural. Suas falas refletem as transformações em sua vivência no Brasil e demonstram o desenvolvimento dos saberes descritos por Byram (2021).

As **atitudes interculturais** da Participante 7 são evidentes em como ela inicialmente construiu suas expectativas em relação ao Brasil, principalmente em função da ideia de que o país poderia ter neve, e sua posterior aceitação da realidade climática brasileira. Ela descreve que, mesmo tendo criado essa expectativa incorreta, rapidamente aceitou a realidade sem frustração.

Questionário: Eu tive a visão do Brasil antes eu viajei para cá sobre neve mas quando eu cheguei eu ouvi que o Brasil não tem “sazão” de neve.

Entrevista: Isso, aqui. Mas, quando eu cheguei, as pessoas me falam que não, o Brasil não tem neve. Eu falei que tudo bem e depois...

Ao chegar ao Brasil e perceber que suas expectativas climáticas não correspondiam à realidade, a Participante 7 lida de forma tranquila com a descoberta, o que evidencia uma atitude aberta para a aceitação das diferenças culturais e ambientais. Além disso, ao refletir sobre as diferenças culturais entre Gana e Brasil, ela faz a seguinte comparação:

Entrevista: Pra mim, o Brasil é igual Gana. As pessoas, muito amizade. É, igual Gana, sim. [...] Antes [silêncio] Eu não me lembro muito bem, mas... a visão... eu imaginei que o Brasil vai ser igual Gana. E, de verdade, é. Sim.

Essa fala demonstra a capacidade do participante em traçar paralelos entre as duas culturas, destacando semelhanças nas relações interpessoais e na receptividade dos brasileiros, o que reflete sua atitude de abertura e facilidade de adaptação. Ela não apenas aceitou as diferenças, mas também conseguiu enxergar pontos de convergência entre os dois países, algo fundamental na perspectiva de Byram (2021) sobre as atitudes interculturais.

No aspecto do **conhecimento**, a Participante 7 adquire uma compreensão mais ampla sobre a cultura brasileira, tanto por meio de suas interações diárias quanto por suas aulas formais. Ela

reconhece a importância de aprender sobre a cultura local de maneira mais estruturada, por meio de suas aulas sobre a cultura brasileira.

Entrevista: Sim. Sim. Eu, para conhecer a cultura brasileira muito bem, eu tinha aula com uma professora cada sexta-feira, para saber mais sobre a cultura. E eu percebi que tem a ver com a cultura... um pouco a ver com a cultura de Gana. Às vezes, aula sobre doação, como dirigir, algumas coisas assim. Tem a ver com cultura de Gana. Mas, além disso, não. Nada mais.

Aqui, a Participante 7 descreve como as aulas desempenharam um papel significativo no aumento de seu conhecimento cultural, ajudando-a em uma melhor compreensão sobre a sociedade brasileira e suas particularidades.

Entrevista: Carnaval, sim, chama muito a atenção. Quando eu cheguei aqui, eu tinha aula antes, carnaval chegou. As coisas que eu aprendi me assustou, porque minha professora me falou que quando você vai participar na carna... no carnaval, você tem que se cuidar muito bem. Tipo, você não pode beber uma coisa e deixar aberta, senão uma pessoa pode colocar uma coisa dentro e você vai beber e morrer. Então, eu não participo, não participei no carnaval deste ano, mas eu acho que carnaval me chamou muito a atenção. Sim.

Esse exemplo revela que, além do aprendizado formal, ela também adquiriu informações práticas sobre eventos culturais no Brasil, como o carnaval, e foi instruída sobre cuidados a serem tomados durante essas festividades. Para Byram (2021), o conhecimento mais contextualizado da cultura local e suas singularidades são fatores determinantes para a interação intercultural.

A Participante 7 relata a maneira como sua visão de mundo e sua forma de pensar foram transformadas após chegar ao Brasil. Ao comparar a cultura de Gana com a brasileira, ela destaca as diferenças, mas também demonstra uma **capacidade de refletir sobre essas disparidades e ajustá-las em seu entendimento**.

Entrevista: A maneira que eu penso agora muda. Porque... a minha cultura em Gana é diferente do que é aqui. E, quando eu cheguei no primeiro mês, segundo, eu... eu vejo aqui... aqui no Brasil tem cultura muito diferente. Então, foi um pouco estranha pra mim. O que os brasileiros, as brasileiras fazem. Foi um pouco diferente. Não um pouco, grande diferente. Aqui, você veja, você vê uma pessoa com a namorada ou o namorado dele ou dela caminhando, ficando junto. Tipo, sabe, né?

Essa fala indica que ela reconhece e interpreta as práticas culturais brasileiras, diferenciando-as das suas próprias, e ajusta sua maneira de pensar a partir dessa interação, algo que está diretamente relacionado ao desenvolvimento da competência de interpretar e relacionar,

conforme Byram (2021). Outro exemplo significativo desse processo de interpretação é a percepção das oportunidades proporcionadas pelo aprendizado da língua portuguesa:

Entrevista: O processo... eu comecei estudando português desde 25 dia de fevereiro. No início, eu não entendia nada. Então, eu não gostava aula. Quando eu tenho que ir aula, eu fiquei muito nervoso, tipo: "Não quero ir aula." Mas no (maio de) [00:13:09] julho, eu percebi que português é uma língua muito boa, muito legal. Então, eu tenho que estudar, não é só pra fazer o meu curso, mas é uma língua muito bonita. Então, quando você fala português, você, eu percebi também que é uma língua... não sei se quato... fourth?

Aqui, a Participante 7 demonstra sua habilidade de interpretar suas primeiras experiências com a língua e com o contexto educacional brasileiro, e como isso inicialmente afetou sua atitude e mudança de percepção sobre a língua. Esse processo de ajuste ao novo ambiente revela uma habilidade contínua de reavaliar e de modificar suas convicções.

A Participante 7 relatou a incorporação de novos hábitos culturais, como a mudança em sua alimentação. Ela menciona que, em Gana, não tinha o costume de comer certos alimentos, mas que no Brasil **começou a experimentar e a se adaptar** aos novos costumes alimentares.

Entrevista: A comida. Quando eu estava em Gana, eu não comia farinha, né? Mas, aqui no Brasil, eu come. A gente fala: "Ah, você é muito estranha", porque em Gana você não comia qualquer comida, mas aqui você come tudo. Então, é um... eu acho que é muito boa pra mim. Agora, eu tenho outra língua. Eu, em Gana, eu falava twi e inglês, mas agora eu tenho português também. É uma oportunidade pra mim. É... eu vejo que é muito boa.

Essa fala ilustra como a Participante 7 adotou novos hábitos ao entrar em contato com a culinária brasileira, mostrando sua habilidade de descobrir e de interagir com novos significados culturais, ajustando-se de forma ativa e participativa.

Além disso, sua experiência inicial com a aprendizagem da língua portuguesa reflete outra instância desse saber como se vê no trecho:

Entrevista: No início, foi muito difícil pra mim, porque eu não falava portuguesa. Não falava. Então, quando quero ir na... no um lugar... pra vir aqui no CEFET, também foi um pouco difícil. Eu me lembro, no início, quando o primeiro... a primeira... não, o primeiro dia, quando eu vim aqui no CEFET, eu venho com uma pessoa. Então, quando eu quis voltar, eu só, somente eu que tem que voltar. E eu peguei ônibus errado, pra outro lugar. Eu não tinha crédito pra chamar ninguém, pra... eu não falava português. Então, eu conheci uma pessoa que eu perguntei: "Você fala inglês?" Ela fala: "Não." Então, já era pra mim ter que ir buscar meu ônibus sozinha, faz tudo isso sozinha. Mas, graças a Deus, eu voltei pra minha casa. Então, no início

foi muito difícil, mas quando o dia foi passando, eu fala... eu falo português agora, então eu quero fazer qualquer coisa que eu quero.

Esse exemplo mostra como, apesar das dificuldades iniciais, o participante conseguiu se adaptar e interagir melhor no ambiente cultural e linguístico, exemplificando sua capacidade de enfrentar desafios e, eventualmente, adquirir novas habilidades culturais e comunicativas. Além disso, mostra a importância do uso da língua nas interações cotidianas e realização de tarefas.

A Participante 7 **reflete** sobre como muitos brasileiros não conhecem seu país de origem e as percepções errôneas que eles têm sobre Gana.

Entrevista: Eu já conheci muitas pessoas que nunca conhece o nome “Gana”. Quando você fala: “Ah, eu sou de Gana.” E eles vão perguntar: “Gana tem a luz? Gana tem água? Gana tem...” Coisas muito... coisas simples. Porque eles acham que Gana é uma cidade dentro da África, eles não sabem que Gana é um país como o Brasil. Só que é um pouquinho, um país pequeno, mas eles não sabem que é um país, eles só imagina que é uma cidade dentro da África.

Além disso, a Participante 7 adota uma postura ativa ao tentar corrigir esses equívocos e conscientizar as pessoas sobre a realidade de seu país. Essa ação de conscientizar e de corrigir equívocos culturais está alinhada à Consciência Cultural Crítica, de acordo com Byram (2021), pois envolve um esforço para transformar a maneira como as pessoas veem sua cultura de origem.

Entrevista: Então, eu fala mais sobre Gana. Tem isso e tem isso. Fala muito sobre Gana. E as pessoas gostam, conhecem outra país que nunca ouviu...

Esse engajamento ativo da Participante 7 em compartilhar mais sobre Gana e, assim, mudar as percepções equivocadas, demonstra seu papel como uma mediadora cultural, contribuindo para o conhecimento sobre sua própria cultura e minimizando visões estereotipadas.

4.2.8 Participante 8

A Participante 8, do sexo feminino e oriunda da Jamaica, compartilha as suas percepções e experiências no Brasil.

Inicialmente, a Participante 8 demonstrou uma **atitude** aberta em relação ao Brasil e às novas experiências que o país lhe proporcionaria. Apesar dos desafios iniciais, ela rapidamente se mostrou interessada em aprender e explorar a cultura brasileira.

Questionário: Eu vim aqui no Brasil para estudar e explorar o país. A bolsa de estudos também é bom pois meu curso preferido é caro.

Entrevista: Ah, no início foi difícil, porque eu não conhecia a língua ou muitas pessoas para me ajudar, até para comprar coisas na supermercado, pegar ônibus. E no início eu aprendi frases específicos para as situações e repeti. E cada situação nova eu adicion... adicionei a frase e continuava. Eventualmente eu aprendi a língua e pôde se comunicar com as pessoas. No final foi muito bom, eu... tinha bastante conhecimento para falar e interagir com as pessoas. E até sair de casa com amigas, amigos para festas e coisas assim.

Byram (2021) ressalta que as atitudes interculturais envolvem a capacidade de questionar suposições e adotar uma curiosidade genuína em relação à nova cultura. A fala da Participante 8 revela essa abertura, especialmente ao descrever como ela se adaptou gradualmente, lidando com desafios diários e explorando novas situações. A progressão do uso da língua e o engajamento com a vida social indicam um esforço consciente para se integrar à nova cultura, o que reflete a disposição para explorar novas possibilidades e aprender continuamente.

A Participante 8 também descreve como essa adaptação resultou em uma transformação pessoal significativa.

Entrevista: Eu acho que agora eu sou uma pessoa mais independente comparado com antes. Antes eu... até agora eu vivo com a minha mãe ((acha graça)) então cada situacion... cada situação eu chamo a minha mãe para opinião dela ou... como eu devo fazer algumas coisas. Mas agora eu chamo ela menos, porque lá no Brasil... aí no Brasil não tinha uma ajuda dela. Então agora eu sou uma pessoa mais independente. E baseado na opinião dela, ela acha que eu ri mais.

Esse desenvolvimento de autonomia vai além da adaptação cultural e reflete também uma evolução emocional. De acordo com Byram (2021), a experiência intercultural não apenas expande o conhecimento do outro, mas também proporciona ao indivíduo uma nova compreensão de si mesmo. A capacidade da Participante 8 de lidar com situações desafiadoras, sem o apoio imediato de sua família, demonstra uma nova independência adquirida por meio da vivência intercultural.

Ao reconhecer que precisou adaptar-se e desenvolver sua independência, a participante não apenas abraça a cultura local, mas também se reinventa, valorizando essa disposição para o autodesenvolvimento e a compreensão crítica do mundo à sua volta.

A Participante 8 inicialmente trouxe uma visão idealizada do Brasil, especialmente no que diz respeito ao ambiente natural, que se ajustou à medida que ela experimentou a realidade das áreas urbanizadas do país. Isso é evidenciado quando ela expressa seu desapontamento em:

Questionário: Brasil parece como todos outros lugares do mundo que descuidam da natureza, cobrindo tudo com concreto.

Entrevista: Hum... ((silêncio)) eu tinha visão do... das praias e... festas, pessoas alegrias. Mais da natureza de verdade. Eu pensei que tem mais cachoeiras e mato em todo lugar eu posso... viajar aí e encontrar a natureza, mas Brasil é como (inint) [00:08:39]. Mas quando che... quando cheguei é... a maioria dos lugares que eu encontrei são urbanizadas com concreta, com ruas, coisas assim. Então foi um pouco... desapontada, porque eu gosto muito da natureza, então eu fui pensando, “ah, eu vou ter aventura pelo Brasil em qualquer lugar”. Mas é cidades como qualquer outro lugar.

Esse ajuste de expectativas demonstra como a vivência no Brasil a levou a reavaliar suas percepções iniciais. O processo de adaptação e a correção de ideias pré-concebidas fazem parte do que Byram (2021) destaca como essencial no desenvolvimento do conhecimento cultural. A experiência real a fez perceber que o Brasil, como qualquer outro lugar, tem suas áreas urbanas predominantes, contrastando com a imagem de uma natureza abundante que ela esperava encontrar em todos os lugares.

Ela também reflete sobre as diferenças entre Brasil e Jamaica, o que mostra sua capacidade de comparar culturas.

Entrevista: É... ((riso)) a mesma pensa...mento. Não, mas agora eu tenho uma ideia melhor como tão pequeno ((riso)) meu país é, porque brasileiros falam que todos os lugares são pertos, até 5 horas de viagem, “ah, é perto”. 4 horas do lado leste até oeste, na Jamaica em 2 horas, norte do sul. Então para mim, 4 horas é muito longe, mas para brasileiros é... é muito perto. Então agora eu tenho uma ideia melhor que meu país é muito, muito pequeno ((riso)).

Essa fala revela como a experiência brasileira ampliou sua percepção de espaço e distância, algo que inicialmente não fazia parte de sua visão. Esse tipo de comparação e ajuste, conforme Byram (2021), envolve uma reavaliação das próprias percepções à luz de uma nova cultura. Portanto, as vivências da participante ilustram como seu conhecimento cultural foi sendo construído e ajustado, conforme ela confrontava suas expectativas idealizadas com a realidade que encontrou no Brasil.

A Participante 8, ao longo de sua jornada de adaptação, demonstra uma crescente habilidade para lidar com as expressões culturais e linguísticas do Brasil. Ela reflete sobre as dificuldades encontradas ao se deparar com a gramática do português, uma língua muito distinta de sua língua nativa, o inglês.

Entrevista: Foi um pouco difícil, porque a gramática é muito diferente da inglês, da língua inglesa. Mas... com esforço e tempo e as aulas eventualmente consegui. Mas é só isso. Até agora tenho problemas com os gêneros, você pode perceber. E... a gramática ainda porque às vezes eu quando... se a pessoa fala, se a pessoa... e a pessoa... falasse... não? Se a pessoa falar, (inint) [00:15:49] ((voz baixa)). Se

a pessoa falar eu vou entender, mas às vezes para criar frases eu tenho problemas, porque às vezes penso demais e a gramática é muito, muito diferente. A maneira de criar as frases e juntar as palavras não é a mesma. Então eu acho que para os ouvidos das pessoas que falam português eu às vezes parece estranho na fala ((acha graça)).

Essa reflexão revela não apenas a dificuldade com a estrutura linguística, mas também sua sensibilidade em perceber como sua fala pode soar "estranha" para os nativos. Isso ilustra um esforço contínuo em adaptar-se ao novo idioma, interpretando não apenas os significados das palavras, mas também as nuances que tornam a comunicação mais natural e culturalmente adequada. Byram (2021) enfatiza que essa habilidade de interpretar e adaptar-se às formas linguísticas e culturais é essencial para promover interações bem-sucedidas em contextos interculturais.

Além de sua avaliação sobre a língua, a participante também comenta sobre sua experiência com a culinária brasileira.

Entrevista: Eu me acostumei com a comi... com a comida. No Brasil eu comia muito no do bandejão, então cada dia foi arroz e feijão, então eu não acho que eu tenho uma experiência de verdade com comida do Brasil. Eu somente tenho conhecimento da comida do bandejão, porque eu não acho isso vai refletir a diversidade e a complexidade do... da cultura, da gastronomia do país. Então eu somente conheço o bandejão.

Essa fala demonstra uma capacidade crítica de refletir sobre a autenticidade de sua experiência cultural. Ao questionar se o que vivenciou no "bandejão" realmente representa a diversidade da culinária brasileira, ela traz à tona um entendimento mais profundo de que o conhecimento cultural não é algo superficial, reconhecendo que seu contato com a gastronomia brasileira não foi suficiente para entender sua complexidade.

Ao articular esses pontos, a Participante 8 revela um crescimento significativo em sua **habilidade de interpretar e relacionar** elementos culturais e linguísticos, além de uma crítica reflexiva sobre suas experiências. Esses são elementos centrais para evitar mal-entendidos e para aprofundar sua compreensão da cultura brasileira, conforme discutido por Byram (2021).

A capacidade da Participante 8 de **aprender continuamente e aplicar esse aprendizado em suas interações interculturais** se evidencia em suas falas sobre o processo de adaptação ao português e à cultura brasileira.

Questionário: Estudando português aqui tem sido bom pois eu encontro pessoas nova cada dia.

A Vantagem: Posso aprender mais rápido. Desvantagem: sentindo saudades de seus hábitos e família.

A resposta no questionário demonstra que a Participante 8 entende o aprendizado como um processo social, em que o contato com pessoas novas possibilita uma adaptação mais rápida à língua e à cultura. Byram (2021) destaca que o aprendizado intercultural é mais eficaz quando está inserido em contextos sociais, em que o uso prático da língua facilita a compreensão das normas culturais e linguísticas. Essa observação reflete o impacto direto da imersão cultural no aprimoramento da sua competência comunicativa.

Na entrevista, a participante reforça como essas interações sociais no dia a dia foram essenciais para a prática do português e para o entendimento das nuances culturais.

Entrevista: Depois da aula normalmente... nós jantamos... jan... nós podemos jantar. E fala português, fala sobre dia e escola e coisas da cultura. Então... esse momento de compartilhar informação ou informações sobre a cultura e a vida da cada pessoa foi... foi um momento para praticar. Então eu acho me ajudou.

Aqui, percebe-se que a prática do português não se limitou ao ambiente formal de sala de aula, mas se expandiu para momentos de convivência, como os jantares com colegas. Byram (2021) ressalta que a habilidade de descobrir e de interagir envolve a capacidade de aprender com essas interações cotidianas e aplicá-las em novos contextos, facilitando a compreensão das diferentes culturas. O ato de compartilhar informações sobre o cotidiano e a cultura de cada pessoa proporcionou um espaço de troca significativa, em que a Participante 8 não só aprimorava sua competência linguística, mas também adquiria novos entendimentos culturais.

A Participante 8 utilizou esses momentos sociais como oportunidades para aplicar o que aprendeu em sala de aula, evidenciando uma postura ativa no processo de descoberta e de adaptação. Esse engajamento constante reflete sua capacidade de descobrir e de interagir de maneira eficaz em novos contextos, o que é central no modelo de Byram (2021). Assim, ela demonstra que a imersão cultural vai além do aprendizado formal e inclui uma prática contínua nas interações cotidianas, enriquecendo seu repertório cultural e comunicativo.

A Participante 8 revela uma crescente **consciência crítica ao refletir sobre as práticas culturais e sociais observadas** no Brasil, como demonstra em sua análise das atitudes ambientais dos brasileiros:

Entrevista: Hum... ((silêncio)) apensar de ter co... coleção seletiva que é muito bom, percebi que tem muitas pessoas que não... que quer ignorar essa parte e... [...] que não... que não obedece... obedece... não é lei, mas regra de organizar o

lixo. Eu acho que isso é muito bom para o meio ambiente, para o país. Mas percebi que estrangeiros quando pessoas falam sobre essa regra ou essa norma, estrangeiros seguem? Seguir? [...] Seguem essa norma, mas cidades não, botam todo o lixo no mesmo sacola e joga fora, coisas assim. Mas eu acho que brasileiros têm não... às vezes não cuida muito bem do país que eles têm. Somente isso.

A Participante 8 observa que, apesar da existência de normas de coleta seletiva, muitos brasileiros não seguem essas regras, contrastando com a postura dos estrangeiros. Ela expressa uma crítica à falta de cuidado ambiental, destacando uma lacuna entre o que é esperado e o que é praticado. Esse tipo de reflexão ilustra a consciência cultural crítica, que, segundo Byram (2021), envolve a habilidade de analisar as práticas culturais, identificar discrepâncias e avaliar criticamente os comportamentos sociais. Ao destacar essa contradição, a Participante 8 não apenas compreende as normas ambientais, mas também questiona a aplicação delas, especialmente em comparação ao comportamento de estrangeiros.

Além de refletir sobre o contexto brasileiro, a participante também se engaja em disseminar o conhecimento adquirido sobre o Brasil, mostrando uma atitude ativa de compartilhar suas percepções e aprendizados.

Entrevista: Diretamente não reflete na minha vida, mas, quando pessoas me... quando pessoas... me perguntam sobre Brasil, eu tenho mais conhecimento e às vezes eu em... eu ensino pessoas sobre a cultura ou o jeito, coisas do Brasil. Isso é a maneira que eu... essa informação é incluída na minha vida. Fora disso, não... ou quando eu assisti coisa na Netflix do Brasil, eu entendo as piadas melhor, porque eu tenho conhecimento, uma base. Um base. Uma base?

Esse comportamento reflete a capacidade da participante de usar sua compreensão da cultura brasileira para enriquecer suas interações com outras pessoas e promover um entendimento intercultural mais profundo. De acordo com Byram (2021), essa ação de compartilhar e disseminar o conhecimento cultural demonstra não apenas um engajamento crítico, mas também uma predisposição para criar diálogos que transcendam as fronteiras culturais. Ao explicar aspectos do Brasil para outros, ela contribui para maior conscientização intercultural, transformando o conhecimento adquirido em uma ferramenta de conexão e entendimento mútuo.

Dessa forma, a participante não apenas critica as práticas que observa, mas também age como mediadora intercultural, difundindo seu conhecimento e promovendo uma visão mais rica da cultura brasileira em suas interações sociais.

4.3 Conclusão

Neste capítulo, apresentei a análise dos registros dos participantes com base na teoria de Byram (2021), evidenciando aspectos essenciais do desenvolvimento da competência intercultural. Foram destacados diversos componentes como atitudes, conhecimentos e habilidades de interação, que ilustram como os alunos vivenciaram suas experiências culturais. A reflexão ao longo da análise mostrou como a teoria de Byram contribui para uma compreensão mais profunda dessas interações. A seguir, trago minhas considerações finais sobre as descobertas desta pesquisa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após o esforço de compreensão da competência intercultural dos participantes desta pesquisa, direciono agora a escrita para sintetizar os principais resultados obtidos e elaborar as considerações finais. Retomo as perguntas que orientaram a análise dos dados, buscando respondê-las e refletir sobre as implicações que a competência intercultural pode trazer para fortalecer as interações entre culturas diversas. Além disso, utilizo este capítulo para destacar as contribuições da pesquisa e sugerir possíveis direções para futuras investigações no campo da educação intercultural.

5.1 Retomada das perguntas de pesquisa

As perguntas de pesquisa que guiaram o meu esforço durante a análise dos registros gerados são agora retomadas e respondidas. Sendo elas: **quais as visões/opiniões dos participantes com relação à sua cultura e à cultura do outro?** e **Como a competência intercultural dos alunos do curso Pré-PEC-G é coconstruída pelas culturas em interação?**

Com base nos resultados da análise feita, a visão dos participantes sobre sua própria cultura e a cultura do outro foi fortemente influenciada pelas experiências diretas e cotidianas no Brasil. Eles demonstraram uma tendência a comparar aspectos familiares de suas culturas de origem com o que encontraram no novo ambiente. Um exemplo claro é a percepção sobre a culinária brasileira, que foi fortemente influenciada pelo contato com o ‘bandejão’ do CEFET. Essa experiência, em um contexto específico, criou uma visão mais restrita da diversidade cultural do Brasil, destacando como o contexto de interação afeta suas opiniões.

Ao longo do tempo, os participantes passaram a perceber nuances culturais mais amplas, especialmente no que se refere a valores e a costumes. Inicialmente, muitos vieram com expectativas formadas por estereótipos, como a ideia do Brasil festivo e natural. Contudo, a vivência em um contexto urbano e o contato diário com brasileiros, assim como suas próprias reflexões sobre as diferenças sociais e culturais, fizeram com que essas visões mudassem. Eles começaram a desenvolver maior apreciação pelas complexidades da cultura brasileira, reconhecendo as semelhanças com seus próprios países, mas também identificando desafios e elementos que diferiam substancialmente de suas expectativas iniciais.

Essa interação, embora nem sempre fácil, foi essencial para que os participantes revisassem suas visões de mundo e ampliassem sua competência intercultural. Eles não apenas absorveram

elementos culturais brasileiros, mas também reformularam suas percepções sobre suas próprias identidades culturais. Essa coconstrução de visões reflete o processo dinâmico e transformador da competência intercultural, em que os indivíduos são moldados por novas realidades culturais enquanto negociam suas próprias identidades.

Diante desse cenário, parece possível afirmar que a competência intercultural dos alunos do curso Pré-PEC-G é coconstruída a partir das trocas culturais e das interações cotidianas que permeiam suas experiências. O processo não ocorre de forma linear, mas envolve momentos de conflito, adaptação e reflexões críticas. Esses alunos chegam com uma bagagem cultural específica e suas expectativas sobre o Brasil frequentemente entram em choque com a realidade encontrada, como expressado em suas percepções sobre a vida urbana brasileira, as práticas culturais e os desafios linguísticos.

Essas interações, que inicialmente podem parecer fontes de frustração ou estranhamento, funcionam como catalisadoras do desenvolvimento intercultural. Quando os alunos enfrentam dificuldades, como a barreira linguística ou a percepção limitada que os brasileiros têm de seus países de origem, eles são forçados a refletir sobre suas próprias identidades e a maneira como essas identidades são percebidas pelo outro. Esse processo reflexivo é central para a coconstrução da competência intercultural, pois permite que eles não apenas se adaptem à nova cultura, mas também questionem e negociem os significados atribuídos a essas interações.

Dessa forma, o desenvolvimento dessa competência também não se dá de maneira isolada. Ela é construída em um contexto relacional, no qual os alunos aprendem uns com os outros e com os brasileiros. A troca de experiências culturais, como o compartilhamento de tradições alimentares ou o debate sobre normas sociais, contribui para que eles compreendam as diferentes maneiras de ver e estar no mundo. Byram (2021) enfatiza que a competência intercultural não é apenas uma questão de adaptação passiva, mas envolve uma ação ativa de interpretar, relacionar e criticar diferentes perspectivas culturais.

Além disso, a experiência de "choques culturais", como a discrepância entre as visões idealizadas do Brasil e a realidade urbana que encontraram, oferece oportunidades cruciais para o crescimento. Ao lidarem com essas situações, os alunos desenvolvem resiliência e uma capacidade maior de negociar significados e reconhecer a complexidade das interações interculturais. A consciência crítica é outro componente fundamental: ao refletirem sobre a falta de conhecimento dos brasileiros em relação a seus países de origem, eles não apenas observam essas limitações, mas

também se tornam agentes de transformação social, compartilhando suas próprias experiências e corrigindo percepções equivocadas.

Esses choques e interações contribuem para o desenvolvimento da autonomia e da capacidade de autorreflexão dos alunos. A adaptação cultural e a aquisição do português tornam-se não apenas uma questão de sobrevivência, mas uma forma de engajamento crítico com a nova cultura. Ao aplicarem as habilidades de descoberta e de interação, como mostrado em suas experiências com a alimentação e o aprendizado da língua, eles não apenas aprendem novas formas de estar no mundo, mas também transformam suas próprias identidades culturais.

Portanto, a competência intercultural dos alunos do Pré-PEC-G é coconstruída através de uma rede complexa de interações, na qual as culturas se encontram, se confrontam e se transformam mutuamente. O processo envolve tanto o aprendizado prático e a adaptação quanto a reflexão crítica e a capacidade de questionar e de reinterpretar as normas culturais. Ao final, os alunos não apenas integram novos saberes culturais, mas se tornam mais conscientes das múltiplas maneiras de estar no mundo, reconhecendo tanto as semelhanças quanto as diferenças que emergem das interações interculturais.

5.2 Implicações sociais

Algumas pessoas podem acreditar que a competência intercultural se resume apenas em aceitar diferentes culturas. Porém, ela vai além de apenas entender e respeitar outras culturas; ela pode ser um meio de transformação pessoal e social para os indivíduos que a desenvolvem. Quando alunos estrangeiros do curso Pré-PEC-G, por exemplo, se deparam com as diferenças culturais, podem ser levados a refletir criticamente sobre sua própria realidade e o contexto ao qual foram expostos. Essa consciência crítica pode levá-los a questionar estruturas de poder, desigualdades e práticas culturais, que antes consideravam normais ou inquestionáveis. Esse posicionamento frente aos desafios globais, como o racismo, a desigualdade e a xenofobia, contribui para a formação de uma sociedade mais justa e equitativa.

Assim, essa transformação tem o potencial de influenciar diretamente a realidade dos alunos em diversas esferas. Ao se depararem com realidades sociais e políticas distintas, eles são incentivados a reconsiderar o papel que desempenham em suas comunidades de origem e nos novos contextos em que estão inseridos. Ao se tornarem conscientes das diferenças de tratamento, de acesso a oportunidades e de expectativas culturais, os alunos desenvolvem habilidades de questionamento e se tornam mais aptos a agir em prol de mudanças.

No plano pessoal, essa capacidade de análise crítica pode levar ao desenvolvimento de um senso mais aguçado de agência, por meio do qual os alunos se veem capazes de influenciar as dinâmicas sociais ao seu redor. Isso está intimamente ligado ao conceito de educação política que Byram (2021) discute, em que a competência intercultural não se restringe ao aprendizado de línguas ou à convivência pacífica com o outro, mas, sim, à construção de uma cidadania ativa e participativa, para que se contribua para mudanças reais nas sociedades. Nesse sentido, a competência intercultural pode ser vista como uma preparação não apenas para viver em um mundo globalizado, mas também para contribuir ativamente para sua melhoria.

5.3 Principais contribuições deste trabalho

Conforme elencado anteriormente, a pesquisa realizada oferece importantes contribuições para a compreensão do desenvolvimento da competência intercultural, especialmente em contextos educativos como o curso Pré-PEC-G. Ao analisar o processo de aprendizagem e de adaptação dos participantes, este trabalho evidencia como a competência intercultural pode ser utilizada como uma ferramenta pedagógica capaz de transformar práticas educacionais e promover a reflexão crítica. A competência intercultural estimula os alunos a questionarem suas próprias percepções culturais e a se engajarem ativamente em discussões políticas e sociais, algo essencial para a promoção da cidadania. Assim, esta pesquisa destaca a relevância de se adotar uma abordagem intercultural no ensino de línguas, com ênfase na formação de cidadãos mais conscientes e críticos.

Além disso, os dados coletados evidenciam os benefícios de uma educação intercultural em um cenário em que o estado da arte ainda é limitado. O estudo se coloca como um suporte para educadores e pesquisadores que desejam aprimorar suas práticas pedagógicas ao considerar a importância do intercâmbio cultural no processo de ensino e aprendizagem. Como professora, vejo a importância de agir como facilitadora desse processo, promovendo uma educação que valorize a diversidade cultural e contribua para o diálogo entre diferentes culturas.

5.4 Sugestões para futuras pesquisas

Para aprofundar o entendimento do desenvolvimento da competência intercultural, uma sugestão seria realizar uma pesquisa longitudinal, acompanhando os alunos ao longo de um período escolar mais extenso. Esse tipo de estudo permitiria uma análise mais robusta das transformações nas atitudes interculturais dos participantes e das influências recíprocas entre suas culturas de origem e a cultura brasileira. Além disso, o uso de ferramentas de avaliação mais variadas e

contínuas ajudaria a captar nuances importantes no processo de construção da competência intercultural.

Originalmente, esse acompanhamento mais prolongado era uma meta para esta pesquisa, mas fatores externos impediram que fosse realizado no tempo disponível. No entanto, futuras investigações podem explorar essa possibilidade, proporcionando uma compreensão mais profunda e holística das dinâmicas interculturais envolvidas no contexto educacional, especialmente no ensino de línguas para estrangeiros.

Futuras investigações podem, também, fornecer um olhar mais abrangente sobre a construção da competência intercultural, particularmente no ensino de línguas para estrangeiros, com potencial para contribuir significativamente em contextos educacionais. A observação contínua e o uso de metodologias mais diversificadas permitirão captar melhor as transformações interculturais. Ao destacar o impacto de uma abordagem pedagógica que favoreça a diversidade cultural, esta pesquisa abre portas para práticas mais inclusivas, que promovam tanto o desenvolvimento pessoal dos alunos quanto sua inserção ativa em um mundo globalizado.

6 REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. Divisão de Temas Educacionais. *Manual do Estudante – Convênio*, 2013. Disponível em: <<http://www.dce.mre.gov.br/PEC/PECG.php>>. Acesso em: 01 mar. 2019.

BYRAM, M. *Teaching and assessing intercultural communicative competence*. Clevedon: Multilingual Matters, 1997.

BYRAM, M. *Teaching and assessing intercultural communicative competence: Revisited*. 2. ed. Bristol: Blue Ridge Summit: Multilingual Matters, 2021.

BYRAM, M.; FLEMING, M.; SHEILS, J. (ed.) *Quality and equity in education: A practical guide to the Council of Europe vision of education for plurilingual, intercultural and democratic citizenship*. Bristol, UK: Multilingual Matters, 2023.

CAMPOLINA, I. B. *Competência intercultural na prova oral do exame Celpe-Bras: um estudo comparativo*. Graduação em Letras – ênfase em Tecnologias da Edição, do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (Trabalho de Conclusão de Curso). Belo Horizonte, 2017.

COELHO, R. P.; CAMPOLINA, I. B. Curso preparatório para o Celpe-Bras no CEFET-MG: práticas interculturais. In: COURA-SOBRINHO, J.; TOSATTI, N. M.; NEVES, L. O.; COELHO, R. P. *Estudos em Português como Língua Estrangeira: pesquisa e prática*. Belo Horizonte: 2019. p. 27-52.

COURA-SOBRINHO, J.; COELHO, R. P.; TOSATTI, N. M.; NEVES, L. O. Ações institucionais para acolhimento ao aluno estrangeiro: muito além da sala de aula. *Atas do XXVII Encontro da Associação das Universidades de Língua Portuguesa: confluências de culturas no mundo lusófono*. Campinas: Associação das Universidades de Língua Portuguesa (AULP), 2017. p. 73-78.

KRAMSCH, C. *Context and culture in language teaching*. Oxford: Oxford University Press, 1993.

KRAMSCH, C. The symbolic dimensions of the intercultural. *Language Teaching*, v. 44, n. 3, 2011, p. 354–367.

LEROY, H. R. Interculturalidade e avaliação em língua-cultura portuguesa para estrangeiros: a competência intercultural no exame Celpe-Bras. In: DELL’ISOLA, R. L. P. (org.). *O exame de proficiência Celpe-Bras em foco*. Campinas: Pontes Editores, 2014. p. 55-68.

MENDES, E. *Abordagem comunicativa intercultural (ACIN): uma proposta para ensinar e aprender língua no diálogo de culturas*. Programa de Pós-Graduação do Instituto de Estudos

de Linguagem da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP (Tese de Doutorado). São Paulo, 2004. 432 f.

MENDES, E. O português como língua de mediação cultural: por uma formação intercultural de professores e alunos de PLE. In: MENDES, E. (org). *Diálogos interculturais: ensino e formação em português língua estrangeira*. Campinas: Pontes Editores, 2011. p. 139-158.

MICCOLI, L.; BAMBIRRA, R.; VIANINI, C. Experiential research for understanding the complexity of teaching and learning English as a foreign language. *Ilha do Desterro: Exploring Major Themes in Applied Linguistics: Local and global contexts*, v. 73, n. 1, p. 19-42, 2020. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-8026.2020v73n1p19>

PARAQUETT, M. Multiculturalismo y aprendizaje de lenguas extranjeras. In: *Actas del II Simpósio Didáctica de E/LE José Carlos Lisboa*. Rio de Janeiro: Instituto Cervantes, 2005. p.301-307.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. 2. ed. Novo Hamburgo/RS: Universidade FEEVALE, 2013.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Questionário Português/Inglês	88
APÊNDICE B – Questionário Português/Francês	95
APÊNDICE C – Roteiro da entrevista	102

APÊNDICE A – Questionário Português/Inglês

QUESTIONÁRIO DOS PARTICIPANTES

QUESTIONNAIRE TO PARTICIPANTS

Este questionário é parte de uma investigação sobre o desenvolvimento de competência intercultural por estudantes matriculados na turma de 2019 do Curso Preparatório para o Celpe-Bras (Pré-PEC-G), oferecido pelo CEFET-MG. Pesquisadora responsável: Isabela Bertho Campolina.

This questionnaire is part of an investigation with respect to the development of intercultural competence by students enrolled in the 2019 class of the Preparatory Course for Celpe-Bras (Pre-PEC), offered by CEFET-MG. Researcher in charge: Isabela Bertho Campolina.

Nome ou apelido:

Name or nickname :

.....

Por favor, leia as perguntas com atenção e dê respostas sinceras e completas.

Please read the questions attentively and give complete and sincere answers.

1- Por que você veio para o Brasil?

Why did you come to Brazil?

.....

2- Como tem sido a sua vida aqui no Brasil?

How has your life been here in Brazil?

.....

.....

.....

3- A visão que você tinha do Brasil antes de vir para cá continua a mesma?

Is the vision you had of Brazil before coming here still the same?

() SIM (YES) () NÃO (NO)

Se NÃO, o que mudou? *If NO, what changed ?*

.....

.....

.....

E a visão que você tinha do seu país, mudou? *The vision you had of your country, has it changed ?*

() SIM (YES) () NÃO (NO)

Se SIM, o que mudou?

If YES, what changed ?

.....

.....

.....

4- O que o(a) levou a se interessar pela língua portuguesa?

What moved you to develop an interest for Portuguese?

.....

.....

.....

Como tem sido a sua experiência de estudar português no Brasil? *How has your experience been studying Portuguese in Brazil?*

Quais são as vantagens e as desvantagens de estar imerso em um país de língua portuguesa? *What are the*

advantages and disadvantages of being immersed in a Portuguese speaking country?

.....

.....

.....

- 5- Você já havia estudado português antes? *Have you ever studied Portuguese before?*
 () SIM (YES) () NÃO (NO)

Se SIM, onde? *If YES, where?*

.....

Durante quanto tempo?

For how long?

.....

- 7- Quais são os seus hábitos de estudo? *What's your study routine like?* Como você se organiza para aprender Português formalmente, ou seja, no curso do CEFET-MG? *How do you organize yourself to learn Portuguese formally, that is, in the course offered by CEFET-MG?*

.....

.....

.....

- 8- Como busca aprender português informalmente em seu dia a dia, nas situações reais de interação que vivencia fora da sala de aula? Pode nos dar pelo menos um exemplo? *How do you seek to learn Portuguese informally in your daily life, in the real situations of interaction that you experience outside the classroom? Can you give us at least one example?*

.....

.....

.....

- 9- Você estuda nos finais de semana ou concentra a atividade durante a semana? *Do you study on weekends or concentrate activities during the week?*

10- Quais aspectos da cultura brasileira em geral mais lhe chamam a atenção?

Which aspects of Brazilian culture in general attract your attention most?

11- Do que você sente falta em sua vida no Brasil, tendo como referência a vida que tinha em seu país de origem? *What do you miss in your life in Brazil, based on the life you had in your country of origin?*

12- O que você gosta de fazer aqui no Brasil nos seus momentos de lazer?

What do you like doing here in Brazil during your leisure time?

13- Você tem muitos amigos aqui em Belo Horizonte? *Do you have a lot of friends here in Belo Horizonte ?*

() SIM (YES) () NÃO (NO)

Quantos, aproximadamente? *Approximately how many?*

14- Entre seus amigos que moram em Belo Horizonte, há quantos brasileiros?

Among your friends who live in Belo Horizonte, how many are Brazilians??

15- Você tem o hábito de sair com amigos nos finais de semana aqui em Belo Horizonte?

Do you usually go out with friends on weekends here in Belo Horizonte?

(☐) SIM (YES) (☐) NÃO (NO)

Se SIM, qual (is) programa (s) gosta de fazer com eles? *If YES, what do you like to do with them ?*

.....

.....

.....

Seus amigos brasileiros estão incluídos nesses programas de lazer?

Are your Brazilian friends included in these leisure programs?

(☐) SIM (YES) (☐) NÃO (NO)

16- Você já visitou outras cidades brasileiras além de Belo Horizonte?

Have you ever visited other Brazilian cities besides Belo Horizonte ?

(☐) SIM (YES) (☐) NÃO (NO)

Há cidades a que não foi ainda e que gostaria de conhecer? Quais seriam elas?

Are there cities you have not been to yet and would like to visit? Which cities?

.....

.....

Por que as deseja conhecer? O que sabe sobre elas?

Why would you like to visit those cities? What do you know about them?

.....

.....

17- Você tem amigos brasileiros morando em outras cidades do Brasil?

Do you have Brazilian friends living in other Brazilian cities ?

(☐) SIM (YES) (☐) NÃO (NO)

Se SIM, onde? *If YES, where ?*

.....

18- Quais aspectos da culinária brasileira mais lhe chamam a atenção? Por quê?

Which aspects of Brazilian cuisine attract your attention? Why?

.....

19- Quais pratos típicos da culinária brasileira você já provou?

What typical Brazilian dishes have you tried?

.....

E quais outros gostaria de provar?

And which others would you like to try?

.....

20- A culinária do Brasil se parece com a culinária do seu país?

Is Brazilian cuisine similar to that of your country?

() SIM (YES) () NÃO (NO)

Se SIM, em que elas se aproximam (tempero, tipo de alimento, maneira de tratamento do alimento etc.)? *If YES, in what ways are they alike (seasoning, type of food, way of food treatment, etc) ?*

.....

Se NÃO, em que elas se diferem? *If NO, how are they different ?*

.....

.....

.....

Muito obrigada!

Thank you!

APÊNDICE B – Questionário Português/Francês

QUESTIONÁRIO DOS PARTICIPANTES *QUESTIONNAIRE DES PARTICIPANTS*

Este questionário é parte de uma investigação sobre o desenvolvimento de competência intercultural por estudantes matriculados na turma de 2019 do Curso Preparatório para o Celpe-Bras (Pré-PEC), oferecido pelo CEFET-MG. Pesquisadora responsável: Isabela Bertho Campolina.

Ce questionnaire fait partie d'un travail de recherche sur le développement de la compétence interculturelle des étudiants inscrits au cours de préparation au Celpe-Bras (Pré-PEC) offert par le CEFET-MG en 2019. Chercheuse responsable : Isabela Bertho Campolina

Nome ou apelido:

Nome ou surnom :

.....

Por favor, leia as perguntas com atenção e dê respostas sinceras e completas.

Veuillez, s'il vous plait, lire les questions attentivement et donner des réponses sincères et complètes.

1- Por que você veio para o Brasil?

Pourquoi êtes-vous venu(e) au Brésil ?

.....
.....
.....

2- Como tem sido a sua vida aqui no Brasil?

Comment est votre vie au Brésil ?

.....

.....

.....

- 3- A visão que você tinha do Brasil antes de vir para cá continua a mesma?

La vision du Brésil que vous aviez avant d'y venir est-elle restée la même ?

() SIM (OUI) () NÃO (NON)

Se NÃO, o que mudou?

Si NON, qu'est-ce qui a changé ?

.....

.....

.....

E a visão que você tinha do seu país, mudou? *La vision que vous aviez de votre pays a-t-elle changée ?*

() SIM (OUI) () NÃO (NON)

Se SIM, o que mudou?

Si OUI, qu'est-ce qui a changé ?

.....

.....

.....

- 4- O que o(a) levou a se interessar pela língua portuguesa?

Qu'est-ce qui vous a amené(e) à vous intéresser à la langue portugaise ?

.....

.....

.....

- 5- Como tem sido a sua experiência de estudar português no Brasil? *Que pensez -vous de votre expérience d'étudier le portugais au Brésil ?* Quais são as vantagens e as

desvantagens de estar imerso em um país de língua portuguesa? *Quels sont les avantages et les inconvénients d'être immergé dans un pays de langue portugaise ?*

.....

.....

.....

6- Você já havia estudado português antes? *Aviez-vous appris le portugais avant ?*

() SIM (*OUI*) () NÃO (*NON*)

Se SIM, onde? *Si OUI, où ?*

.....

Durante quanto tempo? *Pendant combien de temps ?*

.....

7- Quais são os seus hábitos de estudo? *Quelle est votre routine d'apprentissage ?*

Como você se organiza para aprender Português formalmente, ou seja, no curso do CEFET-MG? *Comment vous organisez-vous pour apprendre le portugais formellement (pendant le cours de portugais du CEFET-MG)*

.....

.....

.....

8- Como busca aprender português informalmente em seu dia a dia, nas situações reais de interação que vivencia fora da sala de aula? Pode nos dar pelo menos um exemplo? *Comment cherchez-vous à apprendre le portugais de manière informelle, dans votre quotidien et dans les interactions que vous vivez à l'extérieur du cours ? Donnez au moins un exemple.*

.....

.....

.....

Você estuda nos finais de semana ou concentra a atividade durante a semana?

Etudiez-vous le week-end ou réservez-vous cette activité pour la semaine ?

.....

10- Quais aspectos da cultura brasileira em geral mais lhe chamam a atenção?

Quels aspects de la culture brésilienne en général ont le plus retenu votre attention ?

.....

9- Do que você sente falta em sua vida no Brasil, tendo como referência a vida que tinha em seu país de origem? *En prenant comme référence votre vie dans votre pays d'origine, qu'est-ce qui vous manque au Brésil ?*

.....

10- O que você gosta de fazer aqui no Brasil nos seus momentos de lazer?

Qu'est-ce que vous aimez faire au Brésil pendant votre temps libre ?

.....

11- Você tem muitos amigos aqui em Belo Horizonte? *Vous avez beaucoup d'amis à Belo Horizonte ?* () SIM (OUI) () NÃO (NON)

Quantos, aproximadamente?

Combien environ ?

12- Entre seus amigos que moram em Belo Horizonte, há quantos brasileiros?

Parmi vos amis qui vivent à Belo Horizonte, combien il y a-t-il de Brésiliens ?

.....

13- Você tem o hábito de sair com amigos nos finais de semana aqui em Belo Horizonte?

Avez-vous l'habitude de sortir avec vos amis le week-end à Belo Horizonte ? () SIM

(OUI) () NÃO (NON)

Se SIM, qual (is) programa (s) gosta de fazer com eles?

Si OUI, quelles activités aimez-vous faire ?

.....

Seus amigos brasileiros estão incluídos nesses programas de lazer?

Vos amis brésiliens participent-ils à ces activités de loisirs ?

() SIM (OUI) () NÃO (NON)

14- Você já visitou outras cidades brasileiras além de Belo Horizonte?

Avez-vous visité d'autres villes brésiliennes que Belo Horizonte ?

() SIM (OUI) () NÃO (NON)

Há cidades a que não foi ainda e que gostaria de conhecer? Quais seriam elas?

Il y a-t-il des villes que nous ne connaissez pas encore et que vous souhaiteriez visiter ?

Lesquelles ?

.....

Por que as deseja conhecer? O que sabe sobre elas?

Pourquoi souhaitez-vous les connaître ? Que savez-vous de ces dernières ?

.....

15- Você tem amigos brasileiros morando em outras cidades do Brasil?

Avez-vous des amis brésiliens qui vivent dans d'autres villes du Brésil ?

() SIM (OUI) () NÃO (NON)

Se SIM, onde?

Si OUI, où ?

.....

16- Quais aspectos da culinária brasileira mais lhe chamam a atenção? Por quê?

Quels aspects de la gastronomie brésilienne retiennent le plus votre attention ?

Pourquoi ?

.....

17- Quais pratos típicos da culinária brasileira você já provou?

Quels plats typiques de la gastronomie brésilienne avez-vous déjà goûtés ?

.....

E quais outros gostaria de provar?

Quels autres plats aimeriez-vous goûter ?

.....

18- A culinária do Brasil se parece com a culinária do seu país?

La gastronomie brésilienne est-elle similaire à celle de votre pays ?

() SIM (OUI) () NÃO (NON)

Se SIM, em que elas se aproximam (tempero, tipo de alimento, maneira de tratamento do alimento etc.)?

Si OUI, en quoi sont-elles proches (assaisonnement, type d'aliments, manière de préparer les aliments, etc) ?

.....

.....

.....

Se NÃO, em que elas se diferem?

Si NON, en quoi diffèrent-elles ?

.....

.....

.....

Muito obrigada!

Merci beaucoup !

APÊNDICE C – Roteiro da entrevista

Ir de acordo com a interação. Adaptar-se.

Fazer desmembramentos. Comente. Por quê? Me dê um exemplo? Pode falar mais sobre?

Agradecer, falar sobre sinceridade, respostas completas, constrangimento, gravação, tempo.

Não vai ser identificado.

Por que você veio para o Brasil?

Justificar escolha, justificar atividade.

Tinha opção de ir para outro lugar?

Veio sozinho ou com a família?

Como tem sido a sua vida aqui no Brasil?

Como era no início ? Como é agora ? Como acha que será em caso de aprovação do Celpe-Bras ? Teve dificuldades ? Qual foi a melhor coisa ?

Baseado na sua experiência, durante a sua vivência aqui no Brasil, você acredita que mudou como pessoa ?

Na sua opinião, quais aprendizados você teve durante o ano ?

A visão que você tinha do Brasil antes de vir para cá continua a mesma?

() SIM () NÃO Se NÃO, o que mudou?

Qual era a visão que você tinha do Brasil antes de vir para cá ?

Qual a visão que você tem agora ?

Dê exemplos. Comente

E a visão que você tinha do seu país, mudou?

() SIM () NÃO

Se SIM, o que mudou?

Qual era a visão que você tinha do seu país antes de vir para cá ?

Qual a visão que você tem agora ?

Dê exemplos. Comente.

Baseado no tempo que você passou no Brasil, você percebeu se o brasileiro tem alguma visão sobre o seu país e/ou a África ?

Como você vê isso ? Como você se sente em relação a essa visão ? Você gostaria que isso fosse diferente ? E como você acreditaria que poderia mudar esse aspecto ?

***Lembrar de traçar um paralelo com estereótipo nas análises.**

O que o(a) levou a se interessar pela língua portuguesa?

A resposta da maioria deve ser o programa PEC-G.

Se não fosse o programa, estudaria português? Por quê?

Como tem sido a sua experiência de estudar português no Brasil? Quais são as vantagens e as desvantagens de estar imerso em um país de língua portuguesa?

Como foi a sua experiência de estudar português no Brasil ? Comente o processo. Quais foram as vantagens ? Quais foram as desvantagens ?

Na sua opinião, o curso colaborou de alguma maneira para sua reflexão sobre aspectos culturais (sobre si, sobre Brasil e sobre o outro) ? Como isso se reflete na sua vida hoje ?

Você teve oportunidade de refletir sobre a sua cultura e/ou apresentá-la a seus colegas e à comunidade ? Comente

Quais outros ensinamentos você leva do curso ?

E qual foi a sua relação com a equipe do CEFET ?

Como foi a sua interação com os professores ? Com os monitores ? Com a SRI ?

Como foi a interação com os seus colegas de curso ? *Sugerir mais perguntas neste sentido, se foi positivo, se auxiliaram, como conviver com outras culturas além da brasileira, coisas do tipo (vai depender do andamento das respostas)*

Você já havia estudado português antes?

() SIM () NÃO Se SIM, onde? Durante quanto tempo?

Não fazer. A resposta não muda.

Quais são os seus hábitos de estudo? Como você se organiza para aprender Português formalmente, ou seja, no curso do CEFET-MG?

Agora que o curso acabou e você já prestou o exame, você continua estudando português (pode aparecer outras disciplinas aqui)? Se sim, como você se organiza para estudar já que não frequenta mais as aulas?

Esses hábitos mudaram em relação aos últimos 5 meses durante os quais você se preparou para o exame? Comente.

Como busca aprender português informalmente em seu dia a dia, nas situações reais de interação que vivencia fora da sala de aula? Pode me dar pelo menos um exemplo?

Amigos ? Igreja ? Atividades do dia a dia ? Música ? TV ? Rádio ? Internet ?

Você estuda nos finais de semana ou concentra a atividade durante a semana?

Agora que você não está mais no preparatório, o que você tem feito durante a semana ?

Está estudando ? O quê ? De que forma ? E no final de semana ?

Quais aspectos da cultura brasileira, em geral, mais lhe chamam a atenção?

Por quê ? Comente. (Pessoas, comida, música, carnaval, comportamento etc.)

Se a resposta for positiva, perguntar algum aspecto negativo.

Se a resposta for negativa, perguntar algum aspecto positivo.

Do que você sente falta em sua vida no Brasil, tendo como referência a vida que tinha em seu país de origem?

Não fazer. Tentar adaptar pra na pergunta acima.

O que você gosta de fazer aqui no Brasil nos seus momentos de lazer?

Por quê ?

Você tem muitos amigos aqui em Belo Horizonte? () SIM () NÃO Quantos, aproximadamente?

Adaptar: Você fez muitos amigos aqui neste tempo no Brasil? Se sim, fale sobre eles. São estrangeiros? Brasileiros? Daqui de BH ou de outros lugares?

Você tem amigos brasileiros morando em outras cidades do Brasil? E amigos de outros países? Moram onde? Alguém da família?

Se não, por que você acredita que ainda não fez amizade aqui em BH?

Entre seus amigos que moram em Belo Horizonte, há quantos brasileiros?

Não fazer.

Você tem o hábito de sair com amigos nos finais de semana aqui em Belo Horizonte?

() SIM () NÃO

Se SIM, qual (is) programa (s) gosta de fazer com eles?

Seus amigos brasileiros estão incluídos nesses programas de lazer?

() SIM () NÃO

Adaptar :

Você tem o hábito de sair com amigos ? (Não fazer se a pessoa falou que não fez nenhuma amizade em BH)

Brasileiros e estrangeiros ? Só Brasileiros ? Só estrangeiros ?

Se não, por quê ? Comente.

Quais atividades de lazer vocês costumam fazer ?

(Quais tipos de atividades : Festas ? Se reúnem em casa ? Bar ? Cinema ? Comida ? Fale um pouco a respeito).

Nova pergunta : Seus amigos – estrangeiros e OU brasileiros - conversam em qual língua com você ? Por quê ?

Você acredita que seus amigos te ajudaram no aprendizado do português ? Por quê ? De que forma ? (Tente pensar em qual sentido. Sua fala melhorou ? Te ensinaram expressões TÍPICAS DA LÍNGUA PORTUGUESA? SE SIM, QUAIS ?)

Você já visitou outras cidades brasileiras além de Belo Horizonte?

() SIM () NÃO

Você já visitou outras cidades brasileiras ? Quais ? Como foi a experiência ? Foi sozinho ou com o Cefet-MG ? Foi a algum evento ?

Há cidades a que não foi ainda e que gostaria de conhecer ? Quais seriam elas ? Por que deseja conhecê-las ? O que sabe sobre elas ? Como ficou sabendo sobre ?

Você tem amigos brasileiros morando em outras cidades do Brasil?

() SIM () NÃO

Não fazer. Fazer na 13.

Quais aspectos da culinária brasileira mais lhe chamam a atenção? Por quê?

Quais pratos típicos da culinária brasileira você já provou?

E quais outros gostaria de provar?

A culinária do Brasil se parece com a culinária do seu país?

() SIM () NÃO

Se SIM, em que elas se aproximam (tempero, tipo de alimento, maneira de tratamento do alimento *etc.*)?

Se NÃO, em que elas se diferem?

Adaptar : Quais aspectos da culinária brasileira mais lhe chamam a atenção? Por quê?

Se aparecer EM ALGUMA RESPOSTA: arroz + feijão. PERGUNTAR: Por que acha estranho? Se focar no negativo, perguntar algum aspecto positivo. Se focar no positivo, perguntar algum aspecto negativo.

O que mais gostou de experimentar? Por quê?

Quais outros gostaria de provar? Por quê? Como conheceu?

Quais aspectos da culinária brasileira parecem com A DO seu país? E no que se diferem?

Trazer pra atualidade. Passou a gostar? JÁ se acostumou? Qual a sua relação com a alimentação atualmente?

ANEXOS

ANEXO I – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em Português	108
ANEXO II – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em Inglês	112
ANEXO III – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em Francês	116

ANEXO I – Termo de consentimento livre e esclarecido em Português**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Projeto CAAE: _____, aprovado pelo Sistema CEP/CONEP, em ____ de _____ de 2019.

Prezado(a) _____,

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada: *Desenvolvimento de competência intercultural por aprendizes de Português como língua Adicional: estudo multicaso em um curso preparatório para o PEC-G oferecido pelo CEFET-MG*. Este convite se deve ao fato de você ser um aluno do curso preparatório para o PEC-G no CEFET-MG, neste ano de 2019, quando a pesquisa será realizada.

A pesquisadora responsável pela pesquisa é Isabela Bertho Campolina, RG: 17.333.548, aluna do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (POSLING) do CEFET-MG, sob orientação da professora doutora Maria Raquel de Andrade Bambirra.

A pesquisa refere-se ao desenvolvimento de competência intercultural - habilidade dos falantes de se comunicarem em suas próprias línguas com outras línguas e culturas -, ou seja, tem como objetivo geral analisar o desenvolvimento da competência intercultural de estudantes matriculados no curso preparatório para o exame Celpe-Bras, ofertado pelo CEFET-MG, para candidatos ao PEC-G. Acreditamos que ela se justifica pela importância de se considerar questões interculturais no âmbito do ensino e da aprendizagem de língua estrangeira, pois isso significa adotar uma perspectiva que busca intensificar o diálogo entre pessoas de culturas diferentes.

Como fases da pesquisa, a geração dos registros foi pensada para acontecer em três momentos:

- a) Aplicação de um questionário semiestruturado aos estudantes participantes;
- b) Aplicação de entrevistas semiestruturadas mensais, gravadas em áudio, com duração de no máximo 20 minutos, relacionadas aos temas: alimentação, lazer e estudos;

- c) Segunda aplicação do questionário semiestruturado no fim das aulas, em setembro, para fins de validação das análises feitas das entrevistas, pela pesquisadora.

Você irá contribuir para o desenvolvimento da pesquisa ao aceitar participá-la, que no caso significa simplesmente responder aos dois questionários e participar de quatro entrevistas, envolvendo os temas: alimentação, lazer e estudo, sendo uma por mês, durante os meses de junho a setembro, na biblioteca do Campus I, com dia e hora a serem agendados segundo a sua disponibilidade e conveniência, de forma a não atrapalhar o horário da sua aula e/ou seus compromissos. Ao aceitar participar desta pesquisa e assinar este termo, você também concorda na utilização dos registros gerados pelos questionários e entrevistas dos quais você participará.

Caso as questões a serem abordadas pelo questionário quanto pelas entrevistas gerem algum tipo de desconforto a você, você pode optar por não responder a qualquer delas, se sentir-se constrangido(a) por qualquer motivo, como também pode deixar a pesquisa quando quiser. Além disso, a pesquisadora promete falar de forma clara e lentamente para facilitar a sua compreensão, e caso você não compreenda a pergunta, a pesquisadora poderá repeti-la ou fazê-la em outra língua. Durante todo o processo de coleta de registros da pesquisa, também ofereceremos um espaço com privacidade, silêncio e conforto, para que você se sinta à vontade.

Quanto aos benefícios diretos que a pesquisa lhe oferece, existe a expectativa de que as seções de entrevista possam levá-lo a refletir sobre os temas escolhidos, o que tem potencial para que você se conheça melhor, em especial, que compreenda como a sua competência intercultural foi desenvolvida ao longo da pesquisa. Além disso, a sua contribuição será muito importante para a pesquisadora e, possivelmente, à comunidade científica do Brasil, na área de interculturalidade em relação direta ao ensino e à aprendizagem de Português como Língua Adicional no nosso contexto.

Como participante de uma pesquisa e de acordo com a legislação brasileira, você é portador de diversos direitos, além do anonimato, da confidencialidade, do sigilo e da privacidade, mesmo após o término ou interrupção da pesquisa. Assim, lhe é garantido:

- A observância das práticas determinadas pela legislação aplicável, incluindo as Resoluções 466 (e, em especial, seu item IV.3) e 510 do Conselho Nacional de Saúde, que disciplinam a ética em pesquisa e este Termo;
- A plena liberdade para decidir sobre sua participação sem prejuízo ou represália alguma, de qualquer natureza;
- A plena liberdade de retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem prejuízo ou represália alguma, de qualquer natureza. Nesse caso, os registros colhidos de sua participação até o momento da retirada do consentimento serão descartados a menos que você autorize explicitamente o contrário;
- O acompanhamento e a assistência, mesmo que posteriores ao encerramento ou interrupção da pesquisa, de forma gratuita, integral e imediata, pelo tempo necessário, sempre que requerido e relacionado a sua participação na pesquisa, mediante solicitação ao pesquisador responsável;
- O acesso aos resultados da pesquisa;
- O ressarcimento de qualquer despesa relativa à participação na pesquisa (por exemplo, custo de locomoção até o local combinado para a entrevista), inclusive de eventual acompanhante, mediante solicitação ao pesquisador responsável;
- A indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa;
- O acesso a este Termo. Este documento é rubricado e assinado por você e por um pesquisador da equipe de pesquisa, em duas vias, sendo que uma via ficará em sua propriedade. Se perder a sua via, poderá ainda solicitar uma cópia do documento ao pesquisador responsável.

Qualquer dúvida ou necessidade – nesse momento, no decorrer da sua participação ou após o encerramento ou eventual interrupção da pesquisa – pode ser dirigida à pesquisadora, por e-mail: isabelabertho@gmail.com, telefone (31)99222-8384, pessoalmente ou via postal para Rua Coração Eucarístico de Jesus, 5, apto 201, bairro Coração Eucarístico, em Belo Horizonte – MG, CEP: 30535-460. Se preferir, ou em caso de reclamação ou denúncia de descumprimento de qualquer aspecto ético relacionado à pesquisa, você poderá recorrer à orientadora, profa. Dra. Maria Raquel Bambirra, lotada no Departamento de Linguagem e Tecnologia da instituição (DELTEC), e-mail: raquelbambirra@gmail.com, ou ao Comitê de Ética em Pesquisa

(CEP) do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), vinculado à CONEP (Comissão Nacional de Ética em Pesquisa), comissões colegiadas que têm a atribuição legal de defender os direitos e interesses dos participantes de pesquisas em sua integridade e dignidade, e de contribuir para o desenvolvimento das pesquisas dentro dos padrões éticos. Você poderá acessar a página do CEP, disponível em: <<http://www.cep.cefetmg.br>>, ou contatá-lo pelo endereço: Av. Amazonas, n. 5855 - Campus VI, e-mail: cep@cefetmg.br, telefone: +55 (31) 3379-3004 ou presencialmente, no horário de atendimento ao público: às terças-feiras: 12:00 às 16:00 horas e quintas-feiras: 07:30 às 12:30 horas.

Se optar por participar da pesquisa, peço-lhe que rubrique todas as páginas deste Termo, identifique-se e assine a declaração a seguir, que também será rubricada e assinada pela pesquisadora.

DECLARAÇÃO

Eu, _____, abaixo assinado, de forma livre e esclarecida, declaro que aceito participar da pesquisa como estabelecido neste TERMO.

Assinatura do participante da pesquisa: _____

Assinatura da pesquisadora: _____

Belo Horizonte, _____ de _____ de 20__

Se quiser receber os resultados da pesquisa, indique seu e-mail ou, se preferir, endereço postal, no espaço a seguir: _____

ANEXO II – Termo de consentimento livre e esclarecido em inglês

INFORMED CONSENT FORM

CAAE Project: _____, approved by the CEP / CONEP System, on _____
_____ 2019.

Dear _____,

You are being invited to participate in the survey entitled: *Intercultural Competence Development by learners of Portuguese as an Additional Language: A multiple case design in a preparatory course for the PEC-G offered by CEFET-MG*. This invitation is because you are a student of the preparatory course for the PEC-G at CEFET-MG, this year 2019, when the research will be conducted.

The researcher responsible is Isabela Bertho Campolina, RG: 17,333,548, a Postgraduate student in Language Studies (POSLING) of CEFET-MG, under the guidance of Professor Maria Raquel de Andrade Bambirra.

The research refers to the development of intercultural competence - the ability of speakers to communicate in their own languages with other languages and cultures - that is, it has as its general objective, the analysis of the development of intercultural competence of students enrolled in the preparatory course for the Celpe-Bras exam, offered by CEFET-MG, for PEC-G candidates. We believe that it is justified by the importance of considering intercultural issues in the context of foreign language teaching and learning as this means adopting a perspective that seeks to intensify the dialogue between people from different cultures.

As phases of the research, the generation of records was thought to occur in three moments:

- (a) Application of a semi-structured questionnaire to participating students;
- (b) the application of monthly semi-structured audio-recorded interviews of a maximum duration of 20 minutes, related to the subjects: food, leisure and studies;

(c) Second application of the semi-structured questionnaire at the end of classes, in September, for the validation of the analyses made from the interviews by the researcher.

You will contribute to the development of research by agreeing to participate, which in this case means simply answering both questionnaires and participating in four interviews involving the following topics: food, leisure and study, one per month, from June to September, at Campus I, with day and time to be scheduled according to your availability and convenience, in order not to disrupt your class schedule and / or your appointments. By accepting to participate in this research and by signing this term, you also agree to the use of the records generated by the questionnaires and interviews in which you will participate.

In case the questions to be addressed by the questionnaire as well as the interview excite any form of discomfort or sense of embarrassment in you, you can choose not to respond to any of such. You can as well withdraw from the study whenever you want. In addition, the researcher promises to speak clearly and slowly to facilitate your understanding, and if you do not understand the question, the researcher may repeat it in another language you understand better. Throughout the survey, we will also offer an atmosphere for privacy, silence and comfort, so you feel at ease.

With respect to the benefits that the research offers you, it is expected that the interview sessions may lead you to reflect on the chosen topics, which may potentially serve for you to know yourself better, and especially, to understand how your intercultural competence was developed throughout the research. In addition, your contribution will be very important to the researcher and, possibly to the scientific community of Brazil, in the area of interculturality in direct relation to teaching and learning Portuguese as an Additional Language in our context.

As a research participant and in accordance with Brazilian constitution, you are privy to several rights, in addition to anonymity, confidentiality and privacy, even after the termination or interruption of the survey. Thus, you are guaranteed:

- Compliance with practices determined by applicable law, including Resolutions 466 (and in particular, item IV.3) and 510 of the National Health Council, which govern the ethics in research and this term;

- Full freedom to decide on your participation without prejudice or reprisal, of any nature;
- The full freedom to withdraw your consent at any stage of the research, without prejudice or reprisal of any kind. In this case, the records collected from your participation until withdrawal of consent will be discarded unless you authorize explicitly otherwise;
- Monitoring and assistance, even after the closure or interruption of research, free of charge, in full and immediate, for the necessary time, whenever required and related to your participation in the research, upon request to the researcher responsible;
- Access to search results;
- The reimbursement of any expense related to participation in the research (eg: cost of transportation to the agreed interview location), including any companions, upon request to the responsible researcher;
- Compensation for any damages arising from the research;
- Access to this Term. This document is signed and duplicated by you and a researcher of the research team. One copy belongs to you. In case of misplacement, you may also request a copy of the document from the responsible researcher.

Any questions or requests - now, during your participation or after termination or eventual interruption of the research - can be directed to the researcher, by email: isabelabertho@gmail.com, phone (31) 99222-8384, in person or by post to Rua Coração Eucarístico de Jesus, 5, APT 201, district Coração Eucarístico, Belo Horizonte - MG, CEP: 30535-460. If you prefer, or in case of complaint or report of non-compliance with any ethical aspect related to the research, you may turn to the supervisor, Dr. Maria Raquel Bambirra, at the Department of Language and Technology of the institution (DELTEC), e-mail: raquelbambirra@gmail.com, or the Research Ethics Committee (CEP) of the Federal Centre for Education Minas Gerais Technological Institute (CEFET-MG), linked to CONEP (National Commission of Ethics in Research), collegiate committees that have the legal duty to defend the rights and interests of research participants in their integrity and dignity, and to contribute to the development of the research within ethical standards. You will be able to access the CEP page, available at: <http://www.cep.cefetmg.br>, or direct contact at: Av. Amazonas, n. 5855 - Campus VI, e-mail: cep@cefetmg.br, telephone: +55 (31) 3379-3004 or in person, on Tuesdays: 12:00 pm to 4:00 pm and Thursdays: 7:30 am to 12:30 pm.

If you choose to participate in the survey, please sign all pages of this Term, to identify yourself and sign the following statement, which will also be signed by the researcher.

DECLARATION

I, _____, in a free and informed manner, declare that
I agree to participate in the research as established herein.

Signature of Participant: _____

Researcher's signature: _____

Belo Horizonte, _____ of _____ 20__

If you would like to receive survey results, please fill your email address or, if you prefer, postal address here: _____

ANEXO III – Termo de consentimento livre e esclarecido em francês

FORMULAIRE D'INFORMATION ET DE CONSENTEMENT

Projet CAAE⁹: _____, approuvé par le Système CEP/CONEP, le _____
_____ 2019.

Cher(e) _____,

Vous êtes invité(e) à participer à une recherche sur le thème: « *Développement de la compétence interculturelle chez des apprenants du portugais comme langue additionnelle: une étude de cas multiples dans une classe préparatoire au Celpe-Bras dans le cadre du PEC-G au CEFET-MG* ». De ce fait, la présente invitation vous est envoyée en votre qualité d'étudiant en cours préparatoire du PEC-G, au CEFET-MG, pendant cette année 2019, au moment de la réalisation de ladite recherche.

La chercheuse responsable est Mlle. Isabela Bertho Campolina¹⁰, (Carte d'identité N° 17.333.548), étudiante-chercheuse au sein du Programme universitaire de deuxième et troisième cycles en Études Linguistiques (POSLING) du CEFET-MG, sous la supervision du Dre Maria Raquel de Andrade Bambirra.

La recherche porte sur le développement de la compétence interculturelle, c'est-à-dire la capacité des locuteurs à concilier la communication dans leur propre langue et en d'autres langues et cultures.

⁹ Note du traducteur : La réalisation de tout projet de recherche ici au Brésil passe nécessairement par l'analyse minutieuse et l'approbation d'un Comité à travers une demande de certificat d'éthique (Certificado de Apresentação para Apreciação Ética - CAAE). C'est pourvu de cela que la présente recherche peut être menée et vous est alors présentée. Le Comité d'éthique du CEFET-MG est instituée et doté de cette compétence par la Commission Nationale pour l'Éthique de la Recherche (CEP/CONEP). Les coordonnées dudit comité sont disponibles à la fin du présent formulaire.

¹⁰ Note du traducteur : Il sera fait référence à ladite chercheuse, dans la suite du document, en les thèmes de « la chercheuse ».

La réalisation de ladite recherche est justifiée par l'importance de la prise en compte des questions interculturelles dans le domaine de l'enseignement et apprentissage de langues étrangères, dans la mesure où cela implique l'adoption d'une perspective qui cherche à intensifier le dialogue entre des personnes provenant de différentes cultures.

La collecte de données est organisée en trois phases:

- a) Le remplissage d'un questionnaire semi-structuré par les étudiants participants à la recherche;
- b) La réalisation d'entretiens semi-structurés mensuels, d'une durée maximale de 20 minutes, enregistrés en audio et portant sur les thèmes suivants: alimentation, loisirs et études;
- c) Deuxième phase de remplissage du questionnaire semi-structuré à la fin des cours en septembre, afin de confirmer les conclusions issues des analyses des données recueillies lors des entretiens.

Pour contribuer à la présente recherche il vous suffit d'accepter d'y participer. C'est-à-dire répondre aux deux questionnaires et participer aux quatre entretiens qui porteront sur les thèmes suivants: alimentation, loisirs et études, à raison d'un thème par mois, de juin à septembre. Les rencontres auront lieu au sein de la bibliothèque du Campus I, à des dates et heures à définir ultérieurement, en fonction de votre disponibilité et convenance, de manière à ne pas perturber vos heures d'étude et / ou d'occupations d'autre nature. En acceptant de participer à cette recherche et en signant le présent formulaire, vous concédez également votre accord pour l'utilisation des données générées à partir des questionnaires et entretiens auxquels vous participerez.

Dans le cas où les questions contenues dans le questionnaire ou posées lors des entretiens vous causeraient quelque embarras ou préjudice, vous pouvez choisir de ne répondre à aucune d'entre elles, ou tout simplement de quitter la recherche quand il vous plaira. En outre, la chercheuse promet de s'exprimer clairement et lentement afin de faciliter votre compréhension. Si toutefois vous ne comprenez pas la question, elle pourra la répéter ou la poser dans une autre langue. Elle réservera également un espace privé, calme et confortable pour que vous vous sentiez à l'aise pendant tout le temps que durera la collecte de données.

La recherche vous offre des avantages directs. Il s'agit de la possibilité que les différents entretiens vous amènent à réfléchir à propos des sujets choisis, ce qui pourrait vous permettre de mieux vous connaître, et en particulier, de comprendre comment votre compétence interculturelle s'est développée tout au long de la recherche. De plus, votre contribution sera très importante pour la chercheuse et, éventuellement, pour la communauté scientifique brésilienne, dans le domaine de l'interculturalité en relation directe avec l'enseignement et l'apprentissage du portugais en tant que langue additionnelle dans notre contexte.

En tant que participant d'une recherche et conformément à la législation brésilienne, vous jouissez de plusieurs droits. Il s'agit, entre autres, des droits à l'anonymat, à la confidentialité, au secret et à la privacité, même après que la recherche aie touché à son terme ou aie été interrompu. Ainsi, il vous est garanti:

- Le respect des dispositions de la législation en vigueur, y compris les résolutions 466 (en particulier son item IV.3) et 510 du Conseil National de la Santé, relatives à l'éthique de la recherche et qui sous-tendent le présent formulaire;
- La pleine liberté de participer à la recherche et de revenir sur votre décision sans encourir des préjudices ou représailles de quelque nature;
- La pleine liberté de retirer votre consentement, à n'importe quelle phase de la recherche, sans encourir des préjudices ou représailles de quelque nature que ce soit. Dans ce cas, les données collectées, depuis votre consentement à participer; jusqu'au jour de votre retrait de la recherche seront éliminées, à moins que vous n'autorisiez expressément le contraire;
- Le suivi et l'assistance gratuite, intégrale et immédiate, même après la clôture ou l'interruption de la recherche, pour le temps nécessaire, toutes les fois qu'elle sera sollicitée et en rapport avec votre participation à la recherche, par le biais d'une demande adressée à la chercheuse responsable;
- L'accès aux résultats de la recherche;
- Le remboursement de toute dépense relative à la participation à la présente recherche (par exemple: coût du transport jusqu'au lieu prévu pour la réalisation de l'entretien), y compris d'un potentiel accompagnant, à travers une demande adressée au chercheur responsable.
- L'indemnisation en cas d'éventuels dommages en rapport avec la recherche;
- L'accès à ce Formulaire. Ce document doit être paraphé et signé par vous et par un chercheur de l'équipe de recherche et établi en deux exemplaires originaux, dont l'un restera en votre

possession. En cas de perte de votre exemplaire, vous pourrez solliciter une copie du document auprès du chercheur responsable.

Tout doute ou besoin – de quelque nature que ce soit, qui surgirait au cours de votre participation ou après la fin ou l'interruption éventuelle de la recherche - peut être adressé à la chercheuse, par courrier électronique, à: isabelabertho@gmail.com, par téléphone, au (31) 99222-8384, personnellement ou par correspondance à l'adresse suivante : Rue Coração Eucarístico de Jesus, N° 5, appartement 201, quartier Coração Eucarístico, à Belo Horizonte - MG, Code Postal: 30535460. Ou si vous préférez, encore, au cas où vous auriez une plainte ou dénonciation de non-conformité par rapport à quelque aspect éthique lié à la recherche, vous pouvez contacter la maîtresse de mémoire de la chercheuse, prof. Dr. Maria Raquel Bambirra, du Departamento de Linguagem e Tecnologia (DELTEC), à l'adresse électronique: raquelbambirra@gmail.com, ou, en faire part au Comité d'éthique de la recherche (CEP) du Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), associé à la Commission Nationale pour l'éthique de la recherche (CONEP), commissions collégiales ayant pour attribution légale de défendre les droits et les intérêts des participants à la recherche dans leur intégrité et leur dignité, et de contribuer au développement de la recherche dans le respect des normes éthiques. Vous pouvez accéder à la page web du CEP en accédant à l'adresse web suivante : < <http://www.cep.cefetmg.br> >. Vous pouvez aussi le contacter par email: cep@cefetmg.br, par téléphone au: +55 (31) 3379-3004 ou en personne, en vous rendant à Av. Amazonas, N° 5855 - Campus VI, aux heures de service: le mardi, de 12h00 à 16h00 et le jeudi, de 07h30 à 12h30.

Si vous acceptez de participer à la présente recherche, veuillez parapher toutes les pages de ce Formulaire, vous identifier et signez la déclaration suivante, qui sera également paraphée et signée par la chercheuse.

DÉCLARATION DU PARTICIPANT

Je soussigné, _____, accepte de participer librement et en toute connaissance de cause à la recherche définie dans le présent Formulaire.

Signature du participant: _____

Signature de la chercheuse: _____

Belo Horizonte, le _____ 2019

Si vous souhaitez recevoir les résultats de la recherche, veuillez indiquer votre adresse électronique dans l'espace ci-dessous: _____